

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS
CENTRO DE TEOLOGIA E HUMANIDADES
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**UMA DÉCADA DE DESAFIOS NO ENSINO DE HOMEOPATIA: A UNIRIO DE
1999 A 2009**

Humberto Portugal Karl

Petrópolis
2010

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS
CENTRO DE TEOLOGIA E HUMANIDADES
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

UMA DÉCADA DE DESAFIOS NO ENSINO DE HOMEOPATIA: A UNIRIO DE
1999 A 2009

Dissertação apresentada à Faculdade
de Educação da UCP como requisito
para a conclusão do Mestrado em Educação

Humberto Portugal Karl
Prof. Dr. Antonio Flavio Barbosa Moreira
(Orientador)

Petrópolis
2010

Ficha Catalográfica

K18d

Karl, Humberto Portugal.

Uma década de desafios no ensino da homeopatia: a UNIRIO de 1999 a 2009. / Humberto Portugal Karl.

Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis, Mestrado em Educação, 2010.

104p.

Orientador: Antonio Flavio Barbosa Moreira.

Monografia apresentada ao curso de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Petrópolis como requisito parcial da obtenção do título de mestre, 2010.

1. Homeopatia - ensino. 2. UNIRIO. I. Moreira, Antonio Flavio Barbosa. II. Uma década de desafios no ensino da homeopatia.

CDD 370

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS
CENTRO DE TEOLOGIA E HUMANIDADES
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

UMA DÉCADA DE DESAFIOS NO ENSINO DE HOMEOPATIA: A UNIRIO DE 1999
A 2009

Mestrando: Humberto Portugal Karl

Orientador: Prof. Dr. Antonio Flavio Barbosa Moreira

Petrópolis, 9 de abril de 2010.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antonio Flavio Barbosa Moreira
Universidade Católica de Petrópolis

Profª. Drª. Cléia Zanatta Clavery Guarnido Duarte
Universidade Católica de Petrópolis

Prof. Dr. Jorge Calmon de Almeida Biolchini
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

DEDICATÓRIA

Agradeço

A Deus, inteligência suprema do Universo, causa de tudo o que existe, fonte de vida, sabedoria e inspiração superior.

Ao professor Dr. Antonio Flavio Barbosa Moreira, meu orientador, por ter me acolhido como seu orientando e que, com o seu conhecimento e sua experiência, me iniciou nos estudos históricos do Currículo e acreditou que um médico, numa experiência transdisciplinar, pudesse encontrar pertinência numa pesquisa sobre a história do ensino de Homeopatia numa Instituição de Ensino Superior.

À professora Dr^a. Cléia Zanatta Clavery Guarnido Duarte, pela sua competência, dedicação e pelo incentivo que resultaram na redução das dificuldades na transposição das diversas fases dessa pesquisa, na sua qualificação e defesa, ao fazer parte da banca.

Ao professor Dr. Jorge Calmon de Almeida Biolchini, pela sua participação e valiosas contribuições na banca de defesa dessa dissertação.

À professora Dra. Adriana Hoffmann Fernandes, pelas orientações e conselhos oferecidos na fase de qualificação.

À professora Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos, pelo apoio e conselhos úteis à materialização desse sonho.

Aos professores do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Petrópolis que, desde o processo de seleção, contribuíram para a minha formação nesse campo do conhecimento.

Aos Mestrandos em Educação da UCP, pelo coleguismo e compreensão demonstrados em todos os momentos que passamos juntos.

Ao Professor Fernando, homeopata da UNIRIO, que com sua orientação inicial, norteou todo o trabalho dessa pesquisa sob o ponto de vista da Homeopatia na UNIRIO.

Aos professores homeopatas e alopatas da Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO, que concederam as entrevistas, aconselharam os caminhos e facilitaram o acesso aos documentos utilizados nessa pesquisa.

Às professoras do Instituto Hahnemanniano do Brasil, pelo apoio, entrevistas e documentos utilizados na compreensão dos fatos históricos citados.

Ao Instituto Hahnemanniano do Brasil, pela minha formação e especialização em Homeopatia, bem como a inclusão como professor em seus cursos de pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia.

À Letícia Karl, minha filha, pela transcrição das entrevistas.

À Simone Caldara Motta, secretária do Mestrado da UCP, sempre presente e atenciosa.

Ao professor Roberto Costa (*in memoriam*), mestre inesquecível e sempre presente nas principais fases de minha vida homeopática.

À minha esposa Ilza, pelo apoio decisivo na entrada e permanência no Mestrado, bem como a compreensão pelas ausências físicas e mentais, e extensões pelas madrugadas na construção desse conhecimento.

Aos meus filhos Helena, Mauro e Letícia, pelo apoio sentido a cada momento em que faltei.

Ao meu velho Sylvio, meu pai, *in memoriam*, sem cuja mão firme e carinhosa eu não estaria aqui ocupado com as coisas do conhecimento.

À minha mãe Zoé e irmãos Paulo e Estêvão (*in memoriam*), por acreditarem que eu seria capaz de realizar esse trabalho.

Aos demais familiares e meus amigos, pelo incentivo.

A todos os que, direta ou indiretamente, me influenciaram nessa caminhada monte acima.

RESUMO

KARL, Humberto Portugal. *Uma Década de Desafios no Ensino de Homeopatia: A UNIRIO de 1999 a 2009*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Petrópolis. Petrópolis, 2010.

Esta investigação incidiu sobre os desafios enfrentados pelo ensino da Homeopatia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O período de estudo foi de 1999-2009. A Reforma Curricular na UNIRIO (1988-1989) resultou no aprimoramento do ensino de Homeopatia, expressa pelos seguintes fatores: a transformação do caráter facultativo da disciplina de Matéria Médica Homeopática em obrigatório (1999); a primeira Residência Médica em Homeopatia no país no Gaffrée e Guinle, Hospital Escola de Medicina e Cirurgia (em 2004) e a criação da pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia (em 2007). A concepção do currículo adotada foi baseada em textos de Antonio Flávio Moreira, Tomaz Tadeu da Silva e Vera Candau. A História das Disciplinas Escolares foi examinada nas teorizações de Ivor Goodson e Lucíola Santos, com ênfase em fatores internos e externos. Os estudos de Moreira sobre transferência educacional, principalmente a sua abordagem triangular, também contribuíram para a compreensão do surgimento e desenvolvimento do ensino de Homeopatia no Rio de Janeiro. Baseando-me em entrevistas e análise documental pude verificar a importância dos fatores institucionais para compreender os caminhos trilhados pela disciplina. Nesse sentido, o desenvolvimento do ensino da Homeopatia na UNIRIO foi marcado por certas características da universidade: a sua cultura institucional e a sua tradição, o que ajudou a confirmar a aceitação da Homeopatia. Atualmente, a Homeopatia está totalmente integrada na universidade, sem que se duvide de sua validade ou oportunidade. Também identifiquei uma nova perspectiva na educação médica: a formação de médicos generalistas enriquecida pela contribuição dos princípios da Homeopatia. Ficou claro que há espaço suficiente para a pesquisa sobre temas da Homeopatia. Pode-se dizer que o rumo seguido pelo ensino da Homeopatia no Rio de Janeiro confirmou os pressupostos dos estudos históricos das disciplinas escolares. Além disso, foi evidente a importância de fatores institucionais para analisar o surgimento e desenvolvimento da disciplina em estudo.

Palavras-chave: Currículo; História do Currículo; História das Disciplinas Escolares; Educação em Homeopatia.

ABSTRACT

KARL, Humberto Portugal. *A Decade of Challenges in the Teaching of Homeopathy: The UNIRIO 1999 to 2009*. Dissertation. Catholic University of Petropolis. Petropolis, 2010.

This research focused on the challenges faced by Homeopathy teaching at the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). The study period was from 1999 to 2009. Curriculum reform at UNIRIO (1988-1999) resulted in the enhancement of Homeopathy education, expressed by: the transformation of the optional character of the discipline Homeopathic Materia Medica into a compulsory one (1999); the first medical residency of Homeopathy in the country, the Gaffrée and Guinle School Hospital of Medicine and Surgery (in 2004); and graduate studies in Homeopathy *lato sensu* (in 2007). The conception of curriculum adopted was based on texts by Antonio Flavio Moreira, Tomaz Tadeu da Silva and Vera Candau. The History of School Subjects was examined according to Ivor Goodson and Lucíola Santo's theories, with emphasis on internal and external factors. Moreira's studies on educational transfer, mainly his triangular approach, also contributed to the understanding of the emergence and development of Homeopathy education in Rio de Janeiro. Drawing on interviews and documental analysis I could verify the importance of institutional factors to understand the ways followed by the discipline. In this sense, the development of Homeopathy education at UNIRIO was marked by certain university characteristics: its institutional culture and its tradition, which helped to confirm the acceptance of Homeopathy. Nowadays, homeopathy is fully integrated at the university, without doubts in relation to its validity or opportunity. I also identified a new perspective in medical education: the training of general practitioners has been enriched by the contribution of Homeopathy principles. It became clear that there is room enough for research on Homeopathy themes. It can be said that the course followed by Homeopathy education in Rio de Janeiro confirmed the assumptions of historical studies of school subjects. In addition to that, the importance of institutional factors to analyze the emergence and development of the discipline under study was evident.

Keywords: Curriculum; Curriculum History; History of School Subjects; Homeopathy Education.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEM – Associação Brasileira de Educação Médica
AC - Análise de Conteúdo
AMB – Associação Médica Brasileira
AMHB – Associação Médica Homeopática Brasileira
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCBS – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UNIRIO
CFM – Conselho Federal de Medicina
CNRM – Comissão Nacional de Residência Médica
COREME - Comissão de Residência Médica da EMC/HUGG/UNIRIO
CREMERJ - Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro
CSE – Conselho Superior de Ensino
DHTC – Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar
DOU – Diário Oficial da União
EMC – Escola de Medicina e Cirurgia
FBH - Federação Brasileira de Homeopatia
FEFIEG - Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara
FEFIERJ - Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro
FH – Faculdade Hahnemanniana
HUGG – Hospital Universitário Gaffrée e Guinle
IES – Instituição de Ensino Superior
IHB – Instituto Hahnemanniano do Brasil
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MMH – Disciplina de Matéria Médica Homeopática
NSE - Nova Sociologia da Educação
R1 – 1º ano da Residência Médica
R2 – 2º ano da Residência Médica
R3 – 3º ano da Residência Médica
SOHERJ – Sociedade de Homeopatia do Estado do Rio de Janeiro
SUS – Sistema Único de Saúde
UB – Universidade do Brasil
UCP – Universidade Católica de Petrópolis

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – APRESENTANDO O ESTUDO	01
CAPÍTULO 2 - EMERGÊNCIA E RUMOS SUBSEQUENTES DO ENSINO DE UMA NOVA E CONTROVERTIDA ESPECIALIDADE MÉDICA.....	08
2.1 O ENSINO MÉDICO E A SAÚDE NO BRASIL COLÔNIA, NO IMPÉRIO E NA REPÚBLICA.....	09
2.2 A HOMEOPATIA E SEU FUNDADOR.....	12
2.3 A HOMEOPATIA E O SEU ENSINO NO BRASIL: MURE E A ESCOLA HOMEOPÁTICA DO BRASIL	14
2.4 O ENSINO DA HOMEOPATIA NO RIO DE JANEIRO: A FACULDADE HAHNEMANNIANA DO INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL, SUAS LUTAS E ADAPTAÇÕES AOS NOVOS TEMPOS.....	16
2.5 O SURGIMENTO DA UNIRIO: ORIGENS, DESENVOLVIMENTO E QUADRO ATUAL.....	19
CAPÍTULO 3 – O CURRÍCULO COMO MEDIADOR DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	27
3.1 CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO	27
3.2 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS HISTÓRICOS DE IVOR GOODSON	30
3.3 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE LUCÍOLA SANTOS	33
3.4 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE ANTONIO FLAVIO BARBOSA MOREIRA.....	34
CAPÍTULO 4 – CONSTRUINDO E INTERPRETANDO OS DADOS DA PESQUISA.....	38
4.1 METODOLOGIA.....	38
4.2 ENTREVISTADOS.....	41
4.3 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE DADOS.....	43
4.4 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	45
4.4.1 A introdução da Disciplina Matéria Médica Homeopática obrigatória no curso de Medicina da EMC/UNIRIO.....	47
4.4.2 A configuração da disciplina Matéria Médica Homeopática.....	58
4.4.3 A emergência da Residência Médica no HUGG/EMC/UNIRIO.....	61
4.4.4 A criação do Curso de Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> na EMC/UNIRIO.....	69
4.4.5 A configuração do Curso de pós-graduação <i>lato sensu</i> na EMC/UNIRIO	71
4.4.6 O ensino da Homeopatia hoje na EMC/UNIRIO.....	72
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES.....	89
REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS.....	97
ANEXO - CONSELHO DE ENTIDADES FORMADORAS da AMHB 2003–2005.....	101

CAPÍTULO 1

APRESENTANDO O ESTUDO

Como médico homeopata há 34 anos, clínico, educador e pesquisador, tenho-me envolvido com as questões educacionais e a prática do ensino dessa especialidade. Nesse período, observei as estratégias utilizadas pelos homeopatas, bem como a luta dos mesmos ao longo dos anos, em busca do reconhecimento e da ampliação de espaço dessa especialidade médica.

Recentemente a Homeopatia tem passado por um momento promissor. O Conselho Nacional de Saúde, em sessão ordinária de 2005, votou e aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS), publicada no Diário Oficial da União (DOU)¹, assinada pelo Ministro de Estado da Saúde, inserindo definitivamente a Homeopatia no Sistema Único de Saúde. A Portaria recomendou a implantação e implementação da assistência homeopática na rede pública de saúde, fazendo com que a Homeopatia viva hoje, no Brasil, um período de grande expectativa, pela perspectiva de ampliação de sua presença institucional.

Tanto nos últimos encontros de divulgação científica quanto nas revistas especializadas, percebi que os homeopatas estão mais empenhados em assumir para si a responsabilidade de construir modelos de investigação que respeitem a racionalidade que sustenta a sua prática, e, ao mesmo tempo, têm procurado validar esses modelos na academia. Segundo SALLES (2008), pela primeira vez na história da medicina brasileira parece haver um espaço de interlocução entre os detentores de dois saberes distintos: Homeopatia e Alopacia².

Existem no Brasil, atualmente, 22 entidades formadoras³ (ANEXO) oferecendo cursos de pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia. No Rio de Janeiro, o ensino obrigatório de

¹ Portaria Nº 971, da Sessão ordinária do Conselho Nacional de Saúde, em 17 de dezembro de 2005, publicada no DOU de 3 de maio de 2006, p. 1 a 10.

² Alopacia: sistema de tratamento médico das doenças pelos contrários – medicamentos com efeitos contrários às enfermidades. Essa terminologia é utilizada para denominar a racionalidade médica “adversária” da Homeopatia (terapia pelos semelhantes).

³ 01. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECICLAGEM E ASSISTÊNCIA EM HOMEOPATIA – ABRAH; 02. ASSOCIAÇÃO MÉDICA HOMEOPÁTICA DE MINAS GERAIS – AMHMG; 03. ASSOCIAÇÃO MÉDICA HOMEOPÁTICA DO MATO GROSSO DO SUL – AMHMS; 04. COLÉGIO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA CONSTANTINE HERING; 05. ESCOLA PAULISTA DE HOMEOPATIA – EPH; 06. FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE SÃO PAULO - (FACIS-IBEHE); 07. FUNDAÇÃO CENTRO GAÚCHO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM HOMEOPATIA – CEGEPH; 08. FUNDAÇÃO DE ESTUDOS MÉDICOS HOMEOPÁTICOS DO PARANÁ – FEMHPR; 09. FUNDAÇÃO HOMEOPÁTICA BENOIT

Homeopatia restringe-se, no ensino superior, à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO⁴). Na Escola de Medicina e Cirurgia (EMC) dessa universidade, em 1999, uma disciplina de Homeopatia (Matéria Médica Homeopática) foi valorizada a tal ponto que passou a integrar o quadro das disciplinas obrigatórias do currículo. Em 2004, na mesma universidade, em seu Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, a Residência Médica em Homeopatia foi iniciada, fruto desse reconhecimento. Em 2007, também na EMC, criou-se um curso de pós-graduação *lato sensu* nessa especialidade, em pleno funcionamento.

Pude verificar como, de 1999 até o presente momento, o ensino de Homeopatia tem sido bastante valorizado na UNIRIO, tornando-se, então, pertinente compreender os fatores envolvidos em todas essas iniciativas, durante esse período. É este o objetivo geral do presente estudo.

Como objetivos específicos desta pesquisa, selecionei os seguintes:

- a) compreender os fatores envolvidos na introdução de Matéria Médica Homeopática como disciplina obrigatória no currículo da EMC;
- b) identificar a configuração da disciplina nessa ocasião;
- c) compreender os fatores envolvidos na emergência da Residência Médica em Homeopatia, em 2004, na UNIRIO;
- d) compreender os fatores envolvidos na criação do curso de pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia, em 2007, na EMC/UNIRIO;
- e) identificar a configuração desse curso, nessa ocasião;
- f) analisar a organização do ensino de Homeopatia, no momento atual, no currículo do curso da EMC, da UNIRIO.

Busquei responder às seguintes questões:

- a) que fatores contribuíram para a introdução de Matéria Médica Homeopática como disciplina obrigatória no currículo da EMC da UNIRIO em 1999?
- b) como a disciplina se configurou nessa ocasião?

MURE – FHBM; 10. INSTITUTO HANHEMANNIANO DO BRASIL – IHB; 11. INSTITUTO DE HOMEOPATIA JAMES TYLER KENT – IHJK; 12. INSTITUTO DE HOMEOPATIA SAMUEL HAHNEMANN – IHSH; 13. INSTITUTO DE SAUDE INTEGRAL – ISI; 14. INSTITUTO HOMEOPÁTICO FRANÇOIS LAMASSON – IHFL; 15. INSTITUTO HOMEOPÁTICO DR. SAMUEL HAHNEMANN; 16. INSTITUTO MINEIRO DE HOMEOPATIA – IMH; 17. SOCIEDADE DE HOMEOPATIA DE PERNAMBUCO – SHP; 18. SOCIEDADE MÉDICA HOMEOPÁTICA DA BAHIA – SMHB; 19. SOCIEDADE HOMEOPATICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – SOHERJ; 20. SOCIEDADE MÉDICA DE UBERLÂNDIA – SMU; 21. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; 22. CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM HOMEOPATIA – CESAHO. Os endereços completos estão no ANEXO A.

⁴ A UNIRIO foi criada pela Lei Federal Nº 6.655, em 5 de junho de 1979.

- c) que fatores contribuíram para a emergência da Residência Médica em Homeopatia em 2004, na UNIRIO?
- d) que fatores contribuíram para a criação do curso de pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia, em 2007, na EMC/UNIRIO?
- e) como o curso se configurou nessa ocasião?
- f) como se organiza, no momento atual, o ensino de Homeopatia no currículo da EMC?

Para alcançar os objetivos da pesquisa, procurei dialogar com estudiosos do campo do currículo e, particularmente, da História das Disciplinas e da História do Currículo, como Ivor Goodson, pesquisador britânico, bem como com investigadores brasileiros, tais como Antonio Flavio Barbosa Moreira, Tomaz Tadeu da Silva e Lucíola Santos.

Dos estudos de currículo, procurei apoiar-me na visão de que o conhecimento corporificado no currículo não é algo fixo, mas sim um artefato social e histórico, sujeito a mudanças e flutuações.

O processo de fabricação do currículo não é um processo lógico, mas um processo social, no qual convivem lado a lado com fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, determinantes sociais menos “nobres” e menos “formais”, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades de legitimação e de controle, propósitos de dominação dirigidos por fatores ligados à classe, à raça, ao gênero. A fabricação do currículo não é nunca apenas o resultado de propósitos “puros” de conhecimento, se é que se pode utilizar tal expressão depois de Foucault. O currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos (SILVA, 2003, p. 8).

Vale destacar, primeiramente, dos estudos históricos do currículo, os realizados por GOODSON (1997, 2001, 2003, 2006, 2007). O autor desenvolve uma História das Disciplinas Escolares com base em três hipóteses de trabalho, apresentadas no capítulo 3. Cabe acrescentar que outras hipóteses, além das formuladas pelo pesquisador inglês, poderão ser propostas no decorrer da investigação.

Apesar dos estudos de GOODSON estarem mais especificamente voltados para as disciplinas escolares, há, em seu corpo teórico, subsídios para uma análise da construção curricular em nível superior, vista como o resultado de embates entre diferentes grupos por “*status*, recursos e território” (GOODSON, 2005), aspecto que se investigou nas iniciativas mencionadas, referentes ao ensino de Homeopatia na UNIRIO, de 1999 a 2009. Afinal, o próprio GOODSON (*op. cit.*) afirma que as três hipóteses sobre os rumos das disciplinas

Ciências e Biologia na Grã-Bretanha podiam contribuir para o estudo teórico de outros conjuntos de conhecimentos profissionais.

SANTOS (1990), apoiando-se em GOODSON, reitera que o processo sofrido por uma dada disciplina, ao ocupar espaço no currículo, pode ser interpretado com base nos princípios estudados pelo pesquisador. Para a autora, o desenvolvimento de uma disciplina escolar e os processos de mudanças no currículo podem ser melhor analisados levando-se em conta fatores internos e externos. Os primeiros se relacionam às próprias condições de trabalho na área e os últimos correspondem à política educacional e ao contexto econômico, social e político que a determina.

A importância ou o peso atribuído a tais fatores dependerá do nível de desenvolvimento em que se encontra a própria área de estudos, bem como do próprio contexto educacional, do regime político e da tradição cultural que a circunscrevem.

Nas palavras de SANTOS (1990, p. 27) encontrei a seguinte justificativa quanto à perspectiva sócio-histórica na análise das mudanças em uma disciplina, levando em conta os fatores internos e externos:

Concluindo, advogamos a idéia de que as mudanças em uma disciplina, ou conteúdo escolar, são condicionadas por fatores internos e externos, que devem ser analisados dentro de uma perspectiva sócio-histórica. O desenvolvimento de uma disciplina deve ser compreendido como resultante das contradições dentro do próprio campo de estudos, o qual reflete e mediatiza diferentes tendências do campo educacional, relacionadas aos conflitos, contradições e mudanças que ocorrem na sociedade. Desta forma, é fundamental analisar como diferentes abordagens se articulam no interior de uma disciplina, quais os tipos de relações que elas produzem e de que tipos de relações, dentro do campo de estudos e da sociedade, elas resultam. Assim, a análise da emergência e desenvolvimento de uma disciplina deve articular o educacional ao social e lidar com complexas relações existentes entre esses dois níveis.

SANTOS (*op.cit.*) afirmou que quanto maior for o nível de maturidade de uma disciplina e a organização dos profissionais da área, maior será o peso dos fatores internos em seu desenvolvimento. Esse ponto de vista é útil para este estudo, ao propiciar o entendimento de como a maior ou menor maturidade da Homeopatia responde ou não pelas decisões tomadas em relação ao seu ensino, na universidade e no período em questão.

Outro estudo que aborda a História do Currículo e a História das Disciplinas foi o desenvolvido por MOREIRA (2005). Seu objetivo foi entender a emergência do campo do currículo no Brasil sob influência norte-americana.

MOREIRA trabalhou com o conceito de transferência educacional, criticando suas duas abordagens principais: o enfoque do imperialismo cultural e o enfoque do

neocolonialismo, ambas baseadas nas teorias da dependência. Segundo o autor, as duas falharam, principalmente, por não levarem em conta, nas interpretações, a mediação dos contextos culturais, políticos, sociais e institucionais dos países centrais e periféricos, bem como por não avaliarem devidamente a importância das resistências, adaptações, rejeições e substituições que ocorrem durante o processo. Assim sendo, pouco contribuíram para a compreensão dos caminhos seguidos pelo campo do currículo americano após sua suposta transferência para o Brasil.

Com base na discussão das literaturas sobre transferência educacional e história do currículo, MOREIRA (*op. cit.*) propôs um enfoque triangular a ser utilizado no estudo da emergência e do campo do currículo no Brasil sob influência norte-americana e de seus rumos posteriores empregando-o no estudo da emergência e desenvolvimento. Esse enfoque triangular alternativo envolve três pontos básicos: (a) o que foi transferido para o Brasil do contexto norte-americano; (b) a realidade sócio-econômica brasileira e suas relações com forças internacionais; e (c) os contextos institucionais e ideativos.

O primeiro vértice corresponde às condições internacionais em que ocorreu a transferência do campo do currículo dos EUA para o Brasil. Entre elas, destacam-se: o início da influência americana na educação brasileira nos anos vinte; os acordos entre Brasil e Estados Unidos; a modernização da educação brasileira após 1964 e a influência americana nesse processo; as bolsas de estudo para especialização em currículo em universidades americanas; a assistência direta de especialistas americanos; a influência de livros-texto e autores americanos; o conteúdo dos modelos e teorias americanas “transferidas”, assim como os interesses e as missões de tais modelos e teorias. Outras influências estrangeiras que sejam observadas também farão parte das condições internacionais.

O segundo vértice é formado pelas condições societárias. Esse componente envolve, fundamentalmente, os contextos sócio-cultural, econômico e político do país. As condições societárias constituem o cenário no qual as comunidades de professores e especialistas em currículo trabalham e, conseqüentemente, afetam o discurso pelo qual a disciplina se forma, se modifica e é transmitida.

O terceiro vértice é composto pelas condições processuais e engloba instituições, cursos, programas, agências de pesquisa, estudos e projetos, agências educacionais, associações, publicações, congressos, seminários, reformas educacionais, comunidades da disciplina, interesses e missões das teorias curriculares, livros e programas brasileiros, assim

como perspectivas de professores e especialistas em currículo. Esse terceiro componente envolve, em síntese, os contextos ideativo e institucional da disciplina.

O autor, em sua pesquisa, defende a tese de que a compreensão do fenômeno em questão somente pode ser obtida se superarmos as falhas de interpretações reducionistas do processo de transferência educacional e da história do currículo.

Com base nos autores acima citados o presente estudo foi desenvolvido em uma perspectiva histórica. Os procedimentos metodológicos incluíram a análise de documentos e a realização de entrevistas com sujeitos que vivenciaram as mudanças em pauta, ocorridas no ensino de Homeopatia na UNIRIO. Entrevistei professores da EMC e do Departamento de Homeopatia, ainda atuantes na instituição. Escolhi sete docentes, cinco da UNIRIO e dois do IHB (entidade precursora da atual UNIRIO e responsável pela emergência do ensino de Homeopatia no Rio de Janeiro e no Brasil), todos intensamente envolvidos no processo em estudo.

A intenção das entrevistas foi a de entender as dificuldades vividas na difusão inicial do ensino de Homeopatia, cujos reflexos se sentem, até hoje, na UNIRIO. Essas entrevistas facilitaram, também, a compreensão de conflitos vivenciados no interior da comunidade homeopática, conflitos esses responsáveis por divergências referentes aos rumos da disciplina Matéria Médica Homeopática na EMC, da Residência Médica em Homeopatia no HUGG e do Curso de Pós-graduação em Homeopatia, juntos à UNIRIO.

Analisei documentos como leis, decretos, atas, relatórios, comunicados e outros, relacionados às medidas focalizadas neste estudo. Examinei, também, publicações relativas à história do ensino de Homeopatia no Brasil, em geral, e no Rio de Janeiro, em particular (BORGES, 2008; CHALOUB, 1999; CHALOUB, SAMPAIO E GALVÃO SOBRINHO, 2003; CUNHA, 2000; MARINO, 2006; PEREIRA, 2002; SALLES, 2008), buscando situar o surgimento da preocupação com esse ensino e compreender seus trajetos posteriores.

Organizei a dissertação em cinco capítulos. Após a apresentação do estudo, feita no primeiro capítulo, focalizei brevemente, no segundo, o ensino da Homeopatia no Brasil e no Rio de Janeiro em uma perspectiva histórica, destacando sua emergência e seus rumos posteriores. No terceiro capítulo, discuti os fundamentos teóricos que subsidiaram as interpretações dos dados gerados e apresentei, mais detalhadamente, os procedimentos metodológicos empregados. No quarto capítulo descrevi os rumos da pesquisa realizada, enquanto que, no quinto e último capítulo, com base nos dados obtidos a partir da análise de documentos e entrevistas, também numa perspectiva histórica, apresentei a conclusão sobre o

ensino de Homeopatia na UNIRIO, entre 1999 e 2009, tendo reunido, como considerações finais, os argumentos desenvolvidos ao longo do texto.

No capítulo a seguir busco estudar a emergência da Homeopatia em nosso país, a sua emergência no campo do ensino médico e os seus desdobramentos até os dias atuais.

CAPÍTULO 2

EMERGÊNCIA E RUMOS SUBSEQUENTES DO ENSINO DE UMA NOVA E CONTROVERTIDA ESPECIALIDADE MÉDICA

No primeiro capítulo fiz a apresentação do estudo, mostrando a relevância do tema abordado nessa dissertação para a compreensão do ensino da Homeopatia no Rio de Janeiro, citando a introdução da disciplina obrigatória Matéria Médica Homeopática no currículo de medicina da UNIRIO, os objetivos dessa pesquisa e as questões do estudo. Apresentei também os estudiosos do currículo aos quais recorri para a interpretação dos dados colhidos. Por fim, relacionei o objetivo das entrevistas e da análise dos documentos.

No presente capítulo abordei o início do ensino da Homeopatia no Rio de Janeiro e os rumos posteriores, examinando, brevemente, o aparecimento da ciência homeopática na Alemanha e a saga de Samuel Hahnemann, o seu criador, bem como a história do seu ensino no Brasil.

Pretendi examinar os embates em busca de *status*, hegemonia e poder dos médicos formados (apontados como “científicos”) contra os “curiosos” curandeiros e barbeiros sangradores, práticos denominados “charlatães” que, apesar de tudo, detinham a preferência da sociedade. Busquei focalizar, também, a ação de Benoît Mure, médico homeopata francês, e seu pioneirismo no ensino e na implantação da Homeopatia em nosso país e na Corte do Rio de Janeiro.

Com base em BORGES (2008), analisei o início do ensino oficial da Homeopatia no Brasil e no Rio de Janeiro, com a criação do Instituto Homeopático do Brasil, em 1843, no Rio de Janeiro, atual Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB) e a fundação da sua Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro, a partir de 1911, aproveitando a oportunidade criada pela Lei Rivadávia Corrêa⁵, da qual se originou a Faculdade Hahnemanniana.

Nos desdobramentos desta pesquisa acompanhei os acontecimentos sócio-político-econômicos ocorridos na Escola de Medicina e Cirurgia, originada na Faculdade Hahnemanniana, e no ensino homeopático, que influenciaram as suas atividades formadoras, bem como os arranjos internos que foram necessários para a adaptação da Faculdade

⁵ A Lei Rivadávia Corrêa, proporcionava total liberdade aos estabelecimentos de ensino, tornando a presença facultativa e terminando com o seu caráter oficial.

Hahnemanniana para o ensino da Homeopatia. Essa luta essa vai até a emergência da atual UNIRIO, na qual situei o seu ensino de Homeopatia no Rio de Janeiro, passando pelas suas precursoras Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara – FEFIEG e a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro - FEFIERJ.

Para chegar à atual Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO, parti da sua origem que foi a antiga Faculdade Hahnemanniana, com histórico envolvimento com a Homeopatia por ser originada pelas atividades do Instituto Hahnemanniano do Brasil – IHB.

No IHB idealizou-se uma escola médica “completa”, dotada de conhecimentos homeopáticos e alopáticos tomando corpo e forma com a fundação da efêmera Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro, em 1912, e da sua sucessora, a Faculdade Hahnemanniana, ainda no mesmo ano.

Várias lutas foram travadas para que o ensino da Homeopatia permanecesse e que se formassem médicos no currículo proposto com autorização para a prática clínica. Após vários decretos e medidas, essa especialidade foi perdendo *status*, hegemonia e importância até que, de instituição de ensino superior independente, chega, nos tempos atuais a ocupar uma posição subalterna.

O ensino da Homeopatia se resume hoje a um grupo de quatro disciplinas ensinadas no curso de medicina, contidas no Departamento de Ensino Homeopático da Escola de Medicina e Cirurgia, da UNIRIO. Até 1988 essas disciplinas eram ensinadas com um caráter optativo, não fazendo, portanto, parte do currículo regular. Só então, uma se torna obrigatória na Reforma de Ensino.

Torna-se necessário, para conhecer os caminhos trilhados pela Homeopatia, descrever o ensino médico e a saúde na história de nosso país.

2.1 O ensino médico e a saúde no Brasil Colônia, no Império e na República.

Analiso a partir de agora o início das atividades médicas e os esforços no seu ensino. Importante pontuar a influência estrangeira no modelo de formação a ser seguida (MOREIRA, 2005).

Em sua revisão histórica, RESENDE (*apud* CHALHOUB, 2003) citou que, no Brasil do século XVII, a população indígena, quando adoecia, recorria, com base em uma concepção mágico-religiosa da doença, comum a essas culturas, aos curandeiros tribais, os pajés, que

tratavam as enfermidades não só mediante procedimentos ritualísticos, também fazendo uso de produtos minerais, vegetais e animais. Afirmou que, em realidade e apesar das doenças existentes, as missões jesuíticas entre as populações indígenas procuraram levar a salvação às suas almas.

RESENDE (*op. cit.*) acentuou que os colonizadores, em seu objetivo de cristianizar os índios, buscaram eliminar a influência dos pajés. Nesse contexto, os jesuítas assumiram o cuidado dos doentes. Nesse momento da história do Brasil, além dos padres, existiam os físicos (médicos), que eram licenciados, ou seja, possuíam diploma fornecido por uma das universidades da Península Ibérica, como Coimbra ou Salamanca, sendo contratados pela autoridade colonial e que desempenhavam, também, atividade privada. Vários eram cristãos-novos, judeus convertidos à fé cristã.

Esses físicos diagnosticavam e prescreviam procedimentos como a sangria, muito freqüentes então, que tinham o objetivo de drenar o mal que representava a doença. Essas ações ficavam a cargo dos barbeiros-cirurgiões (práticos), entre outras razões, porque o médico não usava as mãos, deixando tais atividades para as profissões inferiores. O parto estava a cargo das “curiosas”, ou parteiras. A assistência hospitalar era reservada às Santas Casas, estabelecimentos de caridade, que proporcionavam abrigo e amparo religioso aos moribundos (RESENDE, *apud* CHALHOUB, 2003).

Um fato inédito na história da Europa influenciou os rumos do Brasil: a Corte de Portugal decidiu se transferir para a sua maior colônia, fugindo dos exércitos napoleônicos. Deixou Lisboa em 1807, rumo à sede, o Rio de Janeiro, tendo, segundo Resende (2003), por motivos até hoje nebulosos, decidido fazer escala em Salvador.

CUNHA (2000) argumentou que, no pouco mais de um mês em que passou na capital baiana, D. João promoveu algumas das mais importantes medidas que ajudariam a mudar o destino do Brasil e a forjar a nova nação, com conseqüente influência sobre o ensino. Junto com a abertura dos portos e, conforme o modelo francês criou duas Escolas de Medicina: o primeiro curso de ensino superior do país e uma escola médico-cirúrgica, que acabaram se transformando na Faculdade de Medicina da Bahia.

Até então, havia a proibição da criação de universidades na colônia, pois pretendia-se impedir que os estudos universitários operassem como coadjuvantes de movimentos independentistas, ao se fazer sentir em vários pontos da América o potencial revolucionário do Iluminismo (*op. cit.*).

D. João, ao se transferir para o Rio de Janeiro, iniciou o ensino médico na sede da colônia que, juntamente com o da Bahia, visavam desvincular a formação dos médicos das universidades européias. Só dois anos depois foi iniciado o ensino de Engenharia, embutido na Academia Militar, no Rio de Janeiro (*op. cit.*).

Depois de ter sido clerical, a educação formal progrediu desde a sua transferência para o Rio de Janeiro, em 1808, tornando o ensino superior estatal até a proclamação da República, no desfecho de uma conspiração que reuniu liberais, positivistas e monarquistas ressentidos (*op. cit.*).

Iniciaram-se, então, os conflitos entre físicos e “charlatães”. SAMPAIO (2005) relata que os médicos formados em faculdades praticamente inexistiam no país, até o início do século XIX. Eram os curandeiros, barbeiros sangradores, benzedeiros e outros práticos os agentes de cura existentes, permanecendo bastante procurados durante todo o período imperial. Isso era acompanhado pelo desespero da classe médica. Muitas vezes a imprensa oferece um grande apoio à luta contra o “charlatanismo”, sendo utilizada por intelectuais médicos para desqualificar toda e qualquer Medicina diferente da sua, desde curandeiros, espíritas e boticários até homeopatas e médicos estrangeiros, cujos diplomas não tinham sido convalidados pelas faculdades de Medicina do país.

Até 1830, o ensino médico no Brasil, ainda imaturo, carecia de recursos estruturais e profissionais, sendo os cursos das Academias Médico-Cirúrgicas da Bahia e do Rio de Janeiro ainda irregulares e deficientes. Os médicos diplomados em Coimbra permaneciam valorizados, mas, com a independência política proclamada em 7 de setembro de 1822, a reforma do ensino superior tornou-se inadiável, a fim de adequar as Academias à nova situação do país (BORGES, 2008).

Diversos projetos de reforma no ensino médico eram com frequência debatidos na Câmara dos Deputados e enviados à apreciação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, a fim de estabelecer um plano de ensino padrão para as Academias Médico-Cirúrgicas. Criou-se então, a partir de uma comissão, o Plano de Organização das Escolas Médicas do Império, redigido pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, a pedido da Câmara Legislativa e datado de 7 de outubro de 1830.

A posteriori, a Lei de 3 de outubro de 1832, referendada por Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Ministro do Império, determinou que as Academias de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro passassem a ser denominadas Faculdades de Medicina e que,

provisoriamente, deveriam adotar o modelo estatutário da Faculdade de Medicina de Paris, até a elaboração final dos estatutos e regulamentos próprios.

O curso médico foi acrescido de mais um ano, totalizando seis, e as faculdades ofereceram cursos de Farmácia e Obstetrícia, emitindo ou validando (no caso dos estrangeiros) os títulos de médico, cirurgião, doutor em medicina (mediante apresentação de tese), farmacêutico, boticário, parteiro e até dentista, embora o texto da lei não considerasse o curso de Odontologia, que seria oficialmente incorporado ao currículo das faculdades médicas⁶ (BORGES, 2008).

Foi nesse período que se formou na Alemanha, fruto das lutas por um novo sistema de saúde com foco no indivíduo (sujeito), um médico que resolveu aprofundar a visão do ser humano em seu dinamismo e que viria a ser o fundador da Homeopatia.

2.2 A Homeopatia e seu fundador

A Homeopatia é um sistema médico especializado, nos campos do diagnóstico, tratamento e prognóstico, com filosofia própria para o ensino e aplicação na pesquisa. De acordo com HAHNEMANN (1985), ela tem quatro princípios: (a) a lei dos semelhantes - cura pela utilização de substâncias que, quando experimentadas, produzem os sintomas a serem curados; (b) o experimento no homem são – nem no doente, nem no animal; (c) o medicamento (ou objetivo) único; e (d) a diluição da substância, seguida da sua dinamização, que é uma potenciação por trituração ou agitação (denominada succussão).

Trata-se de uma prática médica única em seu gênero, concebida há dois séculos, que coloca em jogo um processo terapêutico original apoiado numa abordagem tanto empírica como conceitual da doença, na percepção do sujeito como individualidade e seu tratamento.

Christian Friedrich Samuel Hahnemann, ao verter para o alemão o livro *Lectures on the Materia Medica*, de 1772, do médico escocês Cullen, tomou conhecimento da ação febrígena da quina⁷. Analisou e criticou a opinião do autor sobre os efeitos da quina no tratamento da malária, que dizia se dever ao seu sabor amargo. Afirmou que esse efeito se dava porque a quina causava os efeitos semelhantes aos da malária, se tomada por alguém

⁶ Reforma do Ensino Leônicio de Carvalho, em 19 de abril de 1879, promovida pelo Decreto Imperial nº 7.247.

⁷ A quina, retirada da planta *Cinchona officinalis*, substância vegetal, chamada “remédio para muitos males”, foi utilizada na Europa desde o século XVII no combate da malária, sendo usada empiricamente no Brasil desde os tempos coloniais. Fez parte do arsenal terapêutico empregado na gripe espanhola de 1918, no Brasil.

saudável e sensível. Aplicou o mesmo princípio a outras substâncias e, com suas observações, foi descrevendo a ação das drogas nas experimentações realizadas.

De acordo com RABANES (2005), a doutrina homeopática é obra de um só homem: Samuel Hahnemann. Iniciou-se em 1796, com a publicação do artigo fundador dessa doutrina, no jornal de Hufeland: “Ensaio sobre um novo princípio para a descoberta das virtudes curativas das substâncias medicinais, precedido de alguns apanhados sobre os princípios admitidos até hoje”. Esse novo princípio, baseado na similitude dos sintomas, o *similia similibus curentur* (a cura pelo semelhante), foi transformado em teoria geral e, em doutrina médica, na principal obra de Hahnemann, surgida em 1810: o Organon da Medicina Racional. Foi reescrito e recomposto várias vezes por Hahnemann, até o final de sua vida e, durante dois séculos, não cessou de ser reeditado e traduzido em inúmeras línguas.

A partir de 1796 (*op. cit.*), em seus trabalhos de tradução, apurou a sua doutrina, publicando diversos artigos em jornais de Medicina prática. Neles expôs o que classificava de absurdos e erros da Medicina ortodoxa, a que chamava Alopátia. Escreveu o seu Ensaio Sobre Um Novo Princípio, com 150 páginas, no qual generalizou suas observações e hipóteses, transformando-as em um princípio médico universal, estendido a numerosos produtos.

Juntaram-se a ele diversos discípulos e entusiastas da prática. Em conjunto, testaram várias substâncias e fizeram relatos meticolosos, com os devidos cuidados para eliminar os erros, formando o núcleo da Matéria Médica Homeopática, compilados na clássica Matéria Médica Pura, de 1811.

Em 1810, Hahnemann publicou a primeira edição do Organon da Medicina Racional, que foi uma ampliação do seu trabalho, A Medicina da Experiência, e mais quatro edições, corrigidas e aumentadas em função da evolução da teoria. Este livro se tornou um clássico e passou a chamar-se Organon da Arte de Curar.

Como educador, lecionou a doutrina homeopática na Universidade de Leipzig, chegando até nós notícias dos seus primeiros discípulos: Franz, Gross, Hartmann, Hornburg, Langhammer, Ruckert, Stapf e Wislecenus, que participaram das reuniões e das experimentações (patogênesias).

Definitivamente em Paris, obteve licença para o ensino e a prática médica, aí permanecendo até sua morte em 1843.

Enquanto isso, no Brasil, um discípulo seu se decidiu pela divulgação da Homeopatia no Novo Mundo.

2.3 A Homeopatia e o seu ensino no Brasil: Mure e a Escola Homeopática do Brasil

As primeiras notícias referentes ao ensino de Homeopatia no Brasil se originaram com Antônio Ferreira França, que ministrava aulas na Faculdade de Medicina e Cirurgia da Bahia, em 1811, tecendo considerações descabidas e maliciosas sobre essa nova terapêutica, desestimulando os novos alunos ao conhecimento homeopático.

Nos anos 1830, a Academia Imperial de Medicina publicava artigos que tratavam da doutrina homeopática, falseando e deturpando os princípios de Hahnemann, contidos no seu Organon da Arte de Curar. Frederico Emílio Jahr, cidadão suíço imigrado em 1830, defendeu tese em Medicina, no Rio de Janeiro, sobre a proposta terapêutica de Hahnemann. Tal tese, elaborada por um médico que não exerceu a Homeopatia, serviu, posteriormente, de base para o aprendizado de Domingos de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada, o primeiro médico homeopata do Brasil.

A introdução oficial da Homeopatia no Brasil se deu por um discípulo direto de Samuel Hahnemann, o médico francês Benoît Jules Mure, formado pela Faculdade de Montpellier, que praticou a Homeopatia na Europa e veio para o Brasil em 1840. Sua vinda ocorreu depois de curar-se de tuberculose com a Homeopatia, tendo então se empenhado na difusão do sistema que o havia restabelecido.

Tendo obtido licença do Governo Imperial, que escolheu o local para a implantação de uma colônia societária, Benoît Mure partiu, logo a seguir, para a península do Sahy, em Santa Catarina. Seu objetivo era implementar um projeto de colonização francesa, de orientação socialista, o Falanstério do Saí ("phalanstero"), para formar a base de uma comunidade industrial de máquinas a vapor.

Mure teve a preocupação de deixar a Homeopatia implantada no Sahy por meio da "conversão" de Thomaz da Silveira, médico militar, e da instalação de uma Escola Suplementar de Medicina, com o objetivo de preparar médicos já diplomados na arte homeopática. Em 1842, organizou o Instituto Homeopático do Sahy.

Entre críticas e elogios, com base na polêmica que se formou ao redor do nome e da conduta de Mure, Emílio Germon (protegido de José Bonifácio - na ocasião Ministro do Império), acusou-o, por não concordar com seus métodos. No período posterior a 1840, sua imagem era denegrida por professores e doutores em Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro.

Ao ver fracassado seu projeto em Santa Catarina, Mure transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1843. Juntamente com Vicente Martins e outros, criou o Instituto Homeopático do Brasil (1844), em sua residência. Foi seu presidente até 1848, quando, finalmente, regressou à Europa.

Por esse tempo, as querelas entre alopatas e homeopatas eram intermináveis. Os homeopatas ocuparam o Jornal do Comércio, ininterruptamente, de janeiro a junho de 1850, período mais intenso da primeira grande epidemia de varíola no Rio de Janeiro, em que a própria Beneficência Portuguesa atendeu a seus associados em enfermaria homeopática. No Diário do Rio de Janeiro, no mesmo período, predominaram os alopatas, que se defendiam como podiam e ironizavam as pretensões de cientificidade do sistema médico dos adversários (CHALHOUB, 1999).

Alguns anos depois, por divergências com Duque Estrada e com os que lhe eram afins, houve uma ruptura e a formação de duas novas instituições: o primeiro Instituto Hahnemanniano do Brasil e a Congregação Médico-Homeopática Fluminense. Ambas, enfraquecidas, sucumbiram.

Em 1845, fruto da ação dos precursores, foi fundada e inaugurada a primeira Escola de formação homeopática, a Escola Homeopática do Brasil que funcionava com autorização do Governo Imperial, mas com uma grave limitação: não permitia aos seus diplomados o exercício da clínica.

Para BORGES (2008), foi inegável o fato de que a descrença do imperador na Homeopatia também provocava seu desprestígio junto à população. Anteriormente à polêmica com os integrantes do Instituto Hahnemanniano, D. Pedro II chegara a reconhecer a legalidade da Homeopatia, em 1846, admitindo a formação de médicos homeopatas, considerando apenas o ensino. Entretanto, não reconheceu a sua prática e estabeleceu que os médicos homeopatas deveriam se submeter a exames específicos e competentes em instituições oficiais.

O cerceamento era evidente e a polêmica se fazia presente, pois,

quando o doutor Joaquim Murinho fazia uma conferência na Escola da Glória sobre a 'lei dos semelhantes', fora interpelado pelo Imperador, que o ouvia, sobre as questões que levavam um mesmo medicamento a provocar a doença numa pessoa saudável e curá-la numa enfermidade. Joaquim Murinho, (...) foi categórico na sua resposta ao recomendar ao imperador que, quando tivesse ímpetos de assistir a uma defesa de tese que Sua

Majestade não entenda, deixe-se ficar em casa e leia uma página de Spencer⁸. (FARIA, *apud* BORGES, 2008, p. 37).

Em 1847, Mure voltou à França. Uma matéria publicada no Jornal do Comércio da época transcreveu sua despedida. O médico partiu enfermo e aniquilado, após ter sido acusado de ter envenenado uma menina doente com duas doses de *Ignatia amara* 5C e uma dose de *Argentum nitricum* 5C.

Foram lançadas, assim, as sementes do ensino da Homeopatia no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro, cujas bases institucionais foram o Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB), reinaugurado, e a Faculdade Hahnemanniana.

2.4 O ensino da Homeopatia no Rio de Janeiro: a Faculdade Hahnemanniana do Instituto Hahnemanniano do Brasil, suas lutas e adaptações aos novos tempos

Em 1878, no Rio de Janeiro, Saturnino de Meirelles e outros médicos haviam reconstituído o antigo Instituto Homeopático do Brasil, atribuindo-lhe o nome de Instituto Hahnemanniano Fluminense. O Instituto foi presidido primeiramente por Duque-Estrada e, em 1880, por decreto do Governo Imperial, passou a denominar-se Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB) (BORGES, 2008).

A relação histórica do Instituto Hahnemanniano do Brasil com a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro foi de berço (*op. cit.*). Celeiro de idéias e talentos, o IHB deliberou sobre a criação de alternativas para o ensino da Homeopatia na capital do Império, o Rio de Janeiro, a partir de 1881.

Em busca do ensino oficial, os homeopatas requisitaram a criação de cadeiras de ensino da Homeopatia na instituição reconhecida, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, atual Faculdade de Medicina da UFRJ. Entretanto, o combate à prática da Homeopatia e o desprestígio junto ao governo concorreram para que os membros do IHB decidissem fundar uma escola médica própria, autônoma e privada, aproveitando-se dos benefícios oferecidos pela Reforma do Ensino Rivadávia Corrêa, em 1911.

⁸ Herbert Spencer foi um filósofo inglês representante do positivismo e admirador da obra de Charles Darwin. É dele a expressão "*sobrevivência do mais apto*". Em sua obra, procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana. Spencer é considerado o "pai" do Darwinismo social, embora jamais tenha utilizado o termo. Com base em suas idéias, alguns autores procuraram justificar a divisão da sociedade em classes e o Imperialismo europeu, sugerindo que exemplificariam a seleção natural (WIKIPÉDIA, 2009).

Idealizou-se uma escola médica “completa”, dotada de conhecimentos homeopáticos e alopáticos. Tal escola começou a tomar corpo e forma com a fundação da efêmera Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro, em 1912, e da sua sucessora, a Faculdade Hahnemanniana, ainda no mesmo ano. Ambas constituíram as raízes históricas da atual Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Devido às deficiências do programa curricular da Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro e que continha disciplinas do ensino de Homeopatia, fato que diferia do currículo das outras faculdades de medicina do país, e à ação judicial do seu ex-tesoureiro, foi organizada uma nova faculdade, a Faculdade Hahnemanniana, que pudesse oferecer um ensino de qualidade referenciado e comparável às instituições alopáticas da época, privada e com subvenção do governo republicano.

Considerado o principal mentor da Escola de Medicina e Cirurgia, Licínio Athanasio Cardoso, participou ativamente da criação da efêmera Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro, e se consagrou ao fundar, sob a lei Rivadávia, em 1912, a Faculdade Hahnemanniana, para o ensino integral de Medicina.

Conforme CHALHOUB (1999), a primeira tentativa frustrada de oficializar o IHB se deu, em 1912, quando o Deputado Federal por Sergipe, José Maria Guimarães, apresentou à Câmara dos Deputados um projeto⁹ que foi “engavetado” pela burocracia e pelo preconceito vigentes.

Licínio Cardoso procurou pelos caminhos da imprensa e da influência de amigos a oficialização do IHB e de sua faculdade. O primeiro diploma conferido por ela, em 1914, foi impugnado pela Diretoria de Saúde Pública, só sendo deferido o seu registro 15 meses depois.

Às vésperas de comemorar o segundo aniversário de fundação da Faculdade Hahnemanniana, Licínio Cardoso propôs o envio de um requerimento à Câmara dos Deputados, por meio de Félix Alves Pacheco, deputado pelo Estado do Piauí, simpático à causa homeopática. Solicitou terreno e edificação necessários à instalação de um hospital homeopático para o tratamento de pobres e indigentes.

O projeto idealizado pelos membros do IHB e apresentado à Câmara foi recortado e modificado nos trâmites parlamentares, com pareceres, emendas, discussões e votações, acabando por desfigurar o documento originalmente redigido por Licínio Cardoso. Uma

⁹ Projeto N° 448/1912.

leitura atenta dos artigos do decreto demonstrou que o IHB não contou com facilidades (CHALHOUB, 1999).

O preito foi concedido¹⁰ após intensa luta e o Hospital Hahnemanniano do Brasil foi adaptado, reconstruído e inaugurado em 11 de maio de 1916 (BORGES, 2008).

Segundo os estatutos da Faculdade Hahnemanniana, sua finalidade era ministrar, desenvolver e aperfeiçoar o ensino da medicina, fazendo um estudo especial da Homeopatia, com o propósito de contribuir para a formação de médicos e farmacêuticos homeopatas.

A faculdade do IHB sofreu duros golpes e, com o decorrer do tempo, no início da década de 1830, teve que adaptar o seu currículo ao da faculdade oficial (atual UFRJ) e desobrigar os seus alunos de cursar as cadeiras de Homeopatia, o que coincidiu com o declínio do uso da doutrina homeopática no Brasil, similarmente ao quadro observado no exterior (EUA). Acresça-se o fato de que foram nomeados catedráticos externos e professores, não homeopatas, para as cadeiras para as quais faltavam docentes.

Homeopatia e Alopata, doutrinas consideradas à época “diametralmente opostas”, eram ensinadas pela faculdade e praticadas no hospital do IHB, particularidade que lhe custaria caro, na oficialização daquelas instituições. De acordo com céticos e críticos, o critério de faculdade mista era criticado pelo próprio diretor do IHB, Licínio Cardoso, que chamava a atenção para o escopo único da Faculdade Hahnemanniana: formar homeopatas. Com o tempo, tornou-se vital adotar os mesmos princípios das outras escolas médicas (CHALHOUB, 1999).

Esse quadro acabaria por acirrar ainda mais as críticas externas e dificultar a validação dos diplomas da faculdade, principalmente após a Reforma do Ensino Carlos Maximiliano¹¹ criando dificuldades de administração internas à Homeopatia. Aceitava-se o critério misto para o ensino conjunto, mas não se escondia o desconforto para a formação mista. Um sentimento dúbio, porém coerente com a realidade do IHB: por diversas ocasiões, os seus próprios membros divergiram quanto aos rumos da faculdade (BORGES, 2008).

A crítica dos céticos e não adeptos da doutrina hahnemanniana, de que a Faculdade Hahnemanniana estava somente a serviço da doutrina homeopática, provocou constantes perseguições aos administradores da Faculdade por parte do órgão colegiado regulador do ensino, o Conselho Superior de Ensino (CSE).

¹⁰ Decreto nº 11.473 de 3 de fevereiro de 1915, pelo presidente da República Wenceslau Braz P. Gomes.

¹¹ Além de reorganizar o ensino secundário e superior da República, restringiu direitos, as facilidades e a liberdade que a Lei Rivadávia Corrêa havia proporcionado às novas instituições de ensino (1915).

Inúmeras restrições ao exercício da profissão: os médicos diplomados pela instituição, a partir de 1918, enfrentavam restrições e cerceamentos, sendo-lhes negados os registros por parte da Diretoria Geral de Saúde Pública, proibida a sua inscrição em concursos para o quadro de saúde das Forças Armadas, bem como o aviamento de receitas nas farmácias (BORGES, 2008).

Durante a primeira metade do século XX, afunilaram-se as perspectivas da Faculdade Hahnemanniana. Para adaptar-se às exigências dos órgãos federais e do CSE, a Faculdade adotou o modelo alopático e retirou o nome Hahnemanniana, passando a se chamar Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano do Brasil.

Nesse tempo, o IHB alcançou o reconhecimento como associação de utilidade pública¹² e realizou o primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, em 1926 (BORGES, 2008). Apesar dos esforços empreendidos, preservou a sua Faculdade de Medicina durante a primeira metade do século XX até 1948, quando foi desvinculada do IHB.

A Faculdade acabou por modificar artigos originais do projeto, limitando a ação do IHB e gerando embaraços aos diplomados, ao criar a inspeção pelo CSE, fomentada, ou não, por preconceito ou intrigas profissionais (*op. cit.*).

Embora houvesse ocorrido a oficialização da Faculdade Hahnemanniana, sua Congregação enfrentava contrariedades e preconceitos por parte dos membros do CSE, que seriam expressos no curso das sucessivas inspeções federais (*op. cit.*).

Fruto da evolução do ensino médico na Faculdade Hahnemanniana e decorrente de seus conflitos por *status*, hegemonia e poder, a UNIRIO surge, em consonância com o poder da Alopatia, reforçada pelas lutas contra a Homeopatia.

2.5 O surgimento da UNIRIO: origens, desenvolvimento e quadro atual

A origem da Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO remonta à primeira década do século XX, quando da fundação do IHB e da Faculdade Hahnemanniana do Rio de Janeiro, orientada para a formação de médicos e farmacêuticos que desejassem trabalhar com a Homeopatia (CORRÊA, 2006).

¹² Em 25 de setembro de 1918, pelo Decreto nº 3.540, do presidente Wenceslau Braz.

Nessa ocasião, a Faculdade era constituída pelos cursos de Medicina (6 anos) e de Farmácia (2 anos) e, nos seus currículos, o ensino de Medicina homeopática era ministrado ao mesmo tempo que o da Medicina alopática.

A equiparação da Faculdade Hahnemanniana às faculdades de Medicina congêneres federais se deu em 05 de dezembro de 1921¹³, após o governo ter reconhecido oficialmente a Homeopatia, como prática clínica de todos os formandos em Escolas oficiais¹⁴.

O primeiro hospital de ensino não-anexo da Faculdade Hahnemanniana foi o hospício de Nossa Senhora da Saúde, também conhecido como Hospital da Gamboa, administrado pela Santa Casa de Misericórdia, compensando a falta de um hospital próprio e anexo à Faculdade. Em 8 de abril de 1914, foi inaugurada a Cadeira de Clínica Propedêutica e instalada na sexta enfermaria do Hospital da Santa Casa de Misericórdia (BORGES, 2008).

A Escola de Medicina e Cirurgia, como Faculdade Hahnemanniana, foi organizada visando a formação de médicos, farmacêuticos, dentistas e enfermeiros obstétricos, graças à Lei Rivadávia Corrêa. Em relação ao curso médico, a Escola desenvolveu um ensino diferenciado, composto pela medicina alopática e por uma abordagem especial da Homeopatia (*op. cit.*).

Com o tempo, a seriação, a fusão ou o desdobramento das cadeiras dos cursos que a Faculdade Hahnemanniana oferecia, precisavam ser adaptados à semelhança dos currículos oficiais da então centenária Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por imposição do Conselho Superior de Ensino (*op. cit.*).

Após a I Guerra Mundial (*op. cit.*), as Fundações ligadas às grandes corporações passaram, por interesse de mercado, a direcionar, por meio da distribuição de verbas e investimentos, os rumos da geração de conhecimentos e do emprego no seu desenvolvimento. Nesse período, no qual a industrialização direcionou a evolução sócio-político-cultural, o espaço para o desenvolvimento das ciências voltadas para a individualização foi muito restringido e, com isso, o período áureo da Homeopatia entrou em decadência, primeiramente, nos Estados Unidos da América e, posteriormente, no Brasil.

A Ciência Homeopática que vinha, desde a metade do século XIX, ganhando força e se expandindo no cenário mundial, foi duramente abalada, ao ser afastada das Universidades.

¹³ De acordo com o Parecer do Conselho Superior de Ensino e com o Art. 12, do Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915, combinado com o disposto no Art. 3º, Letra “c”, da Lei nº 3.454, de 06 de janeiro de 1918.

¹⁴ Por meio do Decreto nº 3.540, de 25 de setembro de 1918.

Apresentou-se, assim, uma síntese dos eventos mais marcantes da história da Homeopatia no Rio de Janeiro: a) em 1918, o Instituto Hahnemanniano do Brasil foi autorizado a diplomar médicos e farmacêuticos homeopatas; b) logo após, em 1921, a Faculdade Hahnemanniana foi equiparada às faculdades oficiais da República; c) em 1922, essa faculdade ministrava quatro cursos regulares, de Medicina, Farmácia, Obstetrícia e Odontologia; d) em 1924, o Conselho de Ensino Superior exigiu a mudança do nome do Instituto Hahnemanniano para Escola de Medicina e Cirurgia¹⁵; e) em 1932, o Conselho de Educação desferiu o golpe final no ensino homeopático, tornando-o facultativo na referida escola universitária, o que veio a enfraquecer, definitivamente, esse ensino, já que o de Alopatia passou a ser obrigatório e o de Homeopatia optativo.

A década de 1940 significou um momento importante para a nova escola, quando seus professores, almejando um caminho com autonomia administrativa e financeira, propuseram a sua desvinculação do IHB, surgindo assim, no horizonte do ensino médico brasileiro, a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 1948.

A recém-criada Escola foi organizada, nessa ocasião, como sociedade civil, cujos sócios eram os próprios docentes, tendo seu estatuto sido homologado pelo Ministério da Educação e Saúde em 1950. Foi incorporada ao Sistema Federal de Ensino¹⁶, com a obrigação de manter o ensino da Homeopatia em seu currículo por meio das disciplinas de Clínica Médica Homeopática, Matéria Médica Homeopática e Terapêutica Clínica Homeopática.

A Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro passou, em 1965, à condição de fundação, o que possibilitou a incorporação ao seu patrimônio o Hospital Gaffrée e Guinle (em 1966)¹⁷.

Segundo BORGES (2008), a partir de 1964, com a ditadura militar, a Escola de Medicina e Cirurgia foi novamente dirigida por um homeopata, membro do IHB e professor de Clínica Médica Homeopática, o general médico Alberto Soares de Meirelles. Sob sua direção, no regime militar, com base na Reforma de Ensino Superior, foram criadas a

¹⁵ A Escola de Medicina e Cirurgia (EMC) da UNIRIO, mudou de nome por 10 vezes: 1) Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro (1911-1912); 2) Faculdade Hahnemanniana (1912); 3) EMC do Instituto Hahnemanniano do Brasil (1924); 4) EMC do Rio de Janeiro (1948); 5) Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (1965); 6) EMC da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (1969); 7) EMC da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (1975); 8) Curso de Medicina do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade do Rio de Janeiro (1979); 9) EMC da Universidade do Rio de Janeiro, UNIRIO (1988) e 10) EMC da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO (2003).

¹⁶ Lei 3.271, de 30 de setembro de 1957, de Juscelino Kubitschek e assinada a aprovação do seu regimento pelo presidente Jânio da Silva Quadros, pelo decreto nº 50.785, em 12 de junho de 1961.

¹⁷ Consignado na Lei nº 5.540/68, foi criado pelo decreto nº 773, de 20 de agosto de 1969.

Fundação Escola de Medicina e Cirurgia e a Federação das Escolas Federais Isoladas da Guanabara (FEFIEG), que congregava 07 estabelecimentos de ensino superior¹⁸, de cuja fusão nasceu a UNIRIO.

No final da década de 1970, iniciou-se a preocupação com as questões relacionadas com o ecossistema e a valorização do ser, atingindo a população em geral. A classe médica, com isso, passou a adotar uma postura holística, buscando formas de entendimento do binômio saúde/doença que se distanciassem da compartimentação correspondente à visão por demais especializada da medicina.

Em função da unificação dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, a FEFIEG trocou de denominação para Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro – FEFIERJ, em 1975.

Antar Padilha Gonçalves (BORGES, 2008), nesse ano, propôs a exclusão da Homeopatia como disciplina optativa do currículo médico e sugeriu a sua inclusão no curso de pós-graduação da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. A proposta foi aprovada, apesar da manifestação contrária do homeopata e professor Kamil Curi, o que resultou na perda completa de contato do estudante de Medicina daquela faculdade com a teoria homeopática.

Graças à articulação política de Alberto Soares de Meirelles a favor da reforma universitária, foi aprovada, em 1976, a continuidade do Departamento de Homeopatia, então denominado de Departamento de Estudos Homeopáticos da FEFIERJ, envolvendo as três disciplinas que, entretanto, continuariam optativas: Matéria Médica Homeopática, Terapêutica Homeopática e Clínica Homeopática.

Em 05 de junho de 1979, esse Departamento passou a integrar a recém criada Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO. Com o novo contexto universitário, o curso de Medicina passou a denominar-se Curso de Medicina do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da UNIRIO.

Das discussões encabeçadas pelos dois grandes pólos homeopáticos do país, Rio de Janeiro e São Paulo, nasceu a Associação Médica Homeopática Brasileira – AMHB -, a 24 de novembro de 1979, que é a atual representante oficial dos médicos homeopatas do país.

¹⁸ A UNIRIO é o resultado da fusão das seguintes instituições: I. Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; II. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto; III. Escola Central de Nutrição; IV. Curso Superior de Teatro (Serviço Nacional de Teatro); V. Instituto Villa-Lobos; VI. Curso de Biblioteconomia (Biblioteca Nacional); e VII. Instituto Nacional do Câncer.

Com a paulatina consolidação do campo na área médica e por meio de encontros nacionais realizados pelas universidades, por docentes e estudantes interessados nesse setor¹⁹, houve um novo impulso que estimulou e manteve o interesse na Homeopatia. Retornou-se às origens em 1996, recuperando-se o nome tradicional da Escola – Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO.

Em 1980, ocorreu uma das mais expressivas conquistas da Homeopatia brasileira, com o apoio de Soares de Meirelles. A Homeopatia foi reconhecida como especialidade médica pelo Conselho Federal de Medicina (CFM)²⁰.

A AMHB, aceita oficialmente pela Associação Médica Brasileira (AMB) em 1990, passou a fazer parte do Conselho de Especialidades Médicas da AMB. Desde então, a AMHB realiza anualmente prova para obtenção do Título de Especialista em Homeopatia, em convênio AMB/CFM, em congressos brasileiros de Homeopatia. Ela tem buscado e discutido soluções para o ensino médico ético da Homeopatia, bem como para o atendimento da população carente de nosso país. Para isso, vem promovendo o incremento do espírito associativo dos médicos homeopatas e estimulando o seu desenvolvimento científico.

Na Reforma Curricular levada a efeito no curso de graduação da Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO, em julho de 1999, foi aprovada a obrigatoriedade da disciplina Matéria Médica Homeopática, como pré-requisito da disciplina de Semiologia, no 5º período da graduação em medicina. Foram ainda oferecidas as disciplinas optativas de Terapêutica Homeopática e Clínica Homeopática I, no 7º período, e Clínica Homeopática II, no 8º período (BORGES, 2008).

O Departamento de Estudos Homeopáticos, chefiado pelo professor Fernando (entrevistado apresentado no item 4.2), passou a ser denominado Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar (DHTC) (Resolução Nº 2218, de 2000), ao congregar disciplinas afins e de terapia complementar como a Acupuntura²¹ (*op. cit.*).

Em 2002, o CFM, entidade de fiscalização profissional de âmbito federal, a Associação Médica Brasileira (AMB) e a Comissão Nacional de Residência Médica SESu/MEC – CNRM - firmaram o convênio²² que estabeleceu critérios para o

¹⁹ Encontro Nacional de Estudantes Interessados em Homeopatia - ENEIH.

²⁰ Resolução CFM nº 1.000/80.

²¹ Aprovação do Curso de Extensão em Acupuntura – Ata da 123ª Reunião do Colegiado da EMC do CCBS, dia 7 de abril de 2003.

²² Comissão Mista de Especialidades (CME) – criada em convênio entre CFM, AMB e CNRM, estabeleceram relação única de 50 especialidades médicas reconhecidas no Brasil – 11 de abril de 2002. Composta por dois

reconhecimento, a denominação, o modo de concessão e registro de especialista e certificado de área de atuação médica.

Assim sendo, cabe à CNRM credenciar e autorizar o funcionamento dos Programas de Residência Médica; à AMB orientar e fiscalizar a forma de concessão de títulos e certificados e ao CFM registrar os títulos e certificados. Os termos são os seguintes:

Reconhece-se como Especialidades Médicas aquelas consideradas raízes e aquelas que preenchem o conjunto de critérios relacionados: (1) Complexidade das patologias e acúmulo do conhecimento em uma determinada área de atuação médica que transcenda o aprendizado ao curso médico e de uma área raiz, em um setor específico; (2) Ter relevância epidemiológica e demanda social definida; (3) Ter programa de treinamento teórico prático, por um período mínimo de dois anos, conduzido por orientador qualificado da área específica; (4) Possuir conjunto de métodos e técnicas, que propiciem aumento da resolutividade diagnóstica e/ou terapêutica; e (5) Reunir conhecimentos que definam um núcleo de atuação própria que não possa ser englobado por especialidades já existentes.

Para o reconhecimento institucional da especialidade, houve um acontecimento importante, mencionado nas entrevistas: a Comissão Mista de Especialidades estabeleceu em 2002, uma relação única de 50 especialidades médicas reconhecidas no Brasil, a Relação de Especialidades e Áreas de Atuação. Entre elas, a Homeopatia figura, por ordem alfabética, com o número 23.

Em 2003, mais um novo nome foi aprovado para a EMC: Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro²³ (BORGES, 2008). O quadro oficial do ensino médico da EMC/UNIRIO atualmente possui um curso de graduação em Medicina com 12 períodos, oferecendo 36 cursos de pós-graduação *lato sensu* nas diversas especialidades médicas e possui, ainda, 1 curso de pós-graduação *stricto sensu* na área de Neurologia. São oferecidos pelo Hospital Universitário Graffrée e Guinle (HUGG) vários programas de Residência Médica, desvinculados da Escola de Medicina e Cirurgia, sendo um em Homeopatia, a partir de 2004²⁴, bem como um programa de pós-graduação *lato sensu* nessa especialidade²⁵.

representantes de cada entidade conveniente, se reúnem duas vezes ao ano, podendo ser criadas subcomissões para auxiliar os trabalhos.

²³ Lei nº 10.750, de 24 de outubro de 2003, pelo presidente em exercício, José Alencar.

²⁴ Resolução nº 4, de 23 de dezembro de 2003, da Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), por 3 anos e recredenciado em 5/12/2006, por 5 anos.

²⁵ Resolução nº 2.408, de 10 de outubro de 2002 da UNIRIO, com aprovação da criação do Curso de Pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia do Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar da EMC, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da UNIRIO, pela Resolução nº 2664, de 19 de dezembro de 2005..

Outro fator de prestígio foi a abertura da Livre Docência²⁶ em Homeopatia pela UNIRIO. Citando a Livre Docência nesta IES, um dos entrevistados, o professor Aurélio, afirmou que:

Um outro aspecto interessante, também, é que nós fizemos a primeira Livre-Docência em Homeopatia nesta Universidade. Por sinal o candidato foi brilhante nas suas exposições, recebendo notas efetivamente muito altas.

Atualmente, a Livre Docência não consta no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Tem como pré-requisito o Título de Doutor (Lei número 5802, de 11 de setembro de 1972). A maioria dos professores titulares das instituições federais de ensino superior não são docentes-livres. Esporadicamente, no último decênio, a Escola Paulista de Medicina (UNIFESP), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade Gama Filho (UGF) efetuaram, para algumas áreas, provas para Habilitação à Livre-Docência.

Ao traçar esse caminho, verifiquei as marcas ideológicas e culturais que permearam a trajetória curricular da graduação da Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO, em diferentes épocas, pautada por ferrenhas disputas entre a Homeopatia e a Alopátia. Em busca de *status*, hegemonia e poder, o ensino da Homeopatia colidiu com a “verdade alopática” estabelecida e vigente no paradigma positivista, globalizante e distante do indivíduo e de suas queixas.

Por outro lado, lutas internas na Homeopatia dificultaram a sua trajetória que, apesar dos esforços empreendidos, teve sua esfera de abrangência reduzida. A instituição, de segunda faculdade de medicina do país, restringiu-se a algumas disciplinas opcionais de um curso de graduação, a uma Residência Médica e a uma pós-graduação *lato sensu* na área.

Vale ressaltar a percepção de que desses conflitos e dessas lutas internas e externas, travadas entre os dois campos científicos, aflorou a consciência da oposição das duas linhas médicas e que, apesar disso, buscou-se uma convivência nos embates, respeitadas as filosofias específicas de cada uma.

²⁶ EDITAL Nº 21 da UNIRIO, de 15 de setembro de 2005 - A Reitora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO torna público os resultados dos Concursos Público de Títulos e Provas para Habilitação à Livre Docência, homologados pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, em 8 de setembro de 2005, conforme a Resolução nº 2626/2005, nas Áreas de Conhecimento / Disciplinas, abaixo relacionadas: Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar - Área/Disciplina Clínica Homeopática: aprovado o candidato Jorge Calmon de Almeida Biolchini, com média final 9,9. (E outras especialidades). A professora Alice também é citada nas entrevistas como Livre-Docente em Homeopatia pela UNIRIO.

Uma questão se impõe com a exposição que foi feita até agora: Por que o ensino da Homeopatia tem encontrado tantos obstáculos? Por que se investe tanto no ensino de uma Medicina instrumental, sofisticada, dispendiosa e cada vez mais distante do paciente e de sua realidade sócio-econômica? Por que as portas das universidades se mantêm fechadas para o ensino obrigatório da Homeopatia? Por que temer a quebra do paradigma alopático vigente? Como ensinar Homeopatia em quantidade, garantindo qualidade, competência, humanidade e consciência? Tais perguntas, mesmo que não respondidas em sua totalidade, serão abordadas posteriormente.

No presente capítulo, abordei a emergência e os rumos subseqüentes do ensino da Homeopatia, uma nova e controvertida especialidade médica, tendo feito uma descrição do ensino médico e da saúde no Brasil Colônia, no Império e na República.

Em seguida, apresentei um resumo sobre a Homeopatia e seu fundador, o médico alemão Samuel Hahnemann, no qual descrevi os passos da Homeopatia e de seu ensino no Brasil. Focalizei também como a figura do médico francês Benoît Mure, e a sua excursão sem êxito pelo sul do país, para fundar uma comunidade societária e a fundação da Escola Homeopática do Brasil, ao serem dados os primeiros passos do ensino da ciência homeopática no Rio de Janeiro.

Procurei evidenciar, finalmente, que o ensino de Homeopatia surgiu e se desenvolveu no Rio de Janeiro na Faculdade Hahnemanniana do IHB, com suas disputas e adaptações, e terminei com a análise da UNIRIO, suas origens, seu desenvolvimento e seu quadro atual.

No próximo capítulo, com base nas contribuições teóricas e nos procedimentos metodológicos apresentados, examinarei os fatores envolvidos na emergência da disciplina de Matéria Médica Homeopática no currículo da EMC, bem como os desdobramentos posteriores do ensino de Homeopatia no Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 3

O CURRÍCULO COMO MEDIADOR DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Este capítulo visa apresentar o quadro teórico que fundamentou a análise de documentos e entrevistas e explicitar os procedimentos metodológicos empregados na coleta e no tratamento dos dados.

O capítulo foi estruturado da seguinte forma: Em um primeiro momento, apresentei a visão de currículo adotada no estudo, com base em textos de Antonio Flavio Barbosa Moreira e Tomaz Tadeu da Silva (2005) e Antonio Flavio Barbosa Moreira e Vera Candau (2008).

A seguir, focalizei a História das Disciplinas Escolares, considerada útil para a compreensão da história do ensino de Homeopatia no Rio de Janeiro, examinando a teorização de Ivor Goodson (1997, 2001, 2003, 2006 e 2007), bem como suas hipóteses de trabalho.

Em terceiro lugar, estudei a perspectiva de Lucíola Santos (1990) relativa à História das Disciplinas. Dei especial ênfase à sua proposta de considerar, nos rumos da disciplina, os fatores internos e externos.

Em quarto lugar, abordei o estudo de MOREIRA (2005) sobre a emergência e o desenvolvimento do campo do currículo no Brasil, sob a influência americana, com particular atenção no enfoque triangular empregado em sua interpretação dos dados.

Em quinto lugar, descrevi os procedimentos metodológicos usados na análise dos dados.

Reuni, ao final, as conclusões do capítulo, apresentando o modelo de análise a ser utilizado.

3.1 Concepções de currículo

A palavra currículo tem tido diferentes significados ao longo dos tempos, em função das distintas formas de se conceber a educação historicamente, das influências teóricas que a

afetam e se fazem hegemônicas em um dado momento, assim como das ênfases e omissões que se verificam nesse momento (MOREIRA & CANDAU, 2008). Distintos fatores sócio-econômicos, políticos, culturais e ideológicos têm contribuído, assim, para que currículo tenha sido entendido como:

- (a) Os conteúdos a serem ensinados e aprendidos. Nessa perspectiva, enfatizam-se os conhecimentos transmitidos pelos professores, valorizando-se menos o aluno e as atividades que desempenha na escola.
- (b) As experiências escolares de aprendizagem a serem vividas pelos alunos. Nesse enfoque, está-se realçando o que o aluno faz, ao invés daquilo que ele aprende. Nessa perspectiva, concebe-se o aluno atuando ativamente na sala de aula e o professor desempenhando, fundamentalmente, o papel de orientador da aprendizagem.
- (c) Os planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais. Essa visão reflete a influência da psicologia comportamental, em que se valoriza a conduta final a ser alcançada, bem como os procedimentos para atingi-la. No caso do currículo, dá-se especial atenção aos meios de levar o aluno a adquirir os comportamentos pré-estabelecidos, o que explica a forte preocupação com planos e procedimentos.
- (d) Os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino. Nessa concepção, intensifica-se mais ainda a influência do comportamentalismo, evidente na preocupação exagerada com a definição dos comportamentos finais do aluno (expressos nos objetivos escolhidos).
- (e) Os processos de avaliação, que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização. Essa visão é particularmente verdadeira quando se tenta criar um sistema nacional de avaliação, cuja implementação contribui para que os exames acabem por afetar a escolha dos elementos do currículo, principalmente dos conteúdos.

Pode-se observar que cada uma dessas concepções representa uma diferente ênfase em cada um dos elementos curriculares, ênfase essa decorrente dos interesses, das influências teóricas, das visões de mundo, de sociedade e de educação dominantes em um dado momento. Buscando-se esclarecer a concepção de currículo adotada neste estudo, afirma-se que o currículo corresponde às experiências escolares que alunos e professores vivem, em torno do conhecimento escolar, e que contribuem para a construção das identidades dos estudantes

(MOREIRA & CANDAU, 2008). O currículo corresponde, então, aos espaços organizados que afetam e educam pessoas. No caso deste estudo, irá referir-se apenas a espaços institucionais escolares.

Tal perspectiva inclui a certeza de que o conhecimento corporificado no currículo não é algo fixo, mas sim um artefato social e histórico, em contínuo fluxo e transformação. Daí as freqüentes variações por que passa o currículo, com inclusões, exclusões e transformações de conteúdos. Acresçam-se as modificações por que passam os outros elementos do currículo, como experiências de aprendizagem e procedimentos de avaliação.

O processo de fabricação do currículo é um processo social, no qual convivem fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, além de interesses, conflitos simbólicos e culturais, propósitos de legitimação e de controle, intenções de dominação em função de fatores ligados à classe, à raça, ao gênero, à sexualidade e à idade. O processo de fabricação do currículo, assim, não é internamente consistente e lógico, consistindo, antes, num amálgama de conhecimentos “científicos”, de crenças, de expectativas, de visões sociais.

Nesse cenário, os diferentes grupos sociais se confrontam para impor seus pontos de vista e seus interesses, buscando definir qual é o conhecimento digno de ser transmitido às futuras gerações. O currículo, portanto, não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos.

Assim, aquilo que é considerado currículo num determinado momento, numa determinada sociedade, é o resultado de um complexo processo no qual considerações epistemológicas puras ou deliberações sociais racionais e calculadas sobre o conhecimento talvez não sejam nem mesmo as questões mais centrais e importantes.

Além de corresponder à expressão de dados interesses sociais, o currículo também contribui para produzir identidades e subjetividades sociais determinadas. O currículo, em síntese, não apenas representa, mas faz.

Visto, portanto, como um artefato social e cultural, o currículo é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento (MOREIRA & SILVA, 2005). O currículo está implicado em relações de poder, transmite visões sociais interessadas, produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo tem uma história vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.

Uma compreensão mais profunda do processo de fabricação do currículo implica considerar as mudanças, as inclusões e as exclusões que o marcam. Implica, em síntese, compreender os fatores históricos que determinam esses processos. Daí a necessidade de estudos históricos, ressaltada por Ivor Goodson (1997, 2001, 2003, 2006, 2007), Tomaz Tadeu da Silva (2005), Lucíola Santos (1990) e Antonio Flavio Barbosa Moreira (2005 e 2008).

Nas próximas seções desse capítulo, focalizo alguns dos estudos históricos do currículo e das disciplinas escolares desenvolvidos por GOODSON e outros que a eles recorrem.

3.2 Contribuições dos estudos históricos de Ivor Goodson

Tendo em vista a importância dos estudos históricos do currículo para o entendimento das escolhas, das valorizações, das permanências, bem como das discontinuidades dos conhecimentos incluídos no currículo, cabe explicitar o que se está entendendo por história do currículo e das disciplinas.

O interesse na história do currículo remonta, segundo GOODSON (2003), à primeira fase da chamada Nova Sociologia da Educação (NSE), iniciada na Inglaterra por Michael Young e seus seguidores, e preocupada em expor a arbitrariedade dos processos de seleção e organização do conhecimento Escolar.

A história das disciplinas, para GOODSON (*op.cit.*), corresponde a uma historiografia *social* das disciplinas, centrada em uma epistemologia social do conhecimento escolar, atenta aos determinantes sociais e políticos do conhecimento educacionalmente organizado. Trata-se de entender quais conhecimentos, valores e habilidades são considerados como verdadeiros e legítimos em uma determinada época, assim como de determinar de que forma essa validade e essa legitimidade foram estabelecidas.

GOODSON (*op.cit.*) foi dos autores que mais se dedicaram a estudos históricos do currículo. O pesquisador britânico focalizou, predominantemente, as disciplinas Geografia, Biologia e Ciências na Grã-Bretanha, no final do século XIX e no século XX. Com base nos estudos dessas disciplinas, GOODSON (*op. cit.*) formulou três hipóteses sobre o processo de constituição de uma disciplina acadêmica, passíveis de emprego no estudo histórico de outros conjuntos de conhecimento profissional, conforme ele próprio afirmou em outros textos.

A primeira hipótese é que as disciplinas não constituem entidades monolíticas, mas sim amálgamas mutáveis de subgrupos e tradições que, mediante controvérsias e alianças, influenciam a direção da mudança.

Segundo GOODSON (2003), a pesquisa realizada na história do conhecimento psiquiátrico francês no século XIX permitiu concluir que, sem minimizar as diferenças evidentes entre ensino de escola secundária e psiquiatria em hospício público, a história da medicina mental no hospício, tanto quanto a história das matérias da escola secundária, permite entender como as profissões se tornam parte das organizações burocráticas que formam a vida social, política, econômica e cultural na era moderna e pós-moderna.

Essa história mostra que, quanto mais os grupos ocupacionais e suas associações representativas procuraram os incentivos e materiais oferecidos pelo Estado, tanto mais o conhecimento profissional se tornou abstrato e descontextualizado.

A consequência é que o conhecimento formal substituiu o conhecimento prático e utilitário, que até então tinha sido a preocupação fundamental dos profissionais, sendo postergadas as possibilidades de tratamento, cura, esclarecimento e emancipação da clientela.

Chega-se, assim, à segunda hipótese de trabalho formulada por GOODSON. Destaca-se, na hipótese, que o processo de se tornar uma matéria escolar envolve a passagem de objetivos pedagógicos e utilitários para objetivos mais acadêmicos, mais relacionados aos estudos nas universidades.

GOODSON (2003), em seu estudo do conhecimento psiquiátrico no século XIX, confirmou sua tendência de ultrapassar objetivos utilitários e práticos e chegar a uma forma acadêmica e erudita que refletia elevado *status* e definições hegemônicas de conhecimento. Esse padrão histórico seguido pelo conhecimento psiquiátrico simbolizou um abandono não só das necessidades terapêuticas e paliativas dos pacientes dos manicômios, mas também da busca de objetivos profissionais cuja realização, na perspectiva psiquiátrica, dependia de ligações mais estreitas com o Estado e com as vantagens materiais que o mesmo podia oferecer.

O conhecimento psiquiátrico, com o tempo, perdeu toda a relação com os imperativos dos médicos do manicômio e, assim, tornou-se rígido e praticamente inútil para psiquiatras dispostos a prestar os cuidados efetivos de saúde aos seus pacientes institucionalizados (*op. cit.*).

A terceira hipótese acentua que o debate em torno do currículo deve ser interpretado em termos de conflito entre as disciplinas no que se refere a *status*, recursos e território. Essa

hipótese se justifica em decorrência de se ter concluído que o tipo de conhecimento escolar encontrado nos currículos é também importante pelo seu valor social para professores dispostos a buscar recompensas profissionais. O conhecimento contido nas *teorias médicas*, ao que parece, satisfaz basicamente o mesmo objetivo (*op. cit.*).

Já se tornou evidente o quanto as hipóteses de GOODSON não são apenas úteis para estudos históricos referentes às disciplinas escolares. Encontram-se, em seu corpo teórico, subsídios para a análise da construção curricular de disciplinas universitárias. Afinal, o próprio GOODSON (2005) afirmou que as três hipóteses podem nos ajudar no estudo histórico de outros conjuntos de conhecimentos profissionais e acadêmicos, como as teorias médicas, por exemplo. Daí sua aplicação, no presente estudo, ao ensino de Homeopatia no Rio de Janeiro.

Destaque-se que GOODSON procura, nesses estudos, combinar análises em nível macro e micro, de tal forma que se compreenda como mudanças no nível macro podem ser ativamente reinterpretadas no nível micro. Ao criticar a NSE, argumentou que, freqüentemente, os estudos nesse campo careciam de uma perspectiva histórica. As limitações de tais estudos estariam no fato de trabalharem apenas no plano horizontal, focalizando questões de ordem social e econômica, e não no plano vertical e evolutivo, como o faz a história.

GOODSON criticou, também, os estudos interacionistas, que supervalorizavam o papel dos atores sociais e de suas interações na construção da realidade e, particularmente, do currículo. Para este pesquisador, portanto, as transformações nas disciplinas escolares devem ser entendidas com base em uma abordagem histórica.

Em estudos históricos do currículo em geral ou das disciplinas escolares, realizados no Brasil, outras possíveis hipóteses foram propostas, para a interpretação dos dados construídos (MOREIRA, 2003). Pode-se afirmar, por exemplo, que os rumos do currículo são afetados pela(s): (a) características da instituição em que o currículo se desenvolve; (b) participação de professores/as com elevada capacidade de liderança no processo de construção do currículo; (c) influência e participação dos alunos no processo de construção do currículo; (d) relações entre os rumos da disciplina escolar e da disciplina acadêmica e seus efeitos; (e) relações entre o desenvolvimento da disciplina acadêmica, da disciplina escolar no ensino médio e da disciplina escolar no ensino técnico e seus efeitos; (f) distância entre o discurso oficial e o currículo em ação e seus efeitos; (g) volta de uma perspectiva utilitária após a afirmação de uma disciplina no currículo, ou seja, o reinício do processo como é concebido por

GOODSON. Nesse caso, a disciplina é vista como passando por três perspectivas: uma utilitária, uma mais acadêmica e outra novamente utilitária.

Tais hipóteses, construídas em estudos históricos desenvolvidos no Brasil, sugerem a possibilidade de que outras hipóteses possam vir a ser formuladas e empregadas em outros estudos específicos, como este que se relata nesta dissertação.

Em resumo, as hipóteses de GOODSON apresentaram uma efetiva contribuição para esta pesquisa.

A primeira hipótese foi útil para focalizarmos e entendermos as discordâncias referentes aos enfoques adotados no ensino de Homeopatia, que nunca se revelou monolítico.

A segunda hipótese propiciou o foco nas disputas que marcaram a trajetória do ensino de Homeopatia na UNIRIO, em direção a uma inserção acadêmica. Este estudo verificou de que forma essa inserção ocorreu, inicialmente na Escola de Medicina e Cirurgia e, posteriormente, na UNIRIO. Os rumos do ensino de Homeopatia evidenciaram conflitos em torno de propósitos distintos: formar especialistas ou docentes. Essas tensões precisaram ser compreendidas no âmbito da perspectiva de se constituir uma carreira profissional de prestígio.

Considerada a terceira hipótese, pode-se afirmar que, assim como no ensino secundário, os debates em torno de recursos, espaço e prestígio acabaram respondendo por diversas escolhas, alianças e decisões referentes à especialidade em questão.

Em seguida à proposta de GOODSON, analiso as posições de SANTOS sobre a influência dos fatores internos e externos na história das disciplinas escolares.

3.3 Contribuições dos estudos de Lucíola Santos

Partindo de GOODSON, Lucíola Santos (1990), estudiosa do campo do currículo, abordou questões que vêm sendo discutidas pelos especialistas em “história das disciplinas escolares”. As investigações nessa área, para ela, objetivam, sobretudo, explicar as transformações ocorridas em uma disciplina ao longo do tempo.

Examinando a contribuição de GOODSON (2005) à História das Disciplinas, SANTOS considera que a perspectiva desse pesquisador assemelha-se a uma abordagem interacionista. De fato, para o estudioso britânico, os estudos interacionistas e/ou etnográficos

ampliam e aprofundam a compreensão de currículo, quando desenvolvidos em uma perspectiva histórica.

SANTOS (1990) procura complementar a visão de GOODSON (2005) e defende a idéia de que, em uma perspectiva sócio-histórica, as mudanças em uma disciplina precisam ser interpretadas levando-se em conta os fatores internos (tais como propostos por GOODSON) e os externos.

Os fatores externos estão ligados à política educacional e ao contexto econômico, social e político, decorrentes do regime político, do nível e do tipo de desenvolvimento de um país. Os fatores internos estão ligados às próprias condições de trabalho na área, como a emergência de grupos de liderança intelectual, surgimento de centros acadêmicos de prestígio na formação de profissionais, organização e evolução das associações de profissionais, política editorial na área, entre outros.

A autora afirma que

É fundamental, também, reconhecer que as relações entre fatores internos e externos não são constantes e que o peso destes fatores dependerá das seguintes condições: a) da tradição da área de estudos ou da disciplina, em termos de prestígio acadêmico e tempo de existência, relativo à época de sua inclusão ou de seu aparecimento no currículo; b) do nível de organização dos profissionais da área, incluída a existência ou não de associações e os grupos de poder em seu interior, a existência ou não de periódicos (revistas, jornais, etc.) e a política editorial da área; c) das condições objetivas do lugar ou do país, considerando o regime político e administrativo e a estrutura do sistema educacional (SANTOS, 1990, p. 26).

SANTOS (1990) concorda com GOODSON no sentido de que os estudos históricos das disciplinas precisam combinar análises dos níveis macro e micro, já que mudanças no nível macro podem ser ativamente reinterpretadas no nível micro.

Ainda segundo SANTOS,

Pode ser formulada a hipótese de que quanto maior for o nível de maturidade de uma disciplina e a organização dos profissionais da área, maior será o peso dos fatores internos no seu desenvolvimento. Esse peso aumenta, à medida que for mais descentralizado o sistema educacional (1990, p. 26)

A autora acrescenta que “o regime político, o nível e tipo de desenvolvimento de um país podem ter um grande peso no desenvolvimento de uma disciplina, tornando-a mais vulnerável aos fatores externos” (*op.cit*, p.27).

3.4 Contribuições dos estudos de Antonio Flavio Barbosa Moreira

Com base na discussão das literaturas sobre transferência educacional e história do currículo, MOREIRA (2005) propôs um enfoque triangular a ser utilizado no estudo da

emergência e desenvolvimento do campo do currículo no Brasil sob influência norte-americana e de seus rumos posteriores. Transferência educacional é entendida como “o movimento de idéias, de modelos institucionais e de práticas de um país para outro” (RAGATT, *apud* MOREIRA, 2005, p. 18). Esse movimento tem sido estudado, fundamentalmente, com base em duas perspectivas – o enfoque do imperialismo cultural e o enfoque do neocolonialismo – ambas baseadas nas teorias da dependência.

Ao propor um enfoque alternativo, MOREIRA buscou desmascarar a falsa crença de que toda transferência é benéfica para o país que a recebe, o que acaba por reservar pouco espaço para as peculiaridades dos países periféricos e para a forma pela qual o material transferido é absorvido. Do mesmo modo, foram rejeitadas as visões maniqueístas de que toda transferência implica a intenção de dominação ideológica ou cultural por parte do país doador.

O surgimento do campo do currículo no Brasil tem sido visto por alguns autores (DOMINGUES, 1985, 1986, *apud* MOREIRA, 2005) como exemplo de transferência educacional, como exemplo do transplante de teorias produzidas nos Estados Unidos. Para MOREIRA (2005), porém, tais estudos da emergência do campo do currículo no Brasil correspondem a uma visão simplificada do processo, já que o entendem como simples cópia da tendência tecnicista originada nos Estados Unidos da América.

Em síntese, MOREIRA (*op. cit.*) considerou reducionistas as análises das conseqüências do imperialismo cultural e da transferência educacional, por oferecerem uma visão passiva do povo receptor e deixarem de aprofundar o papel das idiosincrasias, tanto de colonizadores como de colonizados.

Outro enfoque da transferência educacional – o enfoque neocolonialista – enfatiza o efeito das especificidades culturais do colonizador e do colonizado nas práticas educacionais coloniais. Acentua a complexidade das interações entre ambos e sugere que a educação colonial nem sempre alienou o colonizado de sua cultura.

Mas as especificidades dos países envolvidos não são realmente consideradas. As similaridades entre as nações do Terceiro Mundo são aceitas sem questionamento, ao mesmo tempo em que uma visão bastante homogênea do trabalho das agências internacionais permeia as análises. O maior problema, porém, que pode ser visto no enfoque neocolonialista, é a falta de um quadro teórico desenvolvido.

Em resumo, MOREIRA afirmou que as duas abordagens principais de transferência educacional falham, principalmente, por não levarem em conta, nas interpretações, a mediação dos contextos culturais, políticos, sociais e institucionais dos países centrais e

periféricos e por não avaliarem devidamente a importância das resistências, adaptações, rejeições e substituições que ocorrem durante o processo. Assim sendo, pouco contribuem para a compreensão dos caminhos seguidos pelo campo do currículo americano após sua suposta transferência para o Brasil.

Considerando as contribuições e as limitações da literatura e com o objetivo de superar o reducionismo no estudo da transferência do campo do currículo americano para o Brasil, MOREIRA (2005) propôs um enfoque alternativo com três vértices, para o estudo do desenvolvimento do campo do currículo no Brasil, sob influência norte-americana.

O primeiro vértice corresponde às condições internacionais. Esse componente sugere uma análise dos fatos relacionados à transferência do campo do currículo dos EUA para o Brasil, tais como: o início da influência americana nos anos vinte do século XX; os acordos entre Brasil e EUA; a modernização da educação brasileira após 1964 e a influência americana nesse processo; as bolsas de estudo para especialização em currículo em universidades americanas; a assistência direta de especialistas americanos; a influência de livros-texto e autores americanos; o conteúdo dos modelos e teorias americanas “transferidas” e os interesses implicados em tais modelos e teorias. Inclui, ainda, outras influências estrangeiras que se façam notar em decorrência das condições e das dinâmicas internacionais.

O segundo vértice é formado pelas condições societárias. Esse componente envolve, fundamentalmente, os contextos sócio-cultural, econômico e político. As condições societárias constituem o cenário no qual as comunidades de professores e especialistas em currículo trabalham e, conseqüentemente, afetam o discurso por meio do qual a disciplina se forma, se modifica e é transmitida.

O terceiro vértice é composto das condições processuais e engloba instituições, cursos, programas, agências de pesquisa, estudos e projetos, agências educacionais, associações, publicações, congressos, seminários, reformas educacionais, comunidades da disciplina, interesses e missões das teorias curriculares, livros e programas brasileiros, assim como perspectivas de professores e especialistas em currículo. Esse terceiro componente envolve, em síntese, os contextos ideativo e institucional da disciplina, correspondendo, basicamente, às condições internas propostas por SANTOS (1990).

O presente capítulo buscou, com base em Ivor Goodson, Lucíola Santos, Tomaz Tadeu da Silva, Antonio Flavio Barbosa Moreira e Vera Candau entender as diversas concepções de currículo, visto como um amálgama de conhecimentos “científicos”, de

crenças, de expectativas, de visões sociais, como um artefato social e cultural, composto por conhecimentos considerados socialmente válidos.

O currículo está implicado em relações de poder, transmite determinadas visões sociais interessadas, assim como produz identidades individuais e sociais particulares. Daí a necessidade de estudos históricos, ressaltada por Ivor Goodson. Esse autor descreveu os fatores que afetam os rumos do currículo. Lucíola Santos abordou a “História das Disciplinas Escolares” propondo que as mudanças em uma disciplina sejam interpretadas levando-se em conta os fatores internos e externos. Antonio Flavio Moreira, com base na literatura sobre transferência educacional e história do currículo, propôs um enfoque triangular a ser utilizado no estudo da emergência e desenvolvimento do campo do currículo no Brasil sob influência norte-americana.

Os fatores internos, externos e internacionais, acima discutidos, contribuíram para a análise dos movimentos que caracterizaram os rumos do ensino de Homeopatia no Rio de Janeiro.

Os fatores internos foram úteis para compreender as lutas travadas no ensino de Homeopatia em busca de espaço, recurso e prestígio na EMC da UNIRIO e no IHB, evidenciando a dispersão de forças entre os sujeitos do campo, particularmente homeopatas.

Os fatores externos corresponderam às políticas de saúde e de ensino superior, bem como aspectos do contexto sócio-econômico e político que influíram nos caminhos seguidos pelo ensino de Homeopatia.

Os fatores internacionais referiram-se às influências estrangeiras que afetaram os rumos do ensino em pauta e que favoreceram a compreensão das origens tanto da Homeopatia quanto de seu ensino, com base em um modelo francês. Enfocaram-se, posteriormente, a análise do relatório de Flexner²⁷ e o declínio do interesse mundial pela especialidade.

No próximo capítulo examino os aspectos metodológicos referentes ao presente estudo.

²⁷ Abraham Flexner (1866-1959) redigiu em 1910 um relatório que revolucionou a educação médica americana e europeia desde então, ao descrever a situação do ensino em muitas das 155 faculdades de medicina dos Estados Unidos e Canadá. Lançado na Faculdade de Medicina de Johns Hopkins, e publicado em 1910, conjuntamente com a Fundação Carnegie, dos Estados Unidos, o Relatório Flexner apresenta as seguintes sugestões: (1) definição de padrões de entrada e ampliação, para quatro anos, da duração dos cursos; (2) introdução ao ensino laboratorial; (3) estímulo à docência em tempo integral; (4) expansão do ensino clínico, especialmente em hospital; (5) vinculação das escolas médicas às universidades; (6) ênfase na pesquisa biológica como forma de superar a era empírica do ensino médico; (7) estímulo à especialização médica; (8) vinculação da pesquisa ao ensino; e (9) controle do exercício profissional pela profissão organizada. (WIKIPEDIA, 2009)

CAPÍTULO 4

CONSTRUINDO E INTERPRETANDO OS DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo busquei apresentar os procedimentos metodológicos empregados no estudo, indicar os entrevistados, explicitar os processos de construção dos dados e, finalmente, proceder a interpretação dos dados. Focalizei os rumos da Homeopatia no ensino da UNIRIO entre os anos 1999 e 2009, em suas lutas por prestígio, recursos e território. Abordei o ensino da Homeopatia na UNIRIO, desde a transformação do IHB em Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO.

Selecionei três categorias de análise para a interpretação dos dados obtidos: a transformação da disciplina Matéria Médica Homeopática de optativa para obrigatória na matriz curricular do Curso de Medicina da UNIRIO, a criação da Residência Médica em Homeopatia e a pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia, na mesma universidade. Além de analisar os dados referentes a essas categorias, incluí também no capítulo a configuração da disciplina Matéria Médica Homeopática, a configuração do curso de pós-graduação *lato sensu* e, ainda, a configuração do ensino de Homeopatia hoje na EMC/UNIRIO.

4.1 Metodologia

Optei pela pesquisa de campo, de base qualitativa, utilizando-se a entrevista semi-estruturada para obtenção de dados junto aos participantes. Tratou-se de uma pesquisa exploratória que possibilitou aos entrevistados a análise da realidade investigada, permitindo-lhes opinar e dialogar com o pesquisador, utilizando a subjetividade de ambos na interpretação dos fatos referendados.

Os procedimentos metodológicos predominantemente empregados nesta pesquisa de campo foram as entrevistas e a análise documental.

A entrevista constitui instrumento de grande valia para as pesquisas qualitativas, pois permite ao pesquisador e entrevistados reconstruírem, de maneira dinâmica a realidade investigada. Na análise de MOREIRA (2008, p. 10), “(...) nas entrevistas, não cabe apenas pretender conhecer o outro, mas sim chegar-se a um processo de cooperação entre o pesquisador e o narrador”.

Segundo QUIVY (1998), nas suas diferentes formas, os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Caracterizam-se por um contato direto entre o investigador e os seus interlocutores e devem implicar uma fraca diretividade por parte do primeiro.

Utilizei a entrevista semidiretiva, ou semidirigida, na qual o pesquisador permitiu que o entrevistado falasse, abertamente, a partir das questões formuladas, apenas como temas, para balizar os objetivos traçados na pesquisa. Nesse sentido, o discurso dos entrevistados constituiu-se de modo livre, com os mesmos utilizando as palavras que melhor lhes conviessem para expressar os fatos relatados e podendo ordená-los livremente.

A flexibilidade e a fraca diretividade da entrevista permitiram recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando-se os próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais.

RUQUOY (1997) afirma que os investigadores foram se interessando cada vez mais pelo indivíduo, por sua forma de ver o mundo, por suas intenções e crenças. Nesse sentido, a entrevista tornou-se um instrumento primordial para uma abordagem em profundidade do ser humano, possibilitando uma compreensão rica e matizada das situações por ele vivenciadas.

LÜDKE & ANDRÉ (1986) enfatizam que a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Trata-se de uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais.

Na entrevista, a relação que se cria é de interação. Desenvolve-se uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Particularmente na entrevista não estruturada, na qual não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que detém. Entender seus pontos de vista constitui a verdadeira razão da entrevista.

A grande vantagem dessa técnica em relação a outras é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada sobre variados tópicos, praticamente com qualquer tipo de informante. Uma entrevista bem feita possibilita o tratamento de assuntos de ordem pessoal e íntima, assim como de temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.

LÜDKE & ANDRÉ (1986) afirmam que o tipo de entrevista mais adequado para a pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas mais livres, menos estruturados. Os informantes que se contactam, em geral professores, diretores,

orientadores, alunos e pais, são mais convenientemente abordáveis por intermédio de um instrumento mais flexível.

No presente estudo, procurei atender aos requisitos e cuidados exigidos em qualquer entrevista (LÜDKE & ANDRÉ, 1986): (a) respeito pelo entrevistado; (b) capacidade de ouvir atentamente e de estimular o entrevistado; (c) criação de um clima de confiança no qual o informante se sinta à vontade para se expressar livremente; (d) uso de um roteiro que guiou a entrevista, englobando os tópicos principais a serem cobertos; (e) esforço por desenvolver uma boa comunicação verbal, bem como paciência para ouvir atentamente o entrevistado; e (f) atenção aos gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, etc., indispensáveis para a compreensão e a validação do que foi dito.

A análise documental, também utilizada nessa pesquisa, segundo LÜDKE & ANDRÉ (*op. cit.*), embora pouco explorada não só na área da educação como em outras áreas de ação social, pode se constituir em uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos.

São considerados documentos “quaisquer materiais que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (PHILLIPS, *apud* LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 38). Incluem leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão, livros, estatísticas e arquivos escolares. A análise documental busca identificar informações factuais nos documentos com base em questões ou hipóteses de interesse para a pesquisa desenvolvida.

Conforme GUBA e LINCOLN (*apud* LÜDKE & ANDRÉ, 1986), há uma série de vantagens para o uso de documentos na pesquisa ou na avaliação educacional. Segundo os autores, a análise documental: (a) é uma fonte rica e estável de dados; (b) apresenta, em geral, baixo custo; (c) indica pontos a serem pesquisados por outros métodos; e (d) corresponde a uma fonte tão repleta de informações sobre a natureza do contexto, que nunca deve ser ignorada, quaisquer que sejam os outros métodos escolhidos.

Quanto aos procedimentos metodológicos, podem ser mencionados: (a) a seleção e caracterização do documento; (b) a análise do conteúdo; (c) a decisão referente à unidade de análise (unidade de registro ou unidade de contexto); (d) a decisão referente à codificação e ao registro do material; (e) a organização dos dados; (f) as leituras e releituras do material; (g) a identificação de aspectos recorrentes; (h) a escolha das categorias de análise; (i) o estabelecimento de relações, associações ou separações entre os itens.

Optei por trabalhar com análise temática, que envolveu identificar os temas recorrentes nas entrevistas e, por meio deles, descrever os conteúdos tratados. Por meio da análise temática é possível interpretar os relatos feitos e fazer inferências relativas às impressões dos entrevistados sobre o objeto investigado.

Em seguida, procedi à listagem e análise da formação dos participantes da pesquisa feita.

4.2 Entrevistados

Com a finalidade de se conhecer os participantes desta pesquisa, realizei, de abril a setembro de 2009, ao todo, seis entrevistas com docentes da UNIRIO, ainda atuantes no curso da EMC e uma entrevista com professor também atuante do IHB. Dos sete professores escolhidos, cinco foram alunos da graduação da EMC. Os seis docentes da UNIRIO foram escolhidos por terem vivenciado os momentos do surgimento e dos rumos subseqüentes do ensino de Homeopatia nessa universidade, embora nem todos sejam diretamente associados à Homeopatia. Esses últimos, porém, ocuparam cargos no momento da emergência ou ocupam cargos no momento atual, o que os torna participantes ativos do processo de definição dos caminhos do ensino de Homeopatia no Rio de Janeiro. Abordei os entrevistados por meio de nomes fictícios, para garantir o anonimato e a liberdade de expressão.

O entrevistado Fernando é médico, formado pela FEFIERJ em 1982, especialista em Homeopatia pelo IHB em 1982, curso de especialização em Homeopatia pela École Française D'Homeopathie, em 1983/84. Professor substituto do Departamento de Homeopatia da EMC desde 1985 e professor adjunto desde 2005. Vice-presidente do IHB de 1997/00 e presidente do IHB de 2000/03. Vice-diretor da EMC de 2005/07. Mestre em Neurociências pela UNIRIO em 2008 e atual Chefe do Departamento de Estudos Homeopáticos da EMC desde 1998. Membro efetivo e presidente da Organização Médica Homeopática Internacional, França, em 2000, e membro da Câmara Técnica de Homeopatia do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro desde 2001, sendo seu coordenador desde 2003. Coordenador da Residência Médica em Homeopatia do HUGG desde 2004. Como médico homeopata, teve ação decisiva em todo o processo de emergência e de desenvolvimento do ensino de Homeopatia no período em estudo. É tido pelos seus contemporâneos, professores da UNIRIO, como elemento-chave no reconhecimento da Matéria Médica como disciplina

obrigatória, na criação da Residência Médica em Homeopatia, bem como no planejamento e na realização do Curso de Especialização em Homeopatia (Pós-graduação *lato sensu*).

A entrevistada professora Leonor é médica, ex-aluna da FEFIERJ, formada em 1975, especialista em Medicina Esportiva, Fisioterapia, e Reumatologia. Especialista em Homeopatia pelo IHB em 1985. Especialista, também, em Docência Superior. Foi ex-secretária do IHB quando a disciplina Matéria Médica Homeopática se tornou obrigatória na universidade em questão. É professora dos cursos de especialização para médicos do IHB e Chefe do Departamento de Ensino desses mesmos cursos. Presidente do IHB desde 2004. Como homeopata, teve atuação importante no processo em análise.

A professora Alice é médica, ex-aluna da FEFIERJ, diplomada em 1977, especialista em Homeopatia pelo IHB. Professora adjunta da UNIRIO. Livre-Docente pela UNIRIO em 1991. Presidente do IHB de 1994/00 e vice-presidente desde 2000. Foi chefe do Departamento de Estudos Homeopáticos da EMC em 1990, em mandato anterior ao do professor Fernando. É professora e atual diretora dos cursos de especialização em Homeopatia do IHB.

O Professor Aurélio é médico diplomado pela FEFIERJ em 1978, especialista em Cirurgia Geral em 1982 e em Cirurgia de Cabeça e Pescoço em 1983 pela UNIRIO. Especializou-se também em Medicina do Trabalho na UERJ em 1980 e Gestão e Administração em Saúde pela Universidade Estácio de Sá em 2003. Mestre em Medicina em 1986, doutor em Medicina em 1997, livre-docente pela UNIRIO em 1992, Diretor do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle (HUGG) de 2001 a 2003 e do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da EMC em 2003. Orientador de mestrados e doutorandos. Atualmente é Chefe do Departamento de Cirurgia Geral e Especializada da EMC e professor titular de Clínica Cirúrgica da mesma instituição.

O Professor Rodolfo é médico formado na FEFIERJ em 1988, especializado em Cirurgia Geral e Torácica, mestre pela UFF em 1997, doutor pela UFRJ em 2002 e livre-docente pela UNIRIO em 2004. Em 1999 era professor de Clínica Cirúrgica. Titular da disciplina de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental em 2002. Desde 2002 tem presidido a Comissão de Residência Médica do HUGG.

O Professor Reinaldo é médico, formado pela UERJ em 1977. Ex-diretor da EMC, de 1996 a 1999. Decano do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde de 1999 a 2000. Especializado em Pneumologia pela EMC em 1984. Mestre em Pneumologia e Tisiologia

pela UFRJ, em 1985. Doutor em Pneumologia pela UFSP em 1988. Em 1999 era Diretor da EMC. Há 15 anos é professor titular de Tisiologia e Pneumologia da EMC.

O Professor Marcelo é médico, formado pela UERJ em 1976. Mestre em Obstetrícia em 1991 pela UERJ. Doutor em Obstetrícia pela UFRJ em 2000. Livre-Docente pela UNIRIO em 2004. Atual professor adjunto e chefe da disciplina de Obstetrícia da EMC. Foi decano do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde entre 1997 e 1999. Trabalha na Reitoria da UNIRIO, coordenando, desde 2007, o REUNI.

4.3 Processo de Construção dos Dados

O primeiro contato para marcar as entrevistas foi feito por telefone com o responsável pelo Departamento de Homeopatia da UNIRIO, visando definir o caminho que seria percorrido para obter as informações necessárias para a pesquisa. Todas as visitas ao campo seguiram a orientação dada pelo professor Fernando, que sugeriu os nomes e as formas de contato com os entrevistados. Iniciei as entrevistas com os professores que atuam no HUGG da EMC, tendo a última se realizado na Reitoria, com ex-professor da EMC que atualmente exerce função administrativa junto a esse setor.

Identificados os participantes do processo, entrei em contato por telefone e combinamos dia, hora e local para as entrevistas.

Realizei essas entrevistas nos seguintes locais: quatro no Hospital Gaffrée e Guinle, duas no IHB e uma na Reitoria da UNIRIO (atual UFERJ). O tempo de duração das mesmas variou entre 30 min a 1h. O entrevistador foi muito bem recebido por todos os entrevistados, que colaboraram significativamente com o processo. Gravei as entrevistas com a autorização dos docentes que, posteriormente, foram transcritas para serem analisadas.

Durante as entrevistas os participantes fizeram menção a documentos internos da IES que poderiam enriquecer a pesquisa. Um deles sugeriu buscar esses documentos na Biblioteca da UNIRIO, localizada na Urca, onde se fez uma visita que não apresentou resultados positivos. O pesquisador terminou encontrando o material em questão em setores específicos da universidade, tais como a Reitoria, a Comissão de Residência Médica (COREME) da EMC e a Secretaria da EMC.

Gravei as entrevistas com a prévia autorização verbal dos participantes, que não fizeram qualquer restrição à utilização de seus depoimentos nesta dissertação.

Selecionei os documentos examinados com o apoio do professor Fernando e do professor Rodolfo, que indicaram os arquivos em que se situavam (todos no HUGG), bem como ressaltaram sua pertinência para esta investigação. Os documentos do HUGG englobaram: propostas de reformas e alterações curriculares do curso de Medicina; programas de disciplinas; resoluções; projetos de programas de extensão; formulários, regimentos, regulamentos e normas de cursos de especialização *lato sensu*; relação de especialidades médicas reconhecidas no Brasil; programas de Residência Médica em Homeopatia e edital do processo seletivo para os programas de Residência Médica / 2010. Esse último documento foi pesquisado na internet. Os documentos relativos ao IHB envolveram: descrição dos títulos da biblioteca; relatórios de atendimentos da farmácia-escola do IHB; estatísticas; calendários de atividades; protocolos de intenções e programas de intercâmbio. Os referidos documentos encontram-se listados no texto e referenciados na bibliografia.

Tive o acesso aos documentos facilitado pela apresentação pessoal do pesquisador feita por dois dos entrevistados, o que provavelmente permitiu a disponibilização do material sem restrições.

Percebi que o professor Fernando é muito estimado pelos funcionários da IES, fato que contribuiu para a realização, de um modo geral, do processo de obtenção de informações.

As questões propostas foram examinadas pelos entrevistados, que responderam às perguntas formuladas segundo as questões propostas no capítulo 1:

Roteiro da entrevista semi-estruturada:

- a) Que fatores contribuíram para a introdução da disciplina Matéria Médica Homeopática como disciplina obrigatória no currículo da EMC da UNIRIO em 1999?
- b) Como a disciplina se configurou nessa ocasião?
- c) Que fatores contribuíram para a emergência da Residência Médica em Homeopatia em 2004, na UNIRIO?
- d) Que fatores contribuíram para a criação do curso de pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia, em 2007?
- e) Como o curso se configurou nessa ocasião?
- f) Como se organiza, no momento atual, o ensino de Homeopatia no currículo da EMC?

Com base nesse exame procedi a interpretação dos dados da pesquisa.

4.4 Interpretação dos Dados

Após a transcrição das entrevistas, estabeleci as categorias oriundas do material obtido por meio de entrevistas e documentos. Quanto às entrevistas, busquei significados predominantes em cada resposta, obtendo como resultado três categorias para análise.

As principais categorias escolhidas como norteadoras da pesquisa foram: (1) Introdução da disciplina Matéria Médica Homeopática obrigatória no curso de Medicina, da EMC/UNIRIO; (2) Emergência da Residência Médica em Homeopatia na mesma universidade e (3) Ensino da Homeopatia hoje nessa IES. A análise dessas categorias foi o fio condutor da interpretação dos dados.

Do material obtido nas entrevistas percebi a importância de alguns fatores internos que permitiram que se compreendessem as lutas travadas, no ensino de Homeopatia, por *status*, recursos e prestígio. Possibilitaram, também, que eu examinasse como as disputas em torno de diferentes concepções de Homeopatia afetaram a trajetória de seu ensino. Ainda, propiciaram a identificação dos obstáculos enfrentados por médicos homeopatas, que alimentavam o sonho de ver o ensino de sua especialidade incluída no ensino superior e que lutaram pela fundação de uma Faculdade de Medicina de base homeopática, visando tanto o ensino de Homeopatia quanto o de Alopátia.

Foi possível, ainda, identificar os conflitos envolvidos na criação das instituições que abrigaram o ensino da especialidade homeopática e na redução desse ensino a um número limitado de disciplinas em um Departamento.

Os fatores internos contribuíram, ainda, para que eu entendesse de que modo a Homeopatia e seu ensino perderam espaço para a Alopátia e seu ensino. A Faculdade Hahnemanniana do IHB, que objetivava a prática do ensino médico de Homeopatia, viu, aos poucos, diluírem-se o seu *status* e o seu poder. O IHB, fundador da Faculdade Hahnemanniana, perdeu seu prestígio, em função das reformas ocorridas e da desvalorização da Homeopatia e de seu ensino. Em outras palavras, incluíram-se nos fatores internos os conflitos entre os homeopatas, entre os mesmos e os alopatas e, por fim, entre esses últimos.

Examinei os pontos de vista defendidos e discutidos em reuniões, encontros e congressos e expressos em documentos escrutinados.

Como fatores externos, estudei as políticas de saúde e de ensino superior, bem como aspectos do contexto sócio-econômico e político que influíram nos caminhos seguidos pelo ensino de Homeopatia. Pude exemplificar, em termos de política de saúde, a valorização de

antibióticos, quimioterápicos e outros medicamentos que colocaram em segundo plano os tratamentos e os remédios homeopáticos. Decisões tomadas pelo Estado em relação à Faculdade Hahnemanniana e à UNIRIO foram examinadas, por terem provocado a hegemonia do ensino médico alopata, tal como se desenvolvia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e por terem influenciado negativamente o desdobramento do ensino de Homeopatia no Rio de Janeiro.

Os fatores internacionais foram úteis para a compreensão das origens alemãs da Homeopatia e de seu ensino com base em um modelo francês. Permitiram também que eu percebesse as influências oriundas de distintos países, para os quais a Homeopatia, ou a própria Medicina, era vista como envolvendo uma superespecialização, a ser estimulada nos estudantes. Configurou-se, aos poucos, uma Medicina cada vez mais instrumental, ou seja, centrada em exames, laboratórios e aparelhos sofisticados, que também visava o aumento de vencimentos dos médicos, reduzidos pela ascensão dos planos de saúde e pelos preços aviltantes pagos por esses serviços.

No estudo dos fatores internacionais, incluí a análise do relatório Flexner, elaborado nos Estados Unidos da América, que, ao defender a eficiência, a efetividade, o impacto, a relevância e a sustentabilidade da Medicina, terminou por reduzir os horizontes e o prestígio da Homeopatia e de seu ensino.

Observei a emergência de um fator que contribuiu decisivamente para a manutenção do ensino da Homeopatia na UNIRIO: o aspecto de tradição na EMC em defesa da Homeopatia. Entrevistado, o professor Rodolfo, justificou, com base no princípio apontado, a sua inserção como uma disciplina obrigatória no currículo da EMC, ressaltando, a importância, em sua visão, da criação dos cursos de pós-graduação e da Residência Médica em Homeopatia na EMC, bem como incentivou o presente trabalho de pesquisa:

A sua tese é uma tese muito interessante porque a Homeopatia é uma alternativa de tratamento. (...) E a Escola é uma Escola que nasceu da Homeopatia, então ela mantém a tradição da Homeopatia. Eu acho que foi muito plausível a conversão da disciplina Matéria Médica optativa em obrigatória. Eu acho que resgata a tradição da Escola, faz com que todo aluno saia com uma idéia do que realmente é a Homeopatia. Acho que é muito apropriada a sua tese, porque nesses últimos 10 anos foram criados dois cursos de relevância, aqui na Universidade, na Escola e no ensino da Homeopatia no Brasil, que é um curso de pós-graduação dentro de uma Instituição universitária (...) e a Residência Médica que é a única do país. Então eu acho que realmente resgatou a tradição desse tipo de tratamento, dessa forma terapêutica dentro da Escola.

Os parágrafos acima resultaram de uma interpretação subjetiva do pesquisador com base na leitura integral de todos os relatos, na análise de documentos e nas impressões formadas durante a pesquisa realizada. Também contribuíram para essa interpretação os estudos teóricos feitos no capítulo três.

Com base na categorização supra mencionada foi possível realizar a interpretação dos relatos e a distribuição dos assuntos conforme os temas a seguir: a introdução da disciplina Matéria Médica Homeopática obrigatória no curso de Medicina da EMC/UNIRIO; a configuração da disciplina Matéria Médica Homeopática; a emergência da Residência Médica no HUGG/EMC/UNIRIO; a criação do curso de pós-graduação *lato sensu* na EMC/UNIRIO; a configuração do curso de pós-graduação *lato sensu* na EMC/UNIRIO e, finalmente, o ensino da Homeopatia hoje na EMC/UNIRIO.

4.4.1 A Introdução da Disciplina Matéria Médica Homeopática Obrigatória no Curso de Medicina da EMC/UNIRIO

Para chegar ao entendimento da inclusão dessa disciplina como obrigatória no currículo da EMC foi preciso buscar o histórico de fundação da Faculdade Hahnemanniana, tendo percebido que todo esse caminhar não aconteceu sem grandes embates por poder e prestígio. Considerando as contribuições de GOODSON (2003) sobre os fatores que influenciam a construção de currículos, pude analisar os fatores externos, conforme abordado no capítulo três desta dissertação.

Nesse caso, ouvindo os entrevistados, percebi que, de acordo com o professor Fernando, um dos fatores intervenientes no processo de difusão da Homeopatia foi a questão provocada pela Universidade do Brasil, hoje UFRJ, que não desejava ter sua hegemonia no ensino médico ameaçada, o que poderia ocorrer com o crescimento da citada instituição. Dessa forma, esse episódio pode ser considerado como um fator externo que interferiu negativamente sobre a inserção da Homeopatia no ensino médico do Rio de Janeiro. A Universidade do Brasil (UB) procurou defender seu prestígio e seu território, confirmando a hipótese de GOODSON de que na inclusão de uma disciplina no currículo há lutas por *status* e poder.

Nesse embate, contrariando a posição defendida pela UB, em instância federal, foi decisivo o voto do Presidente do Conselho Superior de Ensino, a favor da criação da

Faculdade de Medicina do IHB, facilitando a posição defendida no início da Faculdade Hahnemanniana.

(...) eles [a UB] queriam a hegemonia do ensino médico no país. Então, (...) não era uma questão somente da Homeopatia, era uma questão de não querer abrir uma outra escola, entendeu? Por eles terem a hegemonia do poder. E aí foi um “pega-para-capar”. (...) Quando da criação da escola, foi o voto de minerva do presidente do Conselho, porque se tratava com Homeopatia e o cara reverteu a história (...) (Prof. Fernando).

Pude perceber a questão da tradição nos depoimentos dos professores entrevistados e nos documentos consultados, sendo enfatizado que a Homeopatia não teria encontrado grandes dificuldades para o seu reconhecimento graças à história da IES. Ligada ao IHB desde suas origens, chegou-se a uma similaridade de pontos de vistas e de compromissos sempre ardorosamente defendidos por professores da escola homeopática, tidos como “*figuras das mais renomadas da Homeopatia brasileira...*” (professor Rodolfo). Muitos desses mestres, acrescentou o entrevistado, foram marcantes em sua época pela projeção acadêmica e social. Além disso, os cargos de direção da Faculdade Hahnemanniana e depois da Escola de Medicina e Cirurgia, foram ocupados por homeopatas cujos nomes figuram nos anais da EMC como expoentes da especialidade e que se empenharam na defesa daquela IES.

Segundo os entrevistados, a resistência contra a Homeopatia, embora ferrenha numa época, como descrita no capítulo 2 desta dissertação, diminuiu em intensidade por vários fatores, entre eles o afastamento de suas funções junto à EMC de professores que eram contra a Homeopatia, por aposentadoria e outros motivos. Outra causa que facilitou a sua aceitação foi a origem de muitos dos atuais professores da EMC, como se viu na apresentação inicial dos entrevistados, tendo cinco deles sido alunos na graduação e recebido uma formação básica com disciplinas de Homeopatia, além de vivências clínico-ambulatoriais marcantes, de modo a se apresentarem hoje como aliados empenhados em manter a especialidade na academia e com a disposição de ajudar na busca por comprovação científica, visando o estabelecimento de justificativas para a sua permanência no campo, embora eles próprios sejam ligados a disciplinas alopáticas.

A Homeopatia está integrada na atualidade no currículo da EMC e vem desenvolvendo vários programas aprovados pelo Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da UNIRIO, sem grandes discussões acerca de sua validade ou oportunidade.

Compondo o currículo, a disciplina obrigatória de Matéria Médica Homeopática, incorporada ao ensino da graduação da EMC, apresenta alguns pontos básicos para a

compreensão da filosofia homeopática. Trata-se da única disciplina homeopática em programação oficial de curso de graduação no país.

Em Clínica Homeopática I e II, de frequência optativas, são trazidos à análise mais alguns princípios filosóficos dessa ciência médica e são apresentados alguns dos medicamentos utilizados no tratamento. E em Terapêutica Homeopática, também opcional, são estudados temas práticos da clínica e suas soluções e é apresentado novo conjunto de medicamentos utilizados. Destaco, então, as ementas das disciplinas do Departamento de Homeopatia e Terapias Complementares do Curso de Medicina da UNIRIO/CCBS/EMC, cuja constituição é apresentada na seção 4.4.2.

Refletindo um desejo e mesmo uma necessidade de longo tempo acalentado pelos homeopatas, quando da Reforma Curricular do Curso de Medicina, na UNIRIO em 1998-1999, o Chefe do Departamento de Estudos Homeopáticos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da UNIRIO, professor Fernando, enviou uma solicitação para a transformação da disciplina Matéria Médica Homeopática de opcional em obrigatória e sua inclusão no currículo da graduação da EMC (Requerimento ao diretor da EMC, de 1998).

Atendido o referido Requerimento, a disciplina Matéria Médica Homeopática foi estabelecida como obrigatória, com 30 horas teóricas, com dois créditos teóricos e um prático (Programa da Disciplina, 1989), integrando a matriz curricular no quinto período. Ainda para fortalecer a inserção do ensino da Homeopatia foram criadas disciplinas opcionais: Terapêutica Homeopática, com 30 horas teóricas, no sexto período (Programa da Disciplina Terapêutica Homeopática, 1989); Clínica Homeopática I, com 30 horas teóricas, no sétimo período (Programa da Disciplina Clínica Homeopática I, 1989) e Clínica Homeopática II, com 30 horas teóricas, no oitavo período (Programa da Disciplina Clínica Homeopática II, 1989). A oferta dessas disciplinas passou a se dar a partir da Reforma, acima aludida, inclusive sob a forma de curso de férias.

O Conselho de Ensino e Pesquisa da UNIRIO dispôs sobre as alterações no currículo pleno do Curso de Medicina do CCBS, oficializando a referida mudança curricular (Resolução nº 2059, de 1999).

Quanto às impressões dos docentes sobre essas mudanças, cabe destacar a fala do professor Reinaldo afirmando que, apesar de não ter muito conhecimento do ensino homeopático, a sua ação facilitou a permanência, no currículo, de algumas disciplinas relacionadas à Homeopatia e a transformação da disciplina de Matéria Médica Homeopática

em obrigatória. Comentou a respeito de seu contato com o professor Fernando, diretor do Departamento de Homeopatia da UNIRIO:

Então, na verdade (...) nem sabia, porque não tenho, assim, um conhecimento do ensino da Homeopatia suficiente pra poder julgar o que é necessário. Minha preocupação foi apenas dar, digamos assim, a oportunidade para que eles fizessem o que eles consideravam de melhor. E eu me lembro que foram, assim, três disciplinas. Eu participei de alguma coisa também na constituição do Departamento deles que acabou abrigando outras atividades consideradas médicas que não tinham, digamos assim, possibilidade de serem incluídas, naquela ocasião, dentro do ensino da medicina aqui no hospital, aqui na escola. Foi o caso, se não me engano, da Acupuntura. E outras coisas que fizeram parte (...) é, complementares. Mas eu não tive mais contato com ele, nem tenho retorno – que, por sinal, isso não existe na escola (...). Os alunos responderam a um questionário falando sobre o que eles achavam de diversas disciplinas.

O professor Fernando apresentou a situação optativa da Homeopatia no currículo vivenciada em sua época de graduação, onde não havia espaço na grade curricular:

(...) Eu entrei justamente no ano em que virou UNIRIO. E fiz como disciplina optativa. E o horário era na hora do almoço, cara. Não tinha nem espaço no currículo. As aulas eram na hora do almoço, pô. Era meio dia.

O professor Aurélio, associado à Alopacia, comparou as dificuldades enfrentadas para transformação da disciplina Matéria Médica Homeopática de optativa em obrigatória, com o mesmo tratamento oferecido ao ensino de disciplinas básicas obrigatórias em um curso de Medicina, como é o caso de Clínica Cirúrgica, por exemplo:

Dentro da Cirurgia nós temos tentativas de criarem-se disciplinas obrigatórias de Clínica Cirúrgica. Muitas vezes elas são do quarto nível de complexidade, que não cabem como disciplina obrigatória dentro de um currículo, e alguns professores querem, porque têm uma visão diferente da visão majoritária que é a formação do médico como um todo. E isso foi o que acabou prevalecendo lá à época, a formação mais médica como um todo para dar uma visão efetivamente do que é fazer medicina. E depois, colocar as especialidades nos seus níveis de graduação de segundo, terceiro ou quarto níveis de complexidade.

Pode-se observar, nos relatos, que a luta por espaço no currículo envolveu disputas e negociações (GOODSON, 2003; SANTOS, 1990). O currículo confirma-se como

constituindo um território de lutas e conflitos (MOREIRA & SILVA, 1994). O professor Fernando²⁸ assim se expressou:

Em junho de 98 começou a Reforma Curricular aqui na UNIRIO. No ano anterior eu me tornei Chefe do Departamento. Aí me envolvi na Reforma Curricular. Era um colegiado, um grupo. O grupo era aberto e eu fiquei participando. Com que intenção? De botar a Homeopatia como disciplina obrigatória. (...) E aí quando chegou na Reforma Curricular em 99, a gente brigou... Em 98 foi o Processo, 99 que foi a votação. Deve ter sido votado no final de 98, pra poder efetivar no segundo semestre – já era período – pra poder efetivar no segundo semestre de 99. Então começou em julho, agosto de 99 como disciplina obrigatória. E a coisa foi andando, (...) foi evoluindo.

Um fato significativo para o IHB foi a perda da hegemonia de conceder o título de especialidade em Homeopatia, que recebeu a seguinte interpretação do professor Fernando:

E na época foi aquela ascensão da AMHB²⁹. Eu estava (...) na primeira diretoria, depois na presidência do Instituto. O Instituto tinha perdido aquela característica devido à mudança dentro do Conselho Federal de Medicina, da forma do reconhecimento da especialidade. Foi em 85 que isso mudou. E o Instituto perdeu então (...) a hegemonia de dar o título de especialista. Quer dizer, não era o Instituto que dava mais o título de especialista e sim o Conselho Federal de Medicina. O Conselho Regional de Medicina reconhecia o título.

O professor Rodolfo, indagado sobre possível luta por espaço e prestígio da Homeopatia na EMC, afirmou que “não, na realidade não, porque a Homeopatia sempre teve um espaço muito bem definido na Escola. (...) É um ambulatório muito atuante, inclusive com figuras das mais renomadas da Homeopatia brasileira”.

Quanto à Reforma Curricular, o professor Reinaldo afirmou ter sido um dos seus protagonistas, quando buscou corrigir distorções matemáticas na distribuição de horários para a obtenção de mais facilidades e recursos na Universidade, não tendo observado prejuízos para a Homeopatia.

A Reforma fui eu que fiz. Nela houve – em tese – uma redução de carga horária para todas as disciplinas. Porque nós temos uma carga horária limitada por semestre, até por ano. (...) Então muitas disciplinas ficaram na ocasião até bastante aborrecidas comigo, porque eu produzi uma diminuição da carga horária. Mas, na verdade, não foi diminuição da carga horária não, porque elas mantiveram os mesmos horários das suas atividades semanais. Eu apenas somei a carga horária final, dando obviamente uma carga horária menor, mas efetiva. Agora, no caso da Homeopatia eu não me lembro de ter ocorrido

²⁸ O professor Fernando foi anunciado como novo Diretor Substituto da Direção da EMC – Ata da 133ª Reunião do Colegiado da EMC do CCBS, dia 22 de novembro de 2005. Essa nomeação mostra um grau de prestígio da Homeopatia na EMC e facilitou a aceitação da Disciplina Matéria Médica no âmbito da instituição.

²⁹ Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB), representante da especialidade junto à Associação Médica Brasileira (AMB), responsável pela outorga de títulos de especialização para médicos homeopatas no território nacional.

nenhuma retração. Acho até que houve certa expansão, porque eles estavam reivindicando três disciplinas (...).

A professora Leonor comentou a questão de uma disciplina obrigatória de Homeopatia na EMC:

Nós temos no Brasil 118 faculdades de medicina. A única que tem disciplina obrigatória é a nossa aqui, a da UNIRIO, no Gaffrée. A única. As outras todas são optativas, todas. Nem na UNICAMP, nem em Campinas, nem em Brasília. Na UFF, optativa também. (...) Na UERJ nem tem ainda. Está planejando prá ter, mas não tem ainda. Então, elas são optativas, não são disciplinas obrigatórias, e que eu saiba, nenhum desses lugares tem Residência . (...) Não tem. Então, o que acontece? Se você não forma um especialista que daria a essa pessoa mais uma frente de trabalho, é um descaso das Universidades.

“O Instituto Hahnemanniano nunca foi convidado a participar de nenhum protocolo ligado à questão da matéria obrigatória. A UNIRIO sim. Interessava à UNIRIO, por ser a entidade que promove a graduação, aos alunos que estão fazendo a Medicina (...)” (professora Leonor).

O propósito de incluir uma disciplina homeopática no currículo da UNIRIO evidenciou-se nas palavras do professor Fernando:

Em junho de 98 começou a Reforma Curricular aqui na UNIRIO. No ano anterior eu me tornei Chefe de Departamento e me envolvi com a Reforma Curricular. Era um colegiado. Era um grupo aberto e eu participei. Com que intenção? De incluir a Homeopatia como Disciplina obrigatória. A Reforma Curricular foi efetivada em julho de 99. (...) A primeira disciplina foi a Matéria Médica. E está até hoje, com uma carga horária de 30 h. A disciplina ficou somente teórica, porque não tinha espaço no currículo, o que até hoje é assim.

Observei certa ambigüidade na declaração acima, que, talvez, expressasse uma disputa em torno de perspectivas referentes à disciplina (GOODSON, 2003). A sua importância e prestígio não pareciam ser suficientes para garantir uma abordagem que incluísse as perspectivas teóricas e práticas. Outro trecho da entrevista de Fernando confirmou essa impressão.

Um crédito de carga teórica tem quinze horas, um crédito de prática tem trinta horas. Então, eu queria botar um teórico e um prático, mas não deu pra fazer isso. Eu não tinha espaço. Tivemos que ceder um pouco da carga horária pra outras disciplinas. Foi negociação. Eu falei “eu prefiro fazer isso do que a gente continuar como disciplina optativa”. E aí passou, foi tudo bem. Não foi muito simples, mas deu pra passar. Não foi unanimidade na época, não sei nem se ficou um ruído, não me lembro como ficou a questão da votação do Colegiado da Escola. Porque uma vez passando pelo Colegiado da Escola, o

resto fica mais fácil. Porque ninguém vai questionar. Pode até questionar, mas fica... Quem tem mais poder pra discutir é o próprio Colegiado da Escola de Medicina. Do Colegiado da Escola de Medicina cai pro Colegiado do Centro de Ciências de Saúde Biológicas, o CCBS. (...) Aí, depois que passa pelo CCBS vai pro Conselho de Ensino e Pesquisa da UNIRIO. (...) E aí, depois, o Reitor assina. (...) Foi esse o caminho que aconteceu.

O professor Fernando relatou como a disciplina Matéria Médica Homeopática se tornou obrigatória no currículo da UNIRIO, citando as lutas pelo seu reconhecimento:

É, disciplina obrigatória foi por minha causa, foi culpa minha. Essa eu falo pros alunos: “A culpa de vocês terem aula obrigatória de Homeopatia, a culpa é minha, porque fui eu quem brigou no Colegiado”. E briguei mesmo! Briguei no sentido positivo. Primeiro eu fiz a cabeça das pessoas, dos aliados, daqueles que não tinham nada contra, porque aqueles que eram contra, eram contra mesmo. Não iam aceitar nada da Homeopatia e não aceitaram e votaram contra. Ainda tem alguns remanescentes daquela época. A maioria já saiu fora, mas os remanescentes que eram resistentes são resistentes até hoje. Hoje só tem um ou dois aí que tem essa coisa contra a Homeopatia. Então mudou muito o panorama. Hoje eles são minoria. Antigamente eles eram maioria, pô, então... (...) Hoje não. Hoje a história é outra, mas também, já tem um tempão, não é? Tá fazendo dez anos aí esse ano que a Homeopatia está como disciplina obrigatória (...).

Como subsídio ao ensino, o Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar publicou, com o apoio da EMC/CCBS/UNIRIO, um resumo dos principais temas de interesse para o estudo da especialidade (Material Didático de Apoio à Disciplina Matéria Médica Homeopática, 2009), indo desde a história da Homeopatia, passando pelos seus princípios básicos, a pesquisa, aspectos semiológicos e diagnósticos em Homeopatia, terminando por bibliografia e regras da disciplina.

A professora Leonor assim se expressou sobre a anterioridade da idéia da disciplina obrigatória:

Quando ela passou a ser matéria obrigatória, na verdade isso já vinha de uma tentativa de muito tempo do professor Albertino – o nosso antigo presidente do IHB. Já havia tido uma tentativa.

Ao analisar as raízes homeopáticas da UNIRIO, o professor Aurélio deu razão à valorização da tradição homeopática nessa universidade:

A minha visão é uma visão muito clara. Primeiro pelo histórico da nossa Universidade. Nossa Universidade, ela nasce, lá em 1912, a partir do Instituto Hahnemanniano do Brasil e se torna a primeira faculdade privada de Medicina do Brasil. E em 59 nós nos tornamos uma fundação pública e nos tornamos a partir daí uma Escola Federal. Então, a tradição é que nós fomos fundados a

partir da Homeopatia. Na minha passagem pela direção da Escola nós tínhamos feito uma Reforma Curricular em 1999, em que só em 2001 saíram as Diretrizes Curriculares para os cursos de Medicina. E nós fizemos um trabalho, enquanto diretor da Escola de Medicina, em 2002, de reforma de todo esse currículo e de adaptá-lo às Diretrizes Curriculares emanadas pelo MEC. E dentre elas nós vínhamos mantendo a tradição da Escola de ter a disciplina de Homeopatia obrigatória e possibilitar a Homeopatia poder se desenvolver. Então, a Homeopatia tinha outras disciplinas optativas, além de fazer a Residência Médica, que nós introduzimos.

Sobre o mesmo assunto, o professor Rodolfo defendeu a tradição homeopática da EMC, justificando sua inclusão no ensino obrigatório no currículo. E o professor Marcelo confirmou a existência de um ambiente naturalmente favorável à Homeopatia e à aceitação da disciplina obrigatória.

A luta à qual o professor Fernando, homeopata, se referiu anteriormente é também observada pelo professor Aurélio, alopata, que a vê como uma disputa entre homeopatas e alopatas, por *status*, território e poder (GOODSON, 2003, 2005). Este relatou ter participado da Comissão para a Reforma Curricular e confirmou o histórico de lutas travadas neste fórum da IES pelo reconhecimento da disciplina obrigatória de Homeopatia, prevalecendo a tradição, tendo um grupo de professores da EMC se articulado com o objetivo de manter a Homeopatia naquela escola:

Bom, é claro que houve luta. Dentro (...) do próprio curso de Medicina existe um grupo, grupo de alopatas, que achava que a Disciplina de Homeopatia deveria ser tão somente optativa, que ela não deveria entrar no currículo. As discussões se fizeram amplamente, porque foi constituída uma Comissão para a Reforma Curricular. Eu participei dessa Comissão e as discussões foram discussões efetivamente muito próprias para o momento. Eu acho que acabou prevalecendo, e por grande margem de diferença, exatamente (...) porque a Escola tem uma tradição (...). Por aqui passaram grandes homeopatas. Então, nós tínhamos uma visão mais ampla. Eu votei a favor e fui um dos (...) que se juntaram ao grupo da Homeopatia para que ela continuasse aqui. (...) Eu vejo isso com uma visão muito salutar.

Já o professor Marcelo, indagado sobre lutas e dificuldades enfrentadas pela Homeopatia na EMC, comparou com as enfrentadas pela sua disciplina, Obstetrícia. Sugeriu que a presença da tradição é confirmada pelos docentes, muitos dos quais ex-alunos da universidade. A questão histórica volta em sua fala, como obstetra alopata, afirmando que sempre houve aceitação pela disciplina Obstetrícia, da Homeopatia, incluindo-a nas visitas à enfermaria. Relata que houve uma rejeição pontual, farpas; rejeição realmente, jamais, garantindo que dentro da EMC, graduação e *lato sensu*, ela é menor do que em outros lugares.

Eu nunca vi. Que eu me lembre, nunca percebi. Todas as discussões que havia em relação à implantação – vamos começar lá de trás, então. A parte de optativa nem me recordo, essa eu não posso dizer, mas a parte de obrigatoriedade, a parte da Residência Médica e agora, mais recentemente, a especialização, nenhuma, nenhuma. Se existe alguma, alguma... Se existiu alguma – e acho que existe ainda – alguma... é pessoal. É pontual. É aquele colega médico que não acredita na Homeopatia, que entende que a Homeopatia não é uma abordagem adequada da Medicina e ponto final. Pontual não resolve problema de colegiado, de coletividade. Jamais, isso eu sou testemunha disso, estou há 29 anos na Escola de Medicina e Cirurgia – e muito pelo contrário. Ainda posso te dar um depoimento em relação à disciplina à qual pertence, que é a disciplina de Obstetrícia, e da qual eu fui chefe durante nove anos, responsável pela disciplina, a Homeopatia sempre foi muito bem recebida e, pelo contrário, era instigada a participar conosco.

Observei o quanto a especificidade institucional e as características próprias de uma universidade em que a Homeopatia já havia encontrado algum espaço, afetaram a decisão de aceitar a disciplina Matéria Médica como obrigatória e não mais como optativa.

O professor Rodolfo, ao ser indagado acerca de desencontros de opiniões, brigas por recurso, território ou prestígio entre a Homeopatia e a Alopatria na EMC, afirmou: “Não, na realidade não, porque a Homeopatia sempre teve um espaço muito bem definido na Escola e um ambulatório muito atuante, inclusive com figuras das mais renomadas da Homeopatia brasileira”.

Com base nas entrevistas realizadas pude deduzir da importância das especificidades institucionais nos rumos de uma disciplina. Nesse sentido, o desenvolvimento do ensino de Homeopatia na UNIRIO foi marcado por características da universidade, por sua cultura institucional e pela tradição que contribuiu para confirmar a aceitação da Homeopatia. Assim, às hipóteses de trabalho de GOODSON, pode acrescer-se o reconhecimento da importância de aspectos característicos da instituição na emergência e nos rumos subsequentes de uma disciplina.

Segundo o que foi colhido nas entrevistas, a resistência contra a Homeopatia, embora ferrenha numa época, como descrito no capítulo 2 dessa dissertação, tem diminuído em intensidade por vários fatores, entre eles o afastamento desses professores contrários de suas funções junto à EMC, por aposentadoria. Outra causa apontada foi a de que muitos dos atuais professores da EMC, tendo sido seus alunos na graduação e recebido uma formação básica com disciplinas de Homeopatia, além de vivências clínico-ambulatoriais marcantes, hoje se apresentam como seus aliados empenhados em manter a especialidade dentro da academia, apoiando a busca de comprovação científica e a apropriação do paradigma vigente na ciência

atual, visando o estabelecimento de protocolos de pesquisa que justifiquem a sua permanência no campo.

Na atualidade da EMC a Homeopatia está plenamente integrada, desenvolvendo vários programas aprovados pelo CCBS da UNIRIO, sem grandes discussões acerca de sua validade ou oportunidade. O professor Aurélio comentou que, apesar do atual clima favorável à Homeopatia, foram muito acalorados os debates sobre a inclusão da Disciplina obrigatória de Homeopatia no currículo da EMC.

Em 1999 os debates foram muito acalorados, debates... Mas dentro sempre de um aspecto de educação, de educação médica, que ele era maior do que a simples opinião entre alopatas e homeopatas. E acho que foi muito salutar à época, tanto assim que ela foi colocada como disciplina obrigatória. Mas que houve debates, não tenha dúvida. Que houve a tentativa de ocupar espaços dentro da grade curricular... Isso é normal. Toda vez que se faz uma Reforma Curricular todo mundo quer mais espaço, todo mundo quer colocar a sua disciplina como de maior importância, de maior relevância. Então isso não é como questão da Homeopatia.

Observei aqui mais uma prova do prestígio atual da Homeopatia na IES: a Comissão Local de Reforma Curricular³⁰ reformulou as disciplinas optativas que já vinham sendo oferecidas na grade, decidindo-se pela manutenção da disciplina Terapêutica Homeopática ao lado das outras, na grade. As disciplinas que, embora autorizadas nunca foram oferecidas, acabaram por serem excluídas. Na mesma oportunidade foi decidida a unificação de disciplinas optativas que faziam parte do atual currículo: Clínica Homeopática I e II em Clínica Homeopática, tendo como pré-requisito a disciplina obrigatória de Matéria Médica Homeopática.

Ao analisar as dificuldades observadas com a Homeopatia, o professor Aurélio fala de hermetismo dentro das atividades homeopáticas e convidou para o diálogo aberto com a ciência médica atual. Acrescentou que não havia nenhum risco da Homeopatia deixar de existir na EMC, mas que era preciso um pouco mais de empenho dos dirigentes na organização das atividades do Departamento de Homeopatia:

Nós nascemos da Homeopatia, nos desenvolvemos a partir da Homeopatia e seria minimamente irracional nos divorciarmos totalmente dela, quando ela é uma especialidade reconhecida pelo Ministério da Saúde e é regularmente organizada na Associação Médica Brasileira. Então seria uma incoerência total nos divorciarmos dela. Eu só acho que a Homeopatia deve se mover também, não se manter hermética, e se virar um pouco para esse pensamento mais unicista que rege a prática médica, a geração do saber através da metodologia científica, e que no momento em que isso seja feito, essa

³⁰ Ata da 143ª Reunião do Colegiado da EMC do CCBS - UNIRIO, dia 14 de abril de 2008.

convergência deve ter entre essas áreas conflitantes. Mas na Escola eu não vejo atualmente nenhuma sequer, nenhuma possibilidade da Homeopatia deixar de existir, etc. Ela precisa até ser dinamizada. Precisa de um pouco mais de empenho, por parte dos senhores dirigentes, para organizar o Departamento de Homeopatia, para organizar as Disciplinas, para tentar fazer com que os profissionais lá possam fazer seu mestrado, seu doutorado e com isso fazer, quem sabe, já um Mestrado Profissionalizante, que fica mais perto.

GOODSON (2003, p. 28) argumenta que “houve anteriormente uma luta para fazer crer que determinada versão de Escola deveria ser considerada ‘boa’(...)” e que “a luta para definir um currículo envolve prioridades sociopolíticas e discurso de ordem intelectual”. As disciplinas não são monolíticas, comportando arrumações e adaptações para atingirem a meta do poder.

O professor Rodolfo acentuou, em outro trecho da entrevista, a manifestação da preferência dos alunos pela frequência às aulas da Homeopatia, somando-se a sua aceitação no cenário da saúde no município do Rio de Janeiro e do Estado:

Mas a gente sabia o que estava acontecendo e, a principal defesa do pessoal da Homeopatia foi a frequência aumentada de alunos em se tratando de disciplina optativa e a importância que a Homeopatia passou a ter no cenário médico nacional, principalmente depois que a Secretaria Municipal e Estadual de Saúde introduziram na sua rede também a Homeopatia, como uma forma de tratamento. Passou a ter ambulatório especializado. Basicamente, onde havia a Homeopatia? Em alguns consultórios particulares isolados, no Instituto Hahnemanniano e aqui no Gaffrée, e num ou noutro hospital. Foi nessa época, mais ou menos, que a rede municipal passou a ter oferta de Homeopatia assim como o Estado também, entendeu? Então realmente não houve muito, acredito eu, muito atrito.

Com relação a possíveis discussões sobre a implantação da Matéria Médica obrigatória e como foi a sua convivência com as demais cadeiras no ensino na UNIRIO, o professor Marcelo esclareceu que, se houve rejeição da Alopatria pela Homeopatia, do lado da Homeopatia cometeram-se equívocos, com uma postura geradora de desarmonia. Reafirmou que os problemas enfrentados pela Homeopatia são exatamente iguais aos enfrentados pela sua disciplina Obstetrícia. Ressaltou, com ênfase, com inflexão e pancadas na mesa, a ação preponderante e agregadora do professor Fernando. Destacou a necessidade de postura adequada ao diálogo para que a Homeopatia seja valorizada. Falou da conduta adequada do professor Fernando, expressando sua opinião de que ele foi um catalisador fundamental para que isso acontecesse:

Sempre foi tranqüila. Penso que tem uma questão interessante a ser discutida aí, que é a seguinte – e aí vou falar como médico com 33 anos de formado.

Assim como o grupo de cá [alopatas] tinha, e eu vi isso muito na minha vida há 20 anos, 25 anos atrás, uma rejeição, vamos usar essa palavra, existia, também, do grupo que fazia Homeopatia, uma postura não muito adequada para uma harmonia. Isso foi se quebrando, se quebrando, se quebrando. Penso que no resto do país, no resto da nossa convivência na nossa comunidade médica, isso hoje é muito mais tranqüilo, penso eu, penso eu, mas vou falar do que eu vejo, que é a nossa Escola de Medicina. Existe aí um fator preponderante nessa questão: a conduta, postura e forma de agir do professor Fernando. Penso que ele foi um catalisador fundamental para que isso acontecesse. Porque se, diferentemente da postura que ele tem, fosse arrogante e levasse aquilo como se fosse uma verdade absoluta, que eu já presenciei alguns homeopatas em outras eras colocar, a coisa talvez não tivesse ido para frente.

Em meio às diferentes opiniões e manifestações, a disciplina Matéria Médica Homeopática foi incorporada à grade curricular, obedecendo à uma distribuição específica dos assuntos, apresentada no próximo item.

4.4.2 A configuração da disciplina Matéria Médica Homeopática

A disciplina Matéria Médica Homeopática teve sua inclusão garantida pelo empenho do docente homeopata Fernando, chefe do DHTC/EMC/UNIRIO. Esse fato é da maior importância, por se tratar da única disciplina obrigatória na especialidade ensinada em faculdades de medicina do país, abrindo perspectivas promissoras na integração da Homeopatia no currículo médico e suas consequências no seu ensino e na pesquisa.

O professor Fernando descreveu o início de sua vida escolar como aluno da graduação na FEFIERJ e assinalou o contato que teve com as disciplinas optativas de Homeopatia. Depois, como professor substituto e como Chefe do Departamento de Homeopatia, descreveu a sua atuação junto aos colegiados da Reforma Curricular, para reconhecimento da disciplina Matéria Médica como obrigatória, ajudando a definir sua configuração inicial.

Me formei aqui. Era uma disciplina optativa e a gente era obrigado a fazer algumas disciplinas optativas pra poder completar o currículo. Aí fui conhecer a Homeopatia aqui dentro. Minha primeira disciplina foi a de Matéria Médica Homeopática com o professor Barros. Depois foi o professor Sérgio, depois o Alfredo Eugênio, com Matéria Médica, Terapêutica e Clínica Homeopática. Todas elas optativas. Isso rolou até sempre, eu entrei, primeiro, em 85, como professor substituto, depois eu entrei em 87, como professor efetivo, professor auxiliar concursado. E aí fiquei até (...) 97, ou 98, não me lembro, quando eu me tornei Chefe do Departamento. Era a Alice. Aí a Alice não queria ser mais Chefe. Eu fiquei como Chefe do Departamento. Aí houve essa Reforma

Curricular, que foi efetivada em julho de 99 e aí tem todas as documentações, comprovações de todos os Colegiados, até a instância última, que é o Conselho de Ensino e Pesquisa da UNIRIO, que tornou a Homeopatia disciplina obrigatória.

A configuração da disciplina Matéria Médica obrigatória no currículo da EMC é apresentada pelo professor Reinaldo, que também informou sobre a disputa por espaço físico no ciclo básico da UNIRIO, que era ministrado no prédio do IHB, na rua Frei Caneca.

Eu me lembro que nós tínhamos uma idéia antes da Reforma, em que a gente dividia as disciplinas em ciclo básico e ciclo profissional. Então, algumas, como a própria Homeopatia, participavam ora de um momento, ora de outro. A partir da Reforma a gente eliminou, até porque com o nome que deixou de ser utilizado – ciclo básico e ciclo profissional – eliminou-se a parte dessa divisão no ensino. Essa divisão continuou a existir fisicamente, e ela é impossível de ser resolvida, já que nós não temos um prédio que possa absorver todos esses grupos do Hospital que está agora na Frei Caneca. O solicitado na ocasião é que começássemos a ter disciplinas (...) que trouxessem o aluno antes aqui [no HUGG], mesmo por um tempo curto, para satisfazer algum desejo dos alunos lá no terceiro período, que não tinham utilidade no Hospital.

Nesse ponto apresento as ementas das disciplinas do Departamento de Homeopatia e Terapias Complementares do Curso de Medicina da UNIRIO/CCBS/EMC, que expressam os aspectos do ensino da Homeopatia na universidade:

Matéria Médica Homeopática – SEH0003 – 5º período

45h/aula (01 crédito teórico e 01 prático, de caráter optativo passa a ser obrigatório com 30h/aula (02 créditos teóricos), tendo como pré-requisitos: Semiologia e Farmacologia I.

Estudo dos fundamentos de Homeopatia e sua constituição. Conceitos homeopáticos de Saúde, Enfermidade e Cura. Anamnese e Semiologia Homeopática. Origem e Métodos de Preparação dos Medicamentos Homeopáticos. (Reforma Curricular do Curso de Medicina da EMC da UNIRIO, 1998-1999, p. 16)

Terapêutica Homeopática – SEH0005 – 6º período

45h/aula (01 crédito teórico e 01 prático), de caráter optativo, passa a ter 30h/aula (02 créditos teóricos) tendo como pré-requisito: Semiologia.

Anamnese e Semiologia Homeopática 2; Diagnósticos Clínico, Clínico-Homeopático, constitucional, miasmático, medicamentoso; critérios de seleção do medicamento, prognóstico clínico-dinâmico; a condução no tratamento; Homeopatia e febre; Homeopatia e amigdalites; estudo dos policrestos: Aconitum napellus, Arnica montana; Estudo dos Policrestos: Belladonna, Calcarea carbonica; estudo dos Policrestos: Carbo vegetabilis, Chamomilla; estudo dos Policrestos: China officinalis, Hepar sulfur; estudo dos Policrestos: Hyosciamus niger, Ipecacuanha; estudo dos Policrestos: Mercurius solubilis, Phosphorus; estudo dos Policrestos: Rhus toxicodendron, Silicea; estudo dos Policrestos: Sulfur, Veratrum album. (*Op. cit.* p. 26)

Clínica Homeopática I – SEH0001 – 7º período

45h/aula (01 crédito teórico e 01 prático), de caráter optativo, passa a ter 30h/aula (02 créditos teóricos) tendo como pré-requisitos: Matéria Médica Homeopática e Terapêutica Homeopática.

Valorização e hierarquização dos sintomas; Observações prognósticas; Critérios de prescrição do medicamento – uso das potências, obstáculos à cura homeopáticas nas diversas especialidades médicas; Estudo dos estados reacionais – Psora, Sicoze e Sifilismo, Tuberculinismo e Cancerinismo; Estudo dos policrestos: Arsenicum album, Bryonia Alba; Estudo dos policrestos: Dulcamara, Sepia; Estudo dos policrestos: Pulsatilla, Lachesis; Estudo dos policrestos: Lycopodium clavatum, Nux vomica; Estudo dos semipolicrestos: Aurum metallicum, Baryta carbonica; Estudo dos semipolicrestos: Cantharis, Causticum; Estudo dos semipolicrestos: Graphites, Ignatia amara; Estudo dos semipolicrestos: Stramonium, Antimonium crudum. (*Op. cit.* p. 28)

Clínica Homeopática II – SEH0002 – 8º período

60h/aula (02 créditos teóricos e 01 prático), de caráter optativo, passa a ter 30h/aula (02 créditos teóricos) tendo como pré-requisito: Clínica Homeopática I.

Definição, histórico e estrutura dos repertórios, dos capítulos dos repertórios e sua aplicabilidade clínica; repertório e informática; práticas de repertorização homeopática nas diversas patologias; matéria médica comparada. (*Op. cit.* p. 28)

A disciplina Matéria Médica Homeopática, incorporada ao currículo da graduação da EMC, com a característica de obrigatoriedade, introduziu alguns tópicos para o entendimento da filosofia homeopática, aspecto fundamental para perceber os alicerces da Homeopatia. Em seguida, em Clínica Homeopática I, são comentados mais alguns aspectos filosóficos e são apresentados alguns medicamentos utilizados na terapêutica. E em Terapêutica Homeopática são estudados temas práticos da clínica e suas soluções, discutindo-se um novo grupo de medicamentos.

As ementas das disciplinas apresentadas mostraram-se bem abrangentes, com o objetivo de oferecer ao graduando em Medicina uma formação teórica apropriada, instrumentalizando-o para decidir-se por uma das linhas homeopáticas: a unicista ou a pluralista. Os aspectos filosóficos abordados introduziram os estudantes na percepção da indicação do método escolhido. Além desse conhecimento teórico, apresentou o estudo de medicamentos, fator fundamental para a prática clínica, permitindo valorizar mais ou menos a sua ação na esfera mental, geral e local, correspondente à linha escolhida. Na prática, a diferença entre as duas escolas se faz pela ênfase nos sintomas mentais, para os unicistas, ou não, para os outros.

As duas linhas sempre estiveram presentes no histórico da EMC devido a presença de docentes de ambas as vertentes, de modo que a formação generalista favorecesse a tomada de

decisão pelo aluno. Além disso, a noção do uso do repertório – conjunto de sinais e sintomas correspondentes aos medicamentos estudados, ou segundo outros, a “matéria médica invertida” - é de fundamental importância para a prática de quaisquer que sejam as vertentes filosóficas escolhidas.

A Homeopatia possui duas linhas principais de ação: (1) O unicismo, que representa a busca pelo medicamento único, capaz de solucionar globalmente as queixas mentais, funcionais e locais do paciente; e (2) O pluralismo, representando o uso de mais de um medicamento para atingir os objetivos descritos, sendo que os alternistas utilizam três ou quatro medicamentos, enquanto que os complexistas podem chegar a muito mais que isso.

Embora haja muitas diferenças no enfoque dado ao estudo dos casos, ambas as interpretações – unicista e pluralista - são bem sucedidas, dependendo da destreza na utilização do arsenal teórico e terapêutico disponível na especialidade homeopática. Se bem que com diferenças na potência (dinamização, representada por um numeral) nos medicamentos utilizados e na repetição das doses, na prática, os resultados são bons nas duas metodologias.

Neste capítulo foi apresentada a configuração da disciplina Matéria Médica Homeopática do curso de Medicina da EMC/UNIRIO, seu programa e uma breve análise do mesmo. As outras disciplinas, de caráter optativo, Clínica Homeopática I, Terapêutica Homeopática e Clínica Homeopática II, aprofundam o conhecimento do estudante nos aspectos teóricos e práticos específicos do tratamento homeopático.

No próximo item analiso a emergência da idéia, as negociações e a implementação da Residência Médica em Homeopatia, no HUGG/EMC/UNIRIO, única no Brasil.

4.4.3 A emergência da Residência Médica no HUGG/EMC/UNIRIO

A Residência Médica em Homeopatia na EMC é uma atividade que complementa a formação para a especialização do médico. A Residência Médica em Homeopatia no HUGG/EMC/UNIRIO instrumentaliza o médico nessa área de interesse, para a prática especializada. Dá-se pelo estabelecimento de um vínculo entre a IES e o profissional recém-formado, que permanece ligado aos diversos serviços do HUGG/EMC por dois (R1 e R2) e três anos (R3), para formação específica com ênfase na assistência e pesquisa em saúde, em regime de tempo integral e dedicação exclusiva. Foi uma conquista importante para a Homeopatia no ensino

médico da EMC/UNIRIO, única universidade do país que dispõe de um programa de Residência Médica em Homeopatia.

Para a sua concretização, entre as várias fases do processo, ocorreu uma visita da Comissão de Avaliação para a criação da Residência Médica em Homeopatia. O professor Rodolfo descreveu como foi planejada a Residência, com base em convênio UNIRIO/ IHB:

Essa comissão é composta por coordenadores de Programas de outras instituições que, necessariamente, não precisam ser da especialidade. Ou seja, na realidade eles levam em conta o quê? A estrutura, a infra-estrutura do Serviço, o programa teórico e a prática ambulatorial, de enfermaria e de cirurgia. No caso, aqui havia uma estrutura bem montada de longa data, tinha um ambulatório muito bem organizado e atuante, praticamente funcionando todos os dias e um programa de atendimento às enfermarias em algumas Áreas. Havia trabalhos conjuntos, principalmente, na época, a maternidade, a Obstetrícia. Para isso também, foi feito um convênio com o Instituto Hahnemanniano, ou seja, essa Residência foi criada em conjunto com o Instituto Hahnemanniano.

O professor Aurélio também discorreu sobre o histórico da implantação da Residência Médica no HUGG, afirmando que, de início, havia uma resistência por parte dos catedráticos, que temiam reações de oposição por parte dos residentes. Mas, com as mudanças dos quadros de administração da universidade e com a crescente receptividade, houve um incremento dessa atividade.

Foi lá no meio dos anos 80 que se discutiu para instaurar aqui a Residência Médica. (...) e nós brigamos muito. E não foi uma briga fácil não. Brigar contra os titulares da época que ainda tinham cátedras (...) lá dos anos 60 e anos 70... Foi complicado. (...) A maioria dos catedráticos não queriam Residência Médica. Não queriam por conta das reivindicações políticas dos residentes, dos direitos dos residentes. Eles ainda participavam de uma idéia em que o catedrático ficaria exposto a essa nova forma de estudar. Então eles sempre foram contra. No entanto, havia aqui um catedrático, um professor titular, da Pediatria, que se juntou a alguns grupos mais jovens, entre eles eu, na Cirurgia. Mais tarde vieram outros professores, na Ortopedia, e nós conseguimos quebrar, lá no meio dos anos 80, essa resistência. Instituímos então a Comissão de Residência Médica que era composta pela Pediatria, Ortopedia e Cirurgia. Mais tarde nós dinamizamos um pouco isso. (...) Nesse meio tempo, foi na presidência do professor Rodolfo, que nós ampliamos de 4 ou 5 programas para vinte e dois programas de Residência Médica, porque a nossa política na direção do Hospital foi exatamente essa – dinamizar a Residência aqui no Hospital.

Com esse objetivo, foi assinado um convênio (Comissão Mista de Especialidades, 2002) entre o Conselho Federal de Medicina (CFM), a Associação Médica Brasileira (AMB) e a Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) estabelecendo uma relação única de 50 especialidades médicas reconhecidas no Brasil, entre elas a de nº 23 – a Homeopatia. Esse

foi o primeiro e fundamental passo institucional para a criação da Residência Médica em Homeopatia no HUGG/EMC/UNIRIO, primeira e única do país.

Em 23 de dezembro de 2003, foram aprovados os Programas de Residência Médica (Resolução N° 4 da CNRM) para acesso direto e com pré-requisito, sendo a Homeopatia incluída entre as primeiras 25 especialidades indicadas, para treinamento com 2 anos de duração.

No decorrer de 2003 a Comissão de Residência Médica do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle da EMC/UNIRIO (COREME), enviou à Secretaria Executiva da Comissão Nacional de Residência Médica proposta de credenciamento provisório do Programa de Residência Médica em 18 especialidades médicas, entre elas a Homeopatia.

O Plenário concluiu pela sua aprovação com duas vagas para R1 (residente de primeiro ano) e duas vagas para R2 (residente de segundo ano) em Homeopatia, com seis votos favoráveis, nenhum contrário e nenhuma abstenção (Resolução da COREME do HUGG, 2003). Pude depreender, dessa informação, que a especialidade saiu prestigiada.

O Programa de Residência Médica em Homeopatia do HUGG, concedido em 2003, iniciou-se no ano de 2004, após o credenciamento provisório por três anos. Obedecidos os critérios mínimos para credenciamento de Programas de Residência Médica, ampliou-se o número de Residências Médicas para 46, em diferentes especialidades médicas no HUGG.

Em 2006, foi solicitada pelo Departamento de Homeopatia da EMC/UNIRIO à COREME, a manutenção do Programa de Residência Médica do HUGG em Homeopatia (Pedido de Credenciamento de Programa, 2006), sendo obtido o credenciamento por mais cinco anos. Do documento constavam: (1) O Pedido de Credenciamento do Programa; (2) A carta de justificativa; e (3) O Programa de Homeopatia para R1 e R2, com a indicação do corpo docente, a metodologia da avaliação do aprendizado, a programação científica habitual do corpo clínico e o pedido de credenciamento do programa em Homeopatia com duas vagas para R1 e duas vagas para R2.

No decorrer do ano de 2006 a Comissão de Residência Médica do HUGG (COREME) enviou à Secretaria Executiva da Comissão Nacional de Residência Médica pedido de credenciamento por cinco anos do Programa de Residência Médica (Solicitação de Credenciamento e Aumento de Vagas, 2006) de 14 especialidades médicas, entre elas a Homeopatia. Observei aqui a redução, de 46 programas para 14, ficando evidenciado que a Homeopatia manteve-se prestigiada nessa nova relação.

O Pedido de Credenciamento foi apresentado junto com uma justificativa assinada pelo professor Fernando, incluindo a listagem de recursos humanos (seis professores, sendo dois graduados, um residente, dois especialistas e um mestre), bem como a grade de atividades e carga horária para o R1 e o R2, discriminando-se, ainda, o sistema de avaliação.

O Plenário da COREME emitiu conclusão (Parecer COREME N° 306/06) concedendo o credenciamento com duas vagas de R1 e duas vagas para R2 para Homeopatia, com cinco votos favoráveis; nenhum contrário e nenhuma abstenção. Novamente, a ressaltar a verificação do apoio ao programa da especialidade.

Recentemente, a UNIRIO abriu vagas na Residência Médica para 35 especialidades, por meio de Edital (Concurso de Seleção para Residência Médica – 2010), no qual se listam as especialidades médicas oferecidas, entre elas a Homeopatia, com a seguinte distribuição: duas vagas para R1 e duas vagas R2, por dois anos e uma vaga, por um ano para R3. Observa-se o surgimento de um programa de terceiro ano (R3), confirmando a validade e o prestígio da Homeopatia no HUGG/ EMC/UNIRIO.

Apresentada a questão da valorização atual da Residência Médica em Homeopatia, o professor Rodolfo assim se expressou sobre a dificuldade inicial da criação da Residência Médica no HUGG/EMC/UNIRIO, reforçando que, no que diz respeito à Homeopatia, o aspecto da tradição é significativo:

Na época da Residência Médica o Aurélio era o diretor. O Hospital, embora fosse um Hospital Universitário, tinha uma visão um pouco conservadora no sentido de Residência Médica. Aqui, priorizava-se, pelas chefias mais conservadoras, a pós-graduação lato sensu em detrimento à Residência Médica. Em 2003, o Aurélio ao assumir a direção me convidou e eu assumi a presidência da Comissão. Nós tínhamos aqui cinco programas de Residência Médica com 30 residentes. Em dois anos nós passamos para 30 Programas de Residência com quase 100 residentes. (...) E aí uma das opções que nós vislumbramos era a Homeopatia, que tinha um ambulatório muito bem organizado, uma equipe de professores muito bem capacitada e por que não, então, criar a Residência, a primeira Residência Médica em Homeopatia do país. (...) E foi uma coisa muito interessante, porque se você notar, a Residência Médica que foi normatizada em 1977, tem um Regimento muito bem estabelecido. (...) Então, passou-se aqui na UNIRIO a ter o primeiro programa de Residência Médica em Homeopatia. E é o único. Logo depois, assim como você veio, foi com o pessoal da Paulista de Medicina para tentar copiar o nosso projeto para implementar lá, mas parece (...) que não decolou ainda. Então, o nosso continua sendo o único programa de Homeopatia do Brasil.

O professor Marcelo apresentou sua versão sobre a implantação da Residência Médica em Homeopatia, no HUGG, sugerindo que a questão passou a ser apenas administrativa – ter

ou não bolsa, ao invés de ser em Homeopatia ou não. A disputa se deu por recursos disponíveis (GOODSON, 2003):

Essa foi uma proposta simples e tranqüila. Não houve nenhuma... “Ah, ok. Tem vaga?” (...) a discussão passou por ter bolsa. Olha, puramente administrativa. Isso, essa discussão, poderia ter passado por cirurgia vascular... “Tem bolsa pro aluno?” Porque, acho que você sabe que você tem que oferecer bolsa para poder abrir o Programa e ser credenciado. (...) O mérito foi totalmente aprovado. (...) O programa aguardou um ano por falta de bolsa, e não por falta de mérito. Mérito aprovou, só que não pode começar... Tentou-se ver se a nossa Fundação de Apoio dava uma bolsa, e não se conseguiu; tentou-se ver se o Hospital fornecia bolsa e não... as bolsas normais do MEC. E assim que a primeira chance aconteceu, houve uma parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, Estadual de Saúde, e aí eles ofereceram uma série de bolsas e a Homeopatia entrou, tranqüilo. Assim como o curso de especialização.

A professora Leonor descreveu a sua participação junto com o Dr. Fernando no início do processo para solicitação da Residência Médica em Homeopatia no HUGG:

Eu fiz parte da elaboração da documentação que era exigida. A gente mostrou porque achava importante que a Homeopatia fizesse (...) uma Residência Médica, além de já ser uma especialização (...). Até porque o Fernando, como professor da UNIRIO, era a pessoa que levou lá essa documentação. Mas eu me lembro que nessa ocasião, da nossa diretoria, nós fomos os únicos que fizemos esse documento. (...) Outras pessoas foram convidadas, mas não compareciam aqui prá fazer (...) o trabalho braçal que exigia.

A professora Alice comentou a passagem da coordenação do Departamento de Homeopatia da EMC ao professor Fernando:

Bom, em 2000 eu passei a chefia para o Fernando, porque eu achei que ele era o presidente daqui [IHB] e ele devia ser o chefe lá. (...) Mas depois, em 2004, eu me afastei da UNIRIO. Afastei-me e retornei agora em janeiro. (...) Não, não, eu não vivenciei, porque justamente eu estava afastada. (...) quase me despediram, porque eu abandonei um tempo.

Quatro dos sete entrevistados reconheceram a baixa procura pela Residência Médica em Homeopatia no HUGG. O professor Marcelo emitiu a sua opinião sobre os motivos que levaram a esse fato:

A informação que eu tenho é que tem funcionado. A entrada de alunos não é muito grande(...). Nós estamos fazendo esses concursos (...). Entraram em três concursos. Nos três concursos (...) eles sempre oferecem duas vagas para cada período e quatro, cinco candidatos.

A professora Leonor lembrou que esteve junto com o professor Fernando nas negociações com vistas à implantação da Residência Médica em Homeopatia no HUGG:

É, eu participei, fui uma das pessoas que, junto com Fernando – que na ocasião era o presidente daqui [IHB] e eu era oradora da nossa diretoria – foi na elaboração do preenchimento de um protocolo que contemplava a Residência Médica.

Os primeiros tempos da Residência Médica foram analisados pela professora Leonor:

Por que eu ajudei o Fernando? Porque nos interessava, por existir um convênio entre a UNIRIO e o Instituto Hahnemanniano, e a nós interessava que o aluno que fosse fazer Residência Médica no Hospital Gaffrée, na UNIRIO, cursasse aqui [no IHB], as Disciplinas teóricas. (...) Mas como participei, eu não cheguei a ser propriamente uma preceptora da Residência em nível de ambulatório, no Gaffrée.

A professora Leonor lembrou a cisão entre o IHB e a EMC/UNIRIO resultando em necessidade de novas eleições no IHB, acarretando, na questão da Residência Médica, uma fissura que levou ao afastamento dos grupos. Analisou, também, o Curso de Pós-Graduação em Homeopatia do IHB:

Chegou a acontecer, mas quando houve a cisão da diretoria ocorreu a necessidade de haver novas eleições. Foram abertas as eleições pela antiga diretoria e essa questão ficou assim, um pouco estanque, vamos dizer, ficou... não digo que tenha sido quebrada, fraturada, mas ficou fissurada, vamos dizer, ficou fissurada. E os grupos, obviamente, os grupos se afastaram. O grupo que se manteve aqui no Instituto Hahnemanniano, na diretoria, permaneceu aqui com o curso do Instituto, que é o mais antigo do país e um dos mais antigos até do mundo; é o nosso aqui, brasileiro, do Instituto Hahnemanniano. E o outro grupo que ficou só lá no Gaffrée com o Fernando, o Antonio, o João, que também trabalha lá e a própria Alice, que é livre-docente e nossa diretora do Departamento de Ensino. Até porque existe uma exigência, não sei se você sabe, do Ministério de Educação, para que você tenha nessa formação de especialização entre os responsáveis pelas 7 Disciplinas que eu falei, pelo menos 50% de mestres ou doutores.

Conforme relatou a professora Leonor, do IHB, havia, inicialmente, um plano para oferecer aos residentes em Homeopatia do HUGG no IHB, a parte teórica do Curso de Especialização *lato sensu*, mas, com a cisão na diretoria do IHB, foram convocadas novas eleições, ocasionando o afastamento do grupo da diretoria anterior, presidido pelo professor Fernando.

Ainda sobre essa cisão entre a antiga diretoria do IHB, que ficou no HUGG, e a nova diretoria, que permaneceu no IHB, a professora Leonor relatou as dificuldades de reaproximação dos dois grupos. Observei a força dos fatores internos afetando os rumos da criação da Residência Médica: “(...) Essas pessoas se afastaram do Instituto Hahnemanniano por livre e espontânea vontade e posteriormente nunca mais aqui apareceram. A gente se encontra eventualmente em congressos”.

Indaguei à professora Leonor se haveria possibilidade de um trabalho conjunto UNIRIO – IHB: “No futuro? Nunca se sabe. Entre a UNIRIO e o IHB já existe um convênio”.

O longo e trabalhoso processo foi relatado pelo professor Fernando, que mencionou onde e como buscou orientação para iniciar a Residência Médica em Homeopatia, citando a sua ida à Associação Médica Brasileira, bem como as tensões envolvidas na análise do Programa da Homeopatia pela Comissão Nacional de Credenciamento:

Fiquei presidente do Instituto em 2000. Eu comecei a ir a Brasília(...). Aí, numa dessas possibilidades estive em São Paulo, na Associação Médica Brasileira. E o pessoal: “Olha, vocês querem ser a Associação Nacional. A gente só pode ter uma. Se vocês quiserem, tudo bem. AMHB ou IHB é a mesma coisa”. Passar a perna na AMHB? Pô, sabe? E teria que fazer uma reforma estatutária do IHB. Será que os membros do Instituto querem isso também? (...) E aí ficou nisso. Foi quando o pessoal da AMB falou: “Olhe, um caminho é a Residência Médica”. “Por que vocês não fazem Residência em Homeopatia?” Aí eu fui à Brasília, no Conselho Nacional de Residência Médica, pra ver como é que poderia acontecer. E eles me deram o “caminho das pedras” pra ver como é que tinha que fazer o processo, como criar o modelo.

Uma vez ultrapassada a fase de contatos com as entidades representativas nacionais da Homeopatia, chegou a hora dos desdobramentos do processo da Residência Médica no Gaffrée (professor Fernando):

Eu peguei o modelo das outras especialidades, adaptei e, ao mesmo tempo, daquelas coincidências boas – e aí não sei como é que foi o processo da AMHB junto ao Conselho Federal de Medicina e Associação Médica Brasileira, que estavam batalhando pra botar a Homeopatia dentro dos quadros da Residência Médica. Aí eu me lembro que foi um Encontro Sudeste de Homeopatia que foi em Búzios, (..) em 2003. E aí o Hélio que era o presidente da AMHB, o Hélio Bergman, amigo nosso prá caramba, e eu tava na mesa com ele. E eu “me coçando”, e eu não sou um cara de falar. Que o Hélio chega e anuncia – isso foi em maio, mais ou menos – anuncia que o processo da AMHB para o credenciamento pelo Conselho Nacional de Residência Médica pra fazer Residência Médica em Homeopatia estava andando. E ele mal sabia que eu já estava com o processo.

A estratégia utilizada no processo da criação da Residência Médica na especialidade foi descrita pelo professor Fernando, que afirmou não ter encontrado resistência por parte da instituição.

Ah, dificilmente aconteceria. Por quê? Já existiam outras especialidades médicas tendo Residência; foi num pacote – eu sempre busquei ir com as coisas num pacote. “Não, vamos resolver o negócio da Homeopatia” “Não, não. Vamos resolver o negócio da Escola!” “Então, quem está solicitando?” “Ah, a Homeopatia, a Endocrinologia, a Reumatologia.” E nós juntos. (...) a Homeopatia não é marginal. A Homeopatia é uma especialidade médica, (...), igual às outras. Essa posição marginal é de nós mesmos. Eu vejo, eu fico

muito chateado com essa posição... Os colegas têm essa posição marginal. Alguns.

Frisou, no entanto, não encontrar dificuldades junto à EMC e à COREME:

(...) A gente não se faz presente, não se faz ouvir, não fala. Se a gente não se faz presente e não fala (...) eu acho que é uma posição muito tímida nossa e muito amadora. (...) Porque eu não vi, eu não vi dificuldade. (...) Aconteceu desse jeito. Então eu não tive resistência. Não tive resistência aqui dentro da Escola, dentro da COREME, pra isso (professor Fernando).

Com o aporte de verba, o MEC entrou com as bolsas, dando continuidade à Residência Médica no HUGG. Na análise do professor Fernando, sobressaiu a questão da luta por recursos.

No segundo ano que a gente fez a nova prova de Residência, o MEC deu as bolsas. Eu disse: “Pô! Graças a Deus!” Trabalho do Rodolfo, não só prá Homeopatia, mas prá todo mundo, pras outras. Então foi um trabalho que ampliou prá caramba a Residência aqui no Hospital.

Uma vez cumprido o primeiro período, avaliado e aprovado, o professor Rodolfo discorreu sobre o interesse de realizar o terceiro ano da Residência Médica em Homeopatia (relatado acima), direcionada para a assistência ao idoso:

Agora nós estamos para receber a visita com a finalidade de fazer um ano opcional que é o R3 em Homeopatia, focalizando a Homeopatia no Idoso, já que a gente sabe ser ela, basicamente, uma terapia alternativa muito usada em criança e adolescente, principalmente na área alérgica. O terceiro ano vai visar a Homeopatia no idoso, tendo sido criado aqui um Núcleo do Idoso e estar funcionando muito bem.

Indagado se o convênio UNIRIO-IHB de criação da Residência Médica em Homeopatia, no HUGG, transcorreu bem, o professor Rodolfo relatou que “correu, correu bem. O Fernando era o presidente. (...) Depois, com a saída dele houve assim uma dissociação, um pouco e, praticamente, o Programa ficou restrito ao Hospital”.

Com relação a possíveis locais opcionais para uma Residência Médica em Homeopatia, na opinião da professora Leonor, seria o Hospital do IASERJ, mas que, infelizmente, está se acabando por desinteresse dos governantes estaduais:

Um outro lugar que teria plena condição de fazer residência em Homeopatia seria – agora não mais – o Hospital do IASERJ. O IASERJ que está na

bancarrota. Lá sim, tem Serviço de Homeopatia, embora sejam só duas ou três salinhas, mas é reconhecida como um Serviço de Homeopatia, com uma farmácia homeopática no corpo do hospital que manipula os remedinhos.

Após a apresentação das questões que envolveram a criação do programa de Residência em Homeopatia no HUGG/EMC/UNIRIO, cabe focalizar a criação da pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia.

4.4.4 A criação do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Homeopatia na EMC/UNIRIO

Esse foi outro acontecimento de grande importância para a afirmação da Homeopatia na UNIRIO, que se direciona mais especificamente aos residentes do HUGG.

Em uma perspectiva histórica, o professor Aurélio analisou a criação do Curso de Especialização em Homeopatia do IHB, inicialmente no Hospital Moncorvo Filho, na década de 1912, e comparou com o atual Curso no HUGG/EMC/UNIRIO:

Ele foi criado (...) pelo Instituto Hahnemanniano lá no Moncorvo Filho. Já existia desde 1912. Então é um curso muito antigo. Depois ele tomou alguma forma, e numa época passou aqui pelo Gaffrée, pelo comando do Professor Fernando. Eu não tenho informações muito detalhadas. Eu não tenho informações recentes para te dizer qual é a frequência, qual é a demanda desse curso. Já foi um curso muito concorrido, muito concorrido. Lá no meio dos anos 90 e anos 80 nós tínhamos em média 40 alunos frequentando o curso. (...) Na época que eu exercia a direção da Escola eu tinha um painel da frequência.

Percebi na fala de três entrevistados que, na atualidade, existe um desinteresse por especialidades clínicas, manifesta na redução da busca por formação específica. Fato semelhante verifica-se com a Homeopatia, afirmou o professor Fernando, ao comentar a criação do curso atual de pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia pelo Departamento de Homeopatia da EMC:

No ano retrasado nós criamos o Curso de Especialização *lato sensu*, para não dependermos mais da SOHERJ e da Federação [Federação Brasileira de Homeopatia]. Então, criamos o nosso Curso de Especialização. O curso foi criado, na verdade, para os residentes. São poucas vagas, são cinco vagas só. Não me interessa. Mas, para preencher essas cinco vagas, na realidade, na Homeopatia hoje é até difícil. As pessoas não estão mais interessadas em fazer especialidade clínica. Não é a questão da Homeopatia. Especialidade clínica

com convênio não dá dinheiro, então as pessoas não querem. Então criamos outra atividade na Universidade: o Curso de Especialização da UNIRIO em Homeopatia pra médico e a primeira turma está se formando agora. Começamos em 2007, 2008, 2009... A nossa primeira turma está se formando agora. Nossa festa é amanhã.

A baixa procura por interessados no Curso de Especialização em Homeopatia, realizado pelo Departamento de Homeopatia da EMC, no HUGG, foi alvo de comentários da professora Alice. Além disso, citou o seu retorno às atividades docentes junto ao Departamento de Homeopatia no HUGG e analisou o convite feito aos residentes para acompanharem o Curso do IHB, bem como a possível reaproximação IHB-UNIRIO:

Eu sei que o Fernando e o João, eu vi lá [no HUGG], que eles têm um curso e que essas residentes até pagam o curso para fazer, que é um curso que complementa as aulas práticas. (...) Sim, mas é muito pouca gente. Eu acho que tem quatro pessoas ou três. São essas meninas. E eu até perguntei se elas não queriam fazer o curso aqui [no IHB]: “Vocês podiam ir lá”, “Não e não sei o quê.” Então, a Leonor gentilmente ofereceu se elas quisessem vir aqui [no IHB] assistir às aulas, poderiam vir, gratuitamente, e participar também, e que ela daria até uma declaração no fim de semana que elas quisessem vir e se interessassem pelo programa. Então, nós estamos arrumando isso que a Leonor gentilmente concordou. Então, está havendo esse... está começando a haver, através de mim, esse, de novo, *link*. (...) Mas eu vou fazer do meu jeito, tá?

Obedecendo à programação da pós-graduação, o Reitor da UNIRIO assinou a Resolução³¹ que dispõe sobre o Regimento Geral para os Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*³². Como relator indicado da Revalidação dos Projetos de Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*, o professor Marcelo informou que todos os 45 Cursos listados já haviam sido adequados à Resolução.

Em seguida, a Reitoria da UNIRIO aprovou a criação do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* – Especialização em Homeopatia (Resolução Nº 2.664, de 2005). A Resolução foi acompanhada pelo Regulamento do Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar da EMC/CCBS/UNIRIO.

³¹ Resolução nº 2.408, de 10 de outubro de 2002, publicada no Boletim da UNIRIO, revogando a Resolução nº 273, de 09 de dezembro de 1982.

³⁰ Ata da Reunião do Colegiado da EMC do CCBS, dia 20 de setembro de 2005.

³¹ Resolução do CNE/CES/1/2007. Diário Oficial da União, Brasília, 8 de junho de 2007, Seção 1, pág. 9.

Em 8 de junho de 2007³³ foi elaborada, então, a Resolução nº1, que estabeleceu as Normas para o Funcionamento de Cursos de Pós-Graduação *lato sensu*, em nível de especialização. Depois, foi distribuído o Formulário de Apresentação de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, pelo Departamento de Pós-Graduação da UNIRIO.

O professor Reinaldo afirmou que “fui a favor de se fazer o Curso de Especialização, que na verdade, já existia. (...) Foi a necessidade de uma nova aceitação no Conselho de Ensino e Pesquisa (...). Mas eu fui uma das pessoas que, digamos assim, apoiou a pós-graduação, a especialização”.

O professor Rodolfo apresentou a sua visão sobre a criação do Curso de Especialização em Homeopatia *lato sensu* na EMC, a sua clientela e as suas características, traçando um paralelo com a Residência Médica:

O curso de especialização é uma opção, é uma carga horária menor (...) É, *lato sensu*. Algumas pessoas têm mais interesse, às vezes já com a sua vida montada, ou às vezes querem fazer. O perfil do pessoal que procura a pós-graduação, (...) é uma clientela diferente da Residência Médica. (...) É aquele profissional já formado e que já está inserido no mercado de trabalho. Sem disponibilidade de tempo para cursar uma Residência nos moldes como ela é, com carga horária integral, e que tenha essa oportunidade de, na pós-graduação, também se especializar, com uma carga horária um pouco mais adequada às atividades que ele já desenvolve (...). Então, eu acho que as duas não entram em conflito. Elas se completam na medida em que oferecem a oportunidade para o profissional poder se especializar dentro das condições que ele pode atender.

Até aqui apresentei a criação do curso de pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia na EMC/UNIRIO, ressaltando as resoluções institucionais que regulamentaram esse trabalho formador de massa crítica em Homeopatia.

Passo, agora, a apresentar a sua configuração.

4.4.5 A configuração do curso de pós-graduação *lato sensu* na EMC

Inicialmente analisei com o relato do professor Marcelo, como se deu a seleção e a distribuição dos interessados nos cursos de pós-graduação *lato sensu* na EMC, resultado das ações do Departamento de Homeopatia, em busca de manter e ampliar o prestígio alcançado na UNIRIO:

Foi um pedido do próprio Departamento para se fazer um Curso de Especialização. Então, na realidade, não tem nada a ver com 99. Foi uma solicitação que veio da Disciplina-Departamento de se fazer um curso de *lato sensu*. Nessa época nem se discutia essa possibilidade. (...) Tem um edital único. A Homeopatia entra nesse edital, são cadastrados, aprovados pelo nosso Conselho de Ensino e Pesquisa. Temos 33 cursos na área da saúde. Eu sou coordenador desses cursos todos.

O Conselho de Ensino e Pesquisa, da UNIRIO³⁴, aprovou e promulgou a alteração de denominação do Departamento de Estudos Homeopáticos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde para Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar. Isso corroborou a idéia e atestou a importância da ação interna das atividades relativas a essa especialidade na graduação e na pós-graduação *lato sensu*.

Quanto à estruturação do curso de pós-graduação *lato sensu* na EMC, o professor Marcelo teceu comentários acerca da obtenção do título de especialização pela AMB, citando como um exemplo de reconhecimento automático pela associação nacional de especialidade. Analisou também a questão da procura pela Homeopatia:

No *lato sensu* existem 33 cursos, a Homeopatia é um deles, e segue as mesmas normas de todos os outros. Ou seja, uma seleção no início do ano, prova, entrevista, e, vamos falar em seleção que às vezes é uma entrevista, às vezes é uma prova, às vezes é um currículo, o que seja. E a Homeopatia tem preenchido as vagas, as duas vagas. (...) Então é um curso que ainda engatinha, sob o ponto de vista de mercado, vamos chamar assim. Você tem outros cursos lá em que você abre uma seleção para seis vagas, você tem duzentos e poucos candidatos fazendo a seleção, e você tem cursos que você abre a vaga e não aparece ninguém. Vamos colocar que a Homeopatia estaria no meio termo dessa história, oferece duas vagas e aparecem três ou quatro. Acabam ficando dois. (...) Porque o que a gente sabe hoje é que o nosso único curso dos nossos 33 *lato sensu* que a Sociedade da categoria reconhece é o da Dermatologia, por isso a demanda. (...)

Apresentadas as opiniões dos docentes sobre a configuração do ensino *lato sensu* em Homeopatia, apresento, a seguir, o ensino da especialidade hoje na IES.

4.4.6 O ensino da Homeopatia hoje na EMC/UNIRIO

O ensino da Homeopatia na graduação da EMC da UNIRIO é uma realidade inconteste e uma conquista da Homeopatia brasileira, particularmente do Estado do Rio de

³⁴ Resolução nº 2218, de 31 de outubro de 2000, assinada pelo Reitor Pietro Novellino.

Janeiro. Historicamente, a Faculdade de Medicina para ensino da Homeopatia para ser oficialmente aceita, integrou e foi absorvida transformando-se em faculdade para ensino da alopatia. A partir desses fatos, a IES manteve disciplinas que tinham o caráter optativo até que, finalmente, passou a ser representada pela disciplina Matéria Médica Homeopática, de caráter obrigatório, no currículo oficial da EMC. Outras três disciplinas são mantidas como optativas (Ata da 143ª Reunião do Colegiado da EMC/CCBS, 2009). Este fato é significativo, pois é a única instituição de ensino superior do país a possuir uma disciplina obrigatória em Homeopatia no seu currículo de graduação. A par disso, a Residência Médica em Homeopatia, também a única existente entre as faculdades de Medicina do país, recentemente iniciou um curso, também oficial nessa universidade, de pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia.

O destino na Homeopatia foi definitivamente marcado quando da Reforma Curricular (Reforma Curricular do curso de Medicina em 1998-1999 da EMC, 1999) (ANEXO). A Reforma citada incluiu a disciplina Matéria Médica Homeopática no quinto período, como matéria obrigatória, juntamente com a disciplina Terapêutica Homeopática, como optativa. A disciplina Clínica Homeopática I, como disciplina optativa vai do sexto período para o quinto período e a disciplina Clínica Homeopática II, permanece no oitavo período, como optativa. Todas as optativas citadas apresentam uma programação de 30h (dois créditos teóricos) e o documento da Reforma Curricular apresentou a grade das disciplinas. Constou, ainda, a alteração da disciplina Matéria Médica Homeopática com 45h/aula (um crédito teórico e um prático), de caráter optativo, que passou a ser obrigatório com 30h/aula (dois créditos teóricos), tendo como pré-requisitos: Semiologia e Farmacologia I.

A década em estudo, de 1999 a 2009, foi, pois, marcada por grandes avanços dessa especialidade em busca de readquirir o prestígio e o *status* de que já gozou na década de vinte do século XX, quando atingiu o seu apogeu.

Como foi relatado no capítulo três desta dissertação, houve luta por hegemonia e poder no esforço por estabilizar a Homeopatia no ensino superior, sendo observado o seu lento e progressivo declínio, apesar dos esforços dos homeopatas de então.

Concluo que a EMC se tornou, assim, uma cidadela na defesa por uma medicina com base nos princípios da humanização, da individualização e contra a acachapante super-especialização.

Na origem da EMC está o IHB e sua história. Atualmente, essas duas instituições apenas se unem por laços patrimoniais. Em termos históricos, a EMC teve origem nas

transformações sofridas pelo IHB, com a perda do *status* dessa especialidade médica. Hoje a UNIRIO é locatária de parte do prédio que outrora foi a Faculdade Hahnemanniana do IHB.

Conhecida artimanha bélica orienta: dividir para derrotar. A divisão de forças sempre foi uma técnica para derrotar o inimigo. Com relação à marcha da Homeopatia no Rio de Janeiro, a ninguém interessa o afastamento entre a UNIRIO e o IHB. A reaproximação das duas instituições é uma possibilidade apontada para fortalecimento da Homeopatia pela professora Leonor, afirmando que é possível, desde que os interessados busquem o apoio e sejam aprovados pelo colegiado do IHB e depois pela sua Diretoria:

Existir possibilidades, claro que existem possibilidades, nós não somos fechados a nada, absolutamente. (...) Passando ou não [no Colegiado], isso depois é levado aos diretores, porque afinal de contas os diretores foram eleitos por nós, membros titulares. Os membros titulares são os legítimos donos dessa casa (professora Leonor)

Ao analisar a ocorrência de atritos por busca de poder, território e recursos na UNIRIO, o professor Reinaldo afirmou, em seu relato, que não houve barreiras e que houve até um certo privilégio para a Homeopatia, ao citar as instalações utilizadas pelo IHB, no prédio histórico da Rua Frei Caneca, situado no centro do Rio de Janeiro. Interessante lembrar que a instituição ancestral foi o IHB. Continuando, citou também a importância dos fatores externos ao influenciarem o campo de análise, sobrepondo as necessidades impostas pelos fatores internos, representados por problemas administrativos na IES e que o Departamento de Homeopatia não “criava problemas”, ficando limitado ao IHB e ao ambulatório do HUGG, permanecendo isolado das discussões:

Eu acho que não foi barreira. Eu acho que houve até uma facilitação para a Homeopatia, porque eu procurei preservar dentro da Escola de Medicina a carga horária da Homeopatia, é, a carga que estava sendo solicitada. O mais importante é a carga que estava sendo solicitada por eles, para dar o curso. Por outro lado, é que além dessa carga horária eles tinham o Instituto Hahnemanniano. Você deve conhecer, sabe que ocupa uma boa área lá no Instituto Biomédico, e tinham comodidades e recursos que a própria Escola de Medicina não tinha, tá? Então, o que a gente lutava muito para conseguir, digamos assim, que fosse um aparelho de ar condicionado, eles conseguiam com facilidade porque eles tinham esse recurso de lá. E tinham um espaço lá, e tinham seus ambulatórios lá. Então eu não... pelo menos eu não consigo ver, com o passar dos anos, que tenha ocorrido um prejuízo em termos do ensino da Homeopatia, em termos de choques, dessas coisas. Eu acho até que não houve e pode até ser parcialmente justificado pela preocupação com outros problemas maiores do que algum conflito interno. A gente tem, às vezes, mais conflitos externos do que internos. E a Homeopatia não era uma disciplina também que estivesse criando algum problema e que pudesse ser lembrada sempre.

O professor Aurélio, docente alopata, ao discutir a questão de adequação à pesquisa na universidade como ação fundamental para a participação da Homeopatia, informou ter sugerido ao professor Fernando a necessidade de adaptação ao método aplicado à Alopatia. Voltou à questão da tradição, afirmando que por esse motivo não se pode deixar a Homeopatia de fora do contexto científico:

Disse: (...) Fernando (...), se você quiser fazer o mestrado em Homeopatia aqui [no HUGG] – tem que ter uma proposta - e não está longe disso – vai ter que fazer pesquisa, muito próxima à do método cartesiano, e aplicar ali uma metodologia de pesquisa que seja aceita pela comunidade científica da CAPES, no Brasil. E, sem sombra de dúvidas, isso vai passar por estatística, vai passar por método, e esse método implica na experimentação e essa experimentação com comprovação muito, muito explícita, que é o que nós fazemos nesse método cartesiano. E ele me disse: “Aurélio, não é complicado fazer isso.” Na época me mostrou alguns trabalhos, etc. Mas não é esse o conceito que nós alopatas temos. Não é esse o conceito. Tanto assim que eu abri para ele fazer, no grupo dele, fazer pesquisa dentro do pré-operatório, ele fez um trabalho de pré-operatório aqui importante em pacientes seletivos de vários tipos de cirurgia, com resultados muito promissores. Então a visão que eu tenho é por tradição – e essa Escola não deve se divorciar disso. É o meu pensamento, eu já externei aqui para você.

Segundo as palavras do professor Rodolfo, o reconhecimento da Homeopatia pela UNIRIO se deveu a alguns fatores como: a importância da estruturação interna do Departamento de Homeopatia da EMC e à grande afluência dos alunos, embora as cadeiras fossem opcionais. Isso se refletiu no seu elevado conceito junto à direção da EMC.

A cadeira de Homeopatia sempre foi muito organizada, embora fosse optativa, a maioria dos alunos fazia. Acho que era uma das únicas... Talvez isso também tenha sido um dos motivos para se converter para obrigatória na Reforma Curricular em 99. Era uma das optativas que realmente tinha a maior frequência dos alunos. Mesmo sendo optativa, quase todos os alunos da turma faziam a Homeopatia, para pegar uma experiência, e entender do que se tratava essa terapia alternativa. Então era muito interessante, porque você tinha as aulas e tinha o ambulatório muito bem definido e que você fazia o ambulatório junto dessas três personalidades aí importantes da Homeopatia³⁵.

O professor Fernando afirmou que, com a ascensão da AMHB, o IHB perdeu a hegemonia da outorga de títulos de especialidade, tendo passado essa atribuição ao órgão de representação nacional da Homeopatia:

³⁵ Professores que compunham o Departamento de Homeopatia da FEFIERJ, citados pelo entrevistado.

Na época da ascensão da AMHB, eu estava na presidência, na primeira diretoria, depois na presidência do Instituto. O Instituto tinha perdido aquela característica devido à mudança dentro do Conselho Federal de Medicina, da forma do reconhecimento da especialidade. Foi em 85 que isso mudou. E o Instituto perdeu a hegemonia de dar o título de especialista. (...) O Conselho Federal de Medicina e o Conselho Regional de Medicina reconheciam o certificado de especialista do IHB automaticamente... foi como obtive o meu título de especialista. E o Instituto perdeu. E a gente preocupado com isso na época, a gente na Presidência. (...) Fiquei como presidente do Instituto em 2000.

Ao traçar o caminho percorrido pelo ensino da Homeopatia desde a sua entrada no currículo da EMC e as suas avaliações pessoais de três décadas, quando na direção da EMC, o professor Aurélio descreveu a validade desta formação específica e estudou os caminhos trilhados pelos médicos que fizeram a Homeopatia como especialidade, bem como ressaltou o significado da fundação de três ambulatórios no Hospital da Posse, em Nova Iguaçu:

É fácil de ver. Nessa pesquisa que eu fiz ao passar pela direção da Escola, nós temos em média três a quatro por cento dos nossos egressos que praticam e fazem Homeopatia como forma de vida. Então, eu acho que uma área de concentração de saber, uma especialidade médica que atrai entre três a quatro por cento dos alunos da Universidade, já fala por si só. Porque ela perde para as grandes áreas, área cirúrgica, (...) mas com algumas áreas de concentração de saber ela praticamente fica igual, três, quatro por cento. Essa é a avaliação de 2002. De 2002 a 2004 eu passei pela Escola vendo o que aconteceu com os egressos, nos trabalhos que eu fiz de três décadas. E aí nós tínhamos, nessa especialidade, entre três a quatro por cento dos egressos. E alguns deles exerciam a Alopatria e a Homeopatia em paralelo. E hoje aqui não era muito mensurado por nós porque alguns nem falavam. Mas, por exemplo, no Hospital da Posse, quando o Ministério da Saúde homologou, isso lá no final dos anos 80, 90, nós fizemos três ambulatórios, três profissionais lá, que tinham cursos feitos aqui (...) pediram para fazer só Homeopatia. Nós os colocamos em ambulatórios para fazer Homeopatia no Hospital da Posse. Eu era o diretor de pacientes externos lá e, na época, coordenei essa migração para uma especialidade que se colocava.

O professor Rodolfo lembrou não ter havido dificuldades no ensino de Homeopatia no currículo da EMC, que foi bem aceito. Não houve críticas quanto à obrigatoriedade da disciplina:

O ensino da Homeopatia no currículo é um que já está bem sedimentado, entendeu, é bem aceito pelos alunos e todos praticam. A gente não ouve nenhuma discordância ou nenhuma dissensão no sentido de críticas à obrigatoriedade do ensino na grade curricular.

Tanto é assim que o Projeto do Curso de pós-graduação *lato sensu* em Homeopatia recebeu a aprovação de todos os presentes à reunião do Colegiado, demonstrando o apoio à idéia (Ata da 127ª reunião do Colegiado da EMC/CCBS/UNIRIO, 2004).

Na redistribuição do Currículo na EMC, possíveis facilidades desfrutadas pela Homeopatia foram apontadas pelo mesmo professor Reinaldo, mostrando que, muitas vezes, os conflitos externos mobilizavam mais que os internos. Em sua análise, a Homeopatia nunca foi uma disciplina que criasse problemas com frequência, mas que se mantinha fechada em sua atividade ambulatorial no IHB e no HUGG, sem participar intensamente das discussões na EMC.

A professora Alice relatou que foram grandes as dificuldades enfrentadas pela Homeopatia em sua gestão, com tentativas de desestruturação do Departamento de Homeopatia da EMC e mesmo bloqueios e críticas:

Eu me lembro que, quando eu fiquei chefe de Departamento, um outro Departamento disse: “Ah, você não quer (...) desativar esse Departamento, aí você fica atrelada ao nosso?” Aí eu telefonei para o professor Barros e ele: “Minha filha, você quer passar de cavalo a burro? Não faça isso. Isso é uma besteira. Não caia nas manhas deles”. E eu disse “Ah, tá bom.” Eu era muito, assim, ingênua naquelas políticas lá dentro. Então eu ia nesses negócios todos e era uma coisa muito complicada, muito complicada, porque eles tinham um desprezo terrível pela gente. Mas ao mesmo tempo muitos médicos [alopatas] iam lá [no ambulatório da Homeopatia do HUGG] – como dizia o Nilson – de máscara e luvas para não serem reconhecidos, para tratar de pedra no rim, mandavam os filhos com asma... Mas tudo assim, disfarçadamente. O Nilson completava: “Nós somos os bruxos do final do corredor”.

Com relação a pesquisas conjuntas, o professor Reinaldo, da Pneumologia, citou as tentativas para a realização de trabalhos conjuntos por meio de pesquisas na EMC sobre o tratamento de asma com a Homeopatia: “Numa opinião, sem ser administrativa ou mesmo profissional, aqui dentro, eu já tentei várias vezes contato com a Homeopatia para fazer alguns trabalhos multidisciplinares”.

No que se refere à execução de um protocolo de pesquisas, o mesmo professor Reinaldo ressaltou as tentativas infrutíferas de aproximação da sua cadeira com a Homeopatia por motivos de diferença na abordagem, com base na individualização e citou a desvalorização da Homeopatia no panorama nacional em relação ao internacional. A par disso, afirmou que a Homeopatia, presente no currículo da EMC, representa um diferencial, atraindo alunos para a Escola, um local de referência para o ensino da Homeopatia:

E eu nunca consegui fazer trabalho com a Homeopatia, porque vocês têm uma característica que é da individualização. Então a gente não consegue fazer um protocolo. Essa é uma das características. E também porque eu sempre vi a Homeopatia uma, digamos assim, uma disciplina, uma característica de atividade que aqui no Brasil está um pouco acuada. Mas ela é muito desenvolvida principalmente na Europa. (...) Mas sempre tive um bom relacionamento com os homeopatas. Eu acho que a Homeopatia é um, digamos, diferencial da Escola de Medicina e Cirurgia: ter Homeopatia no currículo. Dá uma orientação médica eu diria mais holística, mais completa do que existe no mundo. (...) Eu espero que a Homeopatia esteja, digamos assim, de pé em termos de continuar com aquela força que tinha antigamente; esteja lutando pelo seu espaço e continue trazendo, assim, alunos para a nossa Escola já que ela ficou sendo, assim, um local de referência para o ensino da Homeopatia.

Quanto à perda de espaço do IHB frente à EMC, o professor Fernando afirmou ter esse fato refletido o acontecido com a Homeopatia no mundo inteiro, sinalizando como os fatores internos, externos (SANTOS, 1990) e internacionais (MOREIRA, 2005) influenciaram o desenvolvimento da Homeopatia e o seu ensino no IHB, na EMC, no país e fora dele:

O IHB perdeu a hegemonia, e foi perdendo. Primeiro era a Faculdade Hahnemanniana, depois foi Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemanniano do Brasil e depois ela se tornou a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. (...) A Escola [planejada] pra formar médico já homeopata, perdeu ali a característica e começa a secundarizar e perde a hegemonia que tinha. Dentro da minha interpretação, e aí é a minha, o que eu vejo? Isso vem num contexto mundial. A Homeopatia veio perdendo todas essas características não só aqui, como no mundo inteiro. Naqueles anos vinte, trinta, nos Estados Unidos (...) os hospitais homeopáticos foram sumindo, desaparecendo. A mesma coisa aconteceu aqui no Brasil, em que a gente tinha a Santa Casa, e tinha aqui [Gaffrée]. Então a gente foi sumindo, foi desaparecendo, foi perdendo toda a característica, dando espaço devido ao advento dos antibióticos, e aquele Relatório do Flexner. Então, tem tudo aquilo ali que atrapalhou. E aí a Homeopatia foi perdendo.

Com relação aos atritos enfrentados pelo Departamento de Homeopatia dentro da EMC, a professora Alice relatou um atrito ocorrido no HUGG entre a Homeopatia e a Cardio-Pneumologia, no qual a chefe do Departamento de Homeopatia se desdobrou para reverter a perda de instalações, fato esse que demonstrou a existência de lutas por hegemonia e território (GOODSON, 2003):

E nós [a Homeopatia] ficávamos perto do Departamento de Pneumologia. E um belo dia eu cheguei lá no Gaffrée e eles tinham se apossado da nossa sala. Simplesmente nós tínhamos três salas, que eu tinha até conseguido essa outra sala a muito custo com o diretor do Hospital; havia pedido pelo amor de Deus. (...) Eles reviraram tudo, tudo, tudo. Sabe o que é jogar tudo seu...

[Entrevistador: Quem se apossou?] O pessoal da Pneumo e da Cardio. Eles queriam fazer um serviço maior ali. (...) Botaram tudo pelo chão, telefone, livros, tudo jogado. Eu fiquei enlouquecida. Eu tirei fotos, sentei, escrevi uma denúncia lá para o diretor do Hospital, para todos os chefes de Departamentos. Fui lá. Chorei. Eu cheguei lá no gabinete do diretor – isso logo depois do negócio – eu tive vontade de pegar e jogar tudo da mesa dele no chão, assim. Me controlei, e falei que isso não se faz com uma chefe de Departamento, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. Fiquei enlouquecida. Aí chamei um advogado, um advogado aqui do Instituto. Ele mandou eu trancar a sala. Tranquei, tirei a chave. Aí eles não puderam fazer obra. Aí ficou fechado. Ele falou assim: “Se eles abrirem, você chama a polícia.” Eu falei: “Olha, se alguém abrir isso aqui eu chamo a polícia.” Aí ficou aquele clima, né. Ficou aquele clima de guerra. A gente não atendia, atendia sei lá onde, eu nem atendia ninguém e ficou a sala trancada. E a obra querendo, e eles me pressionando, me pressionando. Eu vou te dizer, no dia seguinte, as outras pessoas do Departamento não fizeram nada. Ficaram de lado, fazendo que nada estava acontecendo. Eu fui lá batalhar. Aí, depois de muita luta, eles concederam me dar mais uma sala, que tinha. Desalojaram a que era da (...) de Doenças Infecto-Contagiosas. Me deram uma outra sala horrorosa do outro lado, aí nós ficamos com duas salas, a sala que tinha um banheiro horrível. Aí essas salas todas têm portas se comunicando, então nós ficamos com duas

Muito importante para o reconhecimento da Homeopatia pela EMC, foi a sua aceitação pelas entidades médicas oficiais do país, como expressou o professor Aurélio, alopata:

Então, eu acho que a Escola tem uma história com a Homeopatia, tem um passado com a Homeopatia, ela vem da Homeopatia. E na minha visão, dadas as características do Ministério da Saúde e da Associação Médica de reconhecê-la como especialidade e pelo histórico da nossa Escola, eu acho que a Homeopatia deve permanecer. Ela deve continuar, ela deve ser dinamizada dentro dos aspectos que norteiam o exercício da medicina contemporânea e com toda a sua amplitude possível, para que a Homeopatia se encaixe e possa caber dentro dessa larga visão de medicina e com todas as suas facetas, que são particulares à Homeopatia. Então, é preciso que as pessoas entendam a Homeopatia para poder aceitar a Homeopatia. E tem muita gente que emite opinião efetivamente sem conhecer.

Outro ponto mencionado pelo professor Rodolfo foi o de que, na atualidade do ensino médico do país, há diminuição da procura pelas especialidades clínicas, sugerindo que esse fato tenha sido motivado pela queda dos rendimentos financeiros do médico clínico ligado aos convênios de saúde e afirmou que, por esse motivo, as especialidades clínicas tendem a desaparecer:

Como praticamente a medicina está atrelada a convênios de saúde, realmente as especialidades clínicas não são muito atrativas, por quê? Nas especialidades cirúrgicas, o cirurgião tem como receber honorários não só pelas consultas como também pelos procedimentos cirúrgicos, que realmente é o que dá,

talvez, uma arrecadação maior de serviço, de honorários. Já para o profissional especialista que vive de consultório só com consultas em termos de plano de saúde, passa a ser desinteressante. (...) Você tem quase que 50% dos seus honorários descontados na fonte.

Então, a questão da sobra de vagas nas outras especialidades médicas é analisada pelo professor Rodolfo:

(...) Hoje está sobrando vaga em especialidades clínicas. A gente não consegue preencher... Não é só um fenômeno aqui não, é um fenômeno nacional, que está sendo discutido. Você não consegue preencher Pneumologia; praticamente nenhum programa do Rio consegue preencher; Nefrologia quase nenhum programa consegue preencher; Gastro um pouquinho mais, porque o Gastro tem a endoscopia para ser um pouco mais atrativo em termos de consultório; Alergia e Imunologia, também um pouquinho mais por causa das vacinas, a venda das vacinas. Ou seja, na realidade, especialidades clínicas elas tendem a desaparecer. Por quê? Justamente porque hoje a atividade liberal médica está atrelada a planos de saúde. (...) E a Homeopatia, por ser uma especialidade clínica sofre desse mesmo problema, ou seja, já tem um fator de obstáculo: o profissional direcionar para a Alopatria ou para a Homeopatia. A maioria, pelo leque muito maior que existe em termos de especialidades clínicas e cirúrgicas, opta pela Alopatria.

Confirmando o desinteresse por especialidades clínicas como a Homeopatia, o professor Marcelo também analisou o quadro atual da especialização na UNIRIO, dizendo que acha que se está no rumo errado de formar sub-especialistas, mas que o Ministério da Saúde tem tentado corrigir essa falha:

Concordo totalmente. Hoje há sobra de vagas em Pediatria e Obstetrícia, por exemplo. Eu vou mais longe (...). Em Clínica Médica também, mas nas básicas. Então, hoje você tem – voltando à discussão da especialização – uma especialização que precisa ser revertida. Não sei, isso eu acredito ser uma solução institucional. Mais até: nacional. (...) Eu, se fosse começar a fazer Medicina, eu faria Obstetrícia de novo hoje, porque eu acho que é um mercado que vai ficar vazio daqui a pouco e muito bom para se trabalhar. (...) Eu acho que a gente está no rumo errado. Eu acho que o Ministério da Saúde tem tentado trabalhar isso, penso eu, em relação à valorização, à criação da Residência em Saúde da Família, uma série de coisas que eles fizeram. É um movimento, mas os nossos garotos ainda não perceberam isso.

O professor Aurélio concordou com a afirmação da influência dos fatores externos (SANTOS, 1990), em que há um decréscimo pela procura por especialidades clínicas ligadas

a consultas médicas simples em detrimento das que realizam procedimentos complementares, com maiores possibilidades de ganho:

Nós fizemos algumas pesquisas, quando diretor, e eu observei que num dos trabalhos nós estudamos três turmas formadas nos anos 70, três turmas formadas nos anos 80 e três turmas formadas nos anos 90, exatamente nessas décadas. E vimos que as turmas que se formaram em 70, 99% deles exerciam sua profissão como médico e viviam dessa profissão. Nos anos 80 isso já cai para 94 a 95%. Alguns tinham desistido. E nos anos 90 esse número já era menor, já beirava uns 90%. Nós estamos falando de uma Universidade Federal, que tem um critério rigoroso de seleção através de um vestibular, mas que espelha bem que muitas pessoas vêm fazer medicina pelo *status*, na verdade não têm a vocação.

A questão da prática do médico formado é citada pelo professor Aurélio, informando a existência de uma cultura que o influencia na escolha de especialidades que possibilitem o exercício liberal e no setor complementar, que não absorve 30% deles:

Cada governo que entra, em qualquer dos três níveis de complexidade de governo, eles não têm uma política nacional de implementação. Isso acaba interferindo na faculdade e nos currículos. (...) A maioria dos nossos alunos querem ser profissionais para serem profissionais liberais e para trabalhar no setor complementar, que não absorve sequer 30% desses profissionais. E nós temos o setor SUS totalmente desprovido desses profissionais. (...) Nós não vemos por parte do governo ações que façam com que o médico, com que o estudante de medicina queira fazer clínica geral, por exemplo, queira ser médico de família, porque ele é pouco prestigiado.

Se antigamente havia uma barreira, hoje, o clima encontrado na UNIRIO é favorável em relação à Homeopatia com a realização de trabalhos promissores, disse o professor Fernando: “Aqui dentro é. Aqui não tem nada que a gente queira fazer e seja negado. Hoje está muito legal”.

A professora Alice concordou que há um ambiente muito mais propício à integração das duas escolas, Homeopatia e Alopacia: “Está indo muito bem. Porque não tem mais esse preconceito que tinha. Os professores são mais novos. Eu não sei. Mudou muito o espírito, sabe, mudaram muito as coisas... Hoje em dia a energia está muito mais valorizada”.

O Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar da EMC/UNIRIO, segundo o professor Fernando, está realizando, desde 2001, diversas atividades (Programa de Extensão: Homeopatia e Qualidade de Vida, DHTC/EMC, 2001): (1) O projeto Homeopatia, Saúde e Qualidade de Vida; (2) O projeto de Avaliação do Impacto do Ensino da Homeopatia

na graduação médica, que era de extensão e virou um projeto de pesquisa aprovado no Conselho de Ética e Pesquisa da UNIRIO, com atuação na enfermaria de Pediatria e apoio da farmácia da UFF, visando diminuir o tempo de internação e evitar as reinternações das crianças na enfermaria de pediatria; (3) O projeto Renascer, para a terceira idade, o projeto de extensão mais importante da Universidade; e o último que é (4) A informatização de uma ficha clínica desenvolvida pelo Departamento de Homeopatia em parceria com a Escola de Informática da UNIRIO³⁶. O professor Fernando apresentou os detalhes do programa de extensão:

Aí, eu me dedicando mais pra cá, comecei a me dedicar mais pros alunos da graduação também. E eu já tinha criado um programa de extensão que chamava: Homeopatia, Saúde e Qualidade de Vida. Nós fazemos uma porção de atividades aqui e não registramos nada na Universidade. Aí eu entrei em contato com o pessoal da Pró-Reitoria de Extensão para poder organizar as nossas atividades, porque eu queria atuar na enfermaria, principalmente com os residentes. Fui na Extensão pra saber como é que eu poderia fazer isso, de que maneira eu ia fazer. Nós já tínhamos feito isso na Obstetrícia com a Denise, que é uma médica do Serviço e já havíamos inscrito o Programa, sem registrá-lo. Eu tinha dois Monitores de Disciplina e aí eu abri o Programa. Para minha surpresa vieram dez alunos interessados em participar do Programa de Extensão de Homeopatia. Eu disse “Que é isso, cara!” Entendeu? Eu não sabia que eu tinha um público, que nós tínhamos um público tão interessado. Então, foi muito legal.

Em continuação, o Programa de Extensão: Homeopatia e Qualidade de Vida, DHTE/EMC, 2001, é apresentado pelo professor Fernando, com os desafios enfrentados em sua implementação. A sugestão de abrir uma enfermaria de Homeopatia, entretanto, foi rejeitada devido à falta de material humano.

E aí nesse Programa o que é que a gente faz? A gente cria eventos, porque para atuar na enfermaria a gente tinha que treinar o pessoal na enfermaria. Então começamos inicialmente com o Roberto no R1 na Pediatria. A Dinorá já atuava na Obstetrícia. E a minha intenção era começar a indicar pareceres nas enfermarias. Aí o pessoal: “Abre uma enfermaria de Homeopatia”; eu disse “Não, não quero”. Abrir uma enfermaria de Pediatria e Homeopatia... Tá louco, cara! Cadê, e médico? E pessoal, e gente? E prá passar visita? Não tem! Impossível! Vou dar um passo maior do que a minha perna? Não quero. Eu prefiro... Vamos lá dar parecer e, beleza. Por aí. Não dá, não, pô, e o tamanho da perna? Quem que vai bancar isso? Eu? Não é. Tá louco, cara. Pô, (risos), não dá, pô. Muito legal, muito atraente, mas, pô,... E eu tenho que trabalhar. Eu ganho dinheiro é no consultório, caramba, pelo amor de Deus. Aí, o Programa foi crescendo. (...)

³⁶ Inclusão no SIE – Sistema de Informação para o Ensino – Ata da 139ª Reunião do Colegiado da EMC do CCBS – UNIRIO, dia 27 de março de 2007.

Ao analisar as dificuldades enfrentadas pelos programas de pós-graduação da EMC, o professor Marcelo, alopata, destacou que, segundo o seu ponto de vista, isso se dá devido às ações serem realizadas com ênfase no atendimento hospitalar, na especialização e na sub-especialização:

O conhecimento que eu tenho, é que são as mesmas as dificuldades globais que nós temos. Eu penso que esse ensino podia estar muito mais à frente, mas acho que aí não é uma questão de dificuldade da disciplina ou do Departamento como um todo. Penso que é uma dificuldade da Escola. A Escola tem uma visão hospitalocêntrica muito forte. E eu acho, pelo pouco que eu conheço de Homeopatia, de ler, de ouvir e não praticar, eu acho que ser hospitalocêntrico não tem nada a ver com Homeopatia. A Homeopatia é uma ciência que eu acho que busca justamente a não-hospitalização e a Escola de Medicina e Cirurgia, por tradição, pelas cabeças que hoje ainda estão lá, mas que aos poucos estão sendo trocadas, é uma visão de especialização e até sub-especialização e hospitalocêntrica. Isso é uma briga que eu até tento fazer nesse tempo todo que fui da Obstetrícia. Tentei levar meus alunos para os Centros de Saúde, tirar de dentro do Hospital, fazer medicina preventiva, pré-natal – quer coisa mais forte do que o pré-natal para ser um exemplo de medicina preventiva? Então eu penso que a dificuldade que a Homeopatia tem é a mesma que a Obstetrícia tem dentro de um contexto nacional de medicina preventiva, e ela é um grande exemplo disso na minha opinião e por umas coisas, por coisas enraizadas dentro da filosofia, ainda, da Escola de Medicina e Cirurgia. Penso que isso está diminuindo aos poucos. Nós estamos agora prontos para criar o Instituto de Saúde Coletiva (...) que vai estar implantado dentro da rede e acho que a Homeopatia vai poder desenvolver esse processo de uma forma muito mais interessante.

O professor Aurélio afirmou que, apesar de ser um cirurgião, fez trabalhos de pesquisa com o grupo da Homeopatia com bons resultados para o aprendizado e respeito a uma outra forma de pensar e fazer medicina:

E apesar de ser um cirurgião, que é o mais radical dos alopatas, nós fizemos trabalhos aqui nessa enfermaria junto com o grupo de Homeopatia, trabalho de pesquisa com os nossos pacientes. Trabalho organizado, trabalhos avaliados pela Comissão de Pesquisa e com resultados bons. Com bons resultados, principalmente do ponto de vista de aprendizado nosso e de respeito a uma outra forma de pensar e fazer medicina.

Ao analisar o futuro das especialidades clínicas, o professor Fernando traçou um horizonte sombrio para elas, inclusive a Homeopatia, por não conseguir preencher a vagas para a Residência, apesar da bolsa. Em contrapartida, afirmou que se abre uma nova

perspectiva: a formação do médico generalista, enriquecida com a contribuição do entendimento e a visão da Homeopatia. Surge aqui um novo modo de pensar o ensino em Homeopatia: o objetivo inicial de formar homeopatas passou a ser contribuir para a melhora da formação médica. Muda-se o foco para formar melhores médicos:

Há dois anos a gente não consegue preencher as vagas de residência, com bolsa... (...) Não tem interessado. As pessoas vêm, depois largam. Largam no meio do caminho. Mas (...) essa ansiedade pra mim já acabou, porque, se largam Pediatra, pra largar Homeopatia não precisa muita coisa não, né? E na verdade está faltando... [esses especialistas] Todas as especialidades clínicas estão esvaziadas. Todas elas. Então... Quanto mais a Homeopatia, que é puramente clínica. A gente é um médico generalista por natureza. Entende? Então, o cara vai no convênio pra pagar uma merreca na consulta. Não quer. Eles não querem. E isso é reflexo dos meus próprios alunos. Desse grupo de dez alunos, se perguntar: “alguém vai fazer Homeopatia?” Ninguém! E te falo: seriam excelentes homeopatas.

A importância de investir na formação médica é fundamental para que eles se tornem melhores profissionais da saúde (professor Fernando):

Eles [os alunos dos cursos de especialização em Homeopatia] o fazem prá sua formação médica. E foi isso que me impulsionou prá fazer esse trabalho: trabalhar na formação. Eles acham que a Homeopatia é legal pra formação médica deles. Eles vão se tornar melhores médicos (...). E é isso, e é esse o meu foco. Eu não estou focando que a galera faça Homeopatia. O que eu estou querendo é mostrar que a Homeopatia na formação médica deles é uma formação importante. Mudei o foco. (...) Contribuí com a Homeopatia.

O professor Fernando completou seu pensamento expondo a importância da questão curricular na educação médica e de estar inserido no processo, permitindo que a Homeopatia colabore, sem atritos. Os argumentos utilizados para convencer que a Homeopatia tinha que ser uma disciplina obrigatória foi a própria Diretriz Curricular para a formação de médico generalista, na forma curativa e preventiva. Afirmou ele: Quem é que fala de relação médico-paciente? Quem fala de formar, de ver o doente como um todo?

É que havia uma necessidade de ter homeopata pra justificar a existência da especialidade. Aí eu vi que não. (...) É mais pela educação médica – que tem a ver com a tua tese, que é a questão curricular. Você vê que isso é legal ter. Eu disse: “(...) isso é Homeopatia, gente!” O argumento que eu usei foi a própria Diretriz Curricular. Eu disse que “a Homeopatia vem contemplar o desejo da diretriz, pô.” Foi o meu argumento. Esse foi o argumento, Humberto, esse foi o argumento. Não foi o outro. Foi a minha arma de justificativa, dizer: “Olha (...) a Homeopatia é isso, gente!” Sabe, a gente podendo botar isso, oferecer

isso. Quem é que fala de relação médico-paciente? Quem fala de (...) ver o doente como um todo? Vocês falam, mas vocês não fazem. Vocês só têm o discurso, vocês não têm a prática. (...) O que eu vi, o que eu percebi com aquela confusão toda do IHB? Disse: “Pô, o presidente do Instituto pode ser qualquer um, cara. Mas dentro da Universidade estou eu, não é? (...) Não consigo sossegar, porque tudo isso aí não estaria acontecendo, como sempre aconteceu. Ficou anos a Homeopatia parada. E não é uma crítica, porque era um contexto histórico diferente. (...) Ali era uma questão de sobrevivência da Homeopatia. Ali tinha que ter homeopata. (...) A gente precisava de massa crítica. A gente precisava de gente.

As pesquisas atuais apontam para a valorização de novos modos de interpretar a racionalidade médica. Encerrou o professor Fernando, dizendo: “A Homeopatia está na vanguarda e não sabe disso e precisa ocupar o seu espaço.”

Hoje a gente precisa mais é de estar inserido. (...) Eu vejo que o caminho não é o atrito. É dizer que aquilo que eles querem nós temos e podemos oferecer. Não somos os únicos – eu acho que não somos – mas que a gente pode contribuir pela nossa característica. (...) Então, é o que eu vejo que falta, apesar da Escola médica ser muito tradicional. Mas a turma nova tem outra cabeça, não tenha dúvida. Se você vai para um congresso da ABEM, você vê que é vanguarda. O que eles querem é isso. Sabe? E a realidade é essa, nós estamos na vanguarda e não sabemos disso. E não estamos ocupando o nosso espaço. Pra mim é nítido e claro. Quando eu chego lá no congresso da ABEM: “Porra, ainda bem que tem um homeopata!” (...). “Ainda bem que tem um homeopata!” Antigamente: “Porra, o que tu tá fazendo aqui, cara? O que a Homeopatia tem a ver com isso?” Hoje não. Disseram: “Que legal a Homeopatia está aqui! Pô, o que vocês estão fazendo? Qual o trabalho que vocês estão realizando? Como é que a coisa está acontecendo lá na UNIRIO?” (...) Então, a gente está numa outra, está num outro capítulo, diferente.

Com relação a essa integração da Homeopatia às demais atividades da EMC, foi dito que no futuro o apoio internacional (MOREIRA, 2005) poderá facilitar a organização do Mestrado e Doutorado em Homeopatia na EMC, com forças do exterior e do Brasil, com metodologia cartesiana (professor Aurélio).

E no futuro, com forças de fora, do exterior e do próprio Brasil, tentar fazer – e eu espero que seja nessa Escola – um curso de mestrado e doutorado. Mas vai ter que se aproximar, sem sombra de dúvidas, não de um modelo único, mas dessa corrente majoritária que é o pensamento científico, que é a metodologia cartesiana, que é o que norteia a prática médica no Brasil. Vai ter que se aproximar, não pode ficar hermeticamente própria dentro dos seus limites, porque isso me parece que vai impedir com que haja trocas, impedir o progresso e, certamente, vai por em risco esse tipo de atividade. Esse é o meu pensamento.

A entrada da Homeopatia como uma especialidade no seio da comunidade universitária da UNIRIO foi ressaltada pelo professor Marcelo, alopata, como um dos três grandes avanços no ensino médico que viu em 29 anos de prática médica, mesmo comparando com outras Escolas médicas do Rio de Janeiro:

Nesses 29 anos de Escola de Medicina e Cirurgia, penso que esta questão, que foi a entrada da Homeopatia como uma especialidade (...) no seio de uma comunidade, como uma especialidade médica pronta, foi o grande avanço que eu vi dentro da Escola. Eu não consegui ver isso em nenhum outro setor. (...) Eu estou falando dentro do ensino médico. (...) Provavelmente deve existir em algum outro ponto do Brasil algum lugar que tenha avançado tanto. Foi um dos grandes avanços, se não foi um dos três maiores avanços que a Escola de Medicina deu foi sair de uma medicina optativa, relegada a segundo plano, às vezes, pelos alunos. Acho que a coisa começou um pouco por ali, os alunos começaram a ter interesse, e aí hoje você ter residência, especialização e só falta um *stricto sensu*, não é? O problema do *stricto sensu* me parece massa crítica só. (...) Mas você já está num mestrado em Homeopatia. Você já é uma pessoa que será massa crítica para poder se pensar no [mestrado].

O bom relacionamento entre a UNIRIO e o IHB foi levantado pela professora Alice, ao citar a existência de um convênio (Protocolo de Intenções, de 2008) assinado e vigente entre ambas, com o objetivo de estabelecer intercâmbio técnico-pedagógico:

O professor Albertino assinou, (...), depois eu. Quando o Reitor assinou com o Fernando em 2000, ele tinha um prazo de quatro anos. E a gente não atentou. Quando a gente viu o negócio estava vencido. Porque, inclusive (...) das desculpas que eu dei de ter me afastado da UNIRIO, é que eu estava cumprindo o convênio IHB e UNIRIO fazendo aqui [no IHB] (...). Porque ao final das contas aqui é UNIRIO. A sede da UNIRIO é o mesmo endereço. Aí, fomos ver o convênio: o convênio estava vencido, quer dizer, ficamos, assim, descobertos. Mas aí ela assinou de novo o convênio, ficou um “gapizinho”, mas aí ela assinou. Então esse convênio ainda tem mais três anos e meio de prazo de validade. Nesse convênio está toda a colaboração. Tudo o que se fizer o convênio cobre. É um convênio “guarda-chuva”, assim, ele cobre tudo: colaboração técnico-científica, aulas, tudo o que você possa imaginar.

Confirmando a análise de GOODSON (2005) sobre as disputas por território e poder, o professor Fernando citou a questão patrimonial envolvendo a UNIRIO e o IHB, acentuando que no processo de federalização houve uma perda de espaço do IHB tanto na questão acadêmica quanto na organizacional, perdendo totalmente a gerência da universidade. Em contrapartida, foi criado o Departamento de Homeopatia na universidade. Cita como está hoje a questão da divisão imobiliária originariamente do IHB, entre este e a EMC/UNIRIO:

O Instituto foi se afastando, não só na questão acadêmica, quanto na questão organizacional. Na época o governo emprestou um dinheiro pro Instituto pra construir a Escola, porque aquele terreno lá da Frei Caneca, 94, onde está o Instituto, foi uma doação do governo. E no momento que o Instituto pegou [o empréstimo oficial] para (...) construir a Escola, aí o Instituto reverteu a doação – um negócio muito maluco. Na época, quando eu era o presidente do Instituto, que eu estava tentando resolver as questões do Instituto com a UNIRIO, pra entrar no entendimento daquele terreno lá que é uma confusão do caramba, que foi um desdobramento da doação na qual o Instituto cedeu o prédio da Higiene e do Anatômico. (...) Então ele perdeu também, nessa separação do IHB com a UNIRIO, não foi somente uma questão acadêmica, na qual o Instituto perdeu a gerência da Universidade, que não tem. E não tem nenhuma hoje. Perdeu naquela época, nos anos vinte, trinta, e não recuperou.

O professor Fernando ressalta, em contrapartida, a importância do ensino de Homeopatia contar com um Departamento de Homeopatia ligado à universidade em questão:

Mas estatutariamente, no estatuto da Faculdade, obrigou a criação de um Departamento de Homeopatia, com o ensino das Disciplinas, que se perpetua durante todos esses anos. Que ficou de uma forma estatutária e, hoje eu falo, tradicional, porque eu não vi, nem encontrei, nem perguntei, nem vou perguntar se existe essa, ainda, obrigatoriedade da permanência do Departamento. Não vou botar uma coisa... fragilizar aí, (...) deixa isso pra lá. Então, ninguém pergunta, eu sei disso, mas vou ficar na minha porque ter um Departamento dentro de uma Universidade é um negócio importante.

Essa preocupação, sentida na observação do professor Fernando, não foi observada nas informações colhidas com os demais entrevistados, especialmente os alopatas, em cujas falas parece que a Homeopatia adquiriu uma posição de relativo reconhecimento e estabilidade dentro da EMC/UNIRIO.

Propostas de aproximação, como o Protocolo de Intenções (2008), objetivam a realização de intercâmbio e cooperação entre UNIRIO e o IHB, nos campos culturais, científicos, administrativos e técnico-pedagógicos, de modo a permitir o desenvolvimento de áreas de interesse mútuo ou comunitário.

Entre elas, destacam-se os Projetos Científicos, de Pesquisa, Extensão e/ou de Ensino, sob a forma de convênios/contratos, que devem indicar o Plano de Trabalho e os recursos necessários, materiais e humanos, prazo provável de duração, para estudo pelos órgãos técnicos de ambas as Instituições, que apreciam a sua exequibilidade.

Há muitos desafios a serem enfrentados para a recuperação do prestígio da Homeopatia, não só na UNIRIO, como no Rio de Janeiro e no país. A mudança de foco na universidade em questão ficou clara: o objetivo principal deixou de ser o de formar

homeopatas e sim auxiliar na formação integral do médico. Também ficou patente a abertura para a pesquisa em Homeopatia na EMC/UNIRIO, bastando para isso a organização dos homeopatas ligados à IES.

No capítulo seguinte apresento as conclusões do trabalho.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES

Apresento agora as conclusões colhidas com o apoio dos teóricos da História do Currículo, com o conteúdo das entrevistas e com os documentos pesquisados, ao término dessa pesquisa.

O ensino da Homeopatia encontra-se estabelecido na Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO. Isso se deve ao resultado das lutas travadas pelos homeopatas desde a vinda da Homeopatia para o Brasil, sendo estabelecida a liderança do Instituto Hahnemanniano do Brasil, como coordenador dessa especialidade médica em nosso país, especialmente no Rio de Janeiro, capital do Império e República. De início, defendiam a Faculdade de Medicina Homeopática que formasse médicos aptos à prática da Medicina com ênfase em Homeopatia. Em 1912, a sua sucessora, a Faculdade Hahnemanniana, atingiu o seu apogeu na década de 1920. Após sucessivos atos governamentais, perdeu suas regalias, com a indicação de médicos alopatas para o seu corpo docente e sua diretoria. Não foram suficientes os esforços dos mestres de então. A Faculdade Hahnemanniana se transformou na Escola de Medicina e Cirurgia, em 1924. Depois, pertenceu à FEFIEG, em seguida à FEFIERJ e, finalmente, à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

O que lhe era vital, o ensino para formar médicos homeopatas, perdeu a importância original caindo em descrédito e, a partir de 1932, foi desvalorizado e transformado em facultativo, devido a sucessivos episódios que vão desde propagandas contrárias nas mídias a um movimento internacional de valorização dos tratamentos alopáticos, medicina de alta complexidade e super-especialização, ao estabelecimento de paradigmas de pesquisa e, por fim, a aceitação das conclusões do relatório Flexner. Até que, em 1943, a EMC foi federalizada.

Em 1979 surgiu a UNIRIO como resultado da fusão de diversas faculdades. Por seu lado, a Homeopatia veio a ser reconhecida como especialidade médica em 1980, fato que foi um divisor de águas com relação à sua aceitação oficial e seus desdobramentos. Apesar do descrédito da Homeopatia no ensino universitário do país, de 1999 a 2009 foram promovidos eventos capazes de alavancar a Homeopatia na UNIRIO e no país: a Reforma Curricular da UNIRIO implicou uma valorização do ensino dessa especialidade, que teve como consequência a transformação da disciplina Matéria Médica Homeopática de caráter optativo

em obrigatório (em 1999). A seguir, surgiu a primeira Residência Médica em Homeopatia do país, no HUGG/EMC (em 2004). E, finalmente, a pós-graduação em Homeopatia *lato sensu* para a formação de especialistas, recebeu a chancela da UNIRIO (em 2007).

Antes da pesquisa, eu havia levantado a hipótese de que a Homeopatia não conseguira atingir o seu ideal de desenvolvimento e integração à academia por conta de divergências com a Alopatia. No decorrer do estudo, em função das entrevistas e da análise documental efetuada, pude perceber claramente que não houve uma hostilidade à Homeopatia por parte dos professores alopatas da EMC/UNIRIO. A maior dificuldade foi a interna, proveniente da ação, ou da falta de ação, dos próprios homeopatas. Pude perceber um clima de admiração por parte de muitos docentes alopatas ouvidos, alguns ex-alunos da EMC, com formação mínima em Homeopatia. Muitos manifestaram, mesmo, o desejo de colaborar com o desenvolvimento de pesquisas para a inclusão da especialidade na academia. A ressaltar que aos homeopatas engajados coube assumir uma posição de luta, pesquisando e divulgando a especialidade.

Existem, já, parcerias entre pesquisadores não homeopatas e homeopatas (ABIB, 1996 *apud* SALLES, 2008, p. 200), na elaboração de projetos de pesquisas para

avaliar a recuperação da sensibilidade ao desconhecimento inerente ao espírito científico. Esses trabalhos reafirmam a função da academia e de um dos seus valores ou capitais simbólicos: a busca por um caminho novo para validar um saber, e prática, não hegemônicos, mas que têm demonstrado, pelo aumento de demanda e de publicações, crescente densidade social e científica.

Durante as entrevistas, alguns alopatas sugeriram que a Homeopatia buscasse: (1) Revalidar a Residência Médica em dois anos e propor o terceiro ano (R3); (2) Realizar pesquisas validando os resultados obtidos, buscando construir protocolos de tratamentos e facilitar a avaliação de resultados; (3) Investir na formação de massa crítica, para poder propor o mestrado e o doutorado em Homeopatia, na UNIRIO; (4) Implementar trabalhos conjuntos de acompanhamento nas enfermarias de Pediatria, Cirurgia, Obstetrícia, Pneumologia etc.; e (5) Criar uma enfermaria de Homeopatia no HUGG.

Muitos entrevistados acenaram positivamente para novas perspectivas na interpretação do binômio saúde-doença com abertura para novas formas de curar. Houve posicionamentos e sinalizações contra a excessiva especialização do médico e contra atitudes direcionadas para a atenção e para recursos centrados na assistência hospitalar, valorizando especialidades cirúrgicas ou que comportassem procedimentos complementares mais lucrativos.

Nas falas dos entrevistados, confirmei um fato que a experiência tem demonstrado largamente: o afastamento, no curso médico, da formação do tradicional “médico de família”. O retorno à Medicina da Família e da Comunidade deve ser buscado como solução para evitar a ausência do médico clínico tradicional nos ambulatórios, principalmente do SUS, com conseqüências negativas para o desenvolvimento de uma medicina social.

Estou argumentando contra o desaparecimento de especialidades clínicas e de especialidades que não envolvam uma base preventiva. Os convênios médicos foram, também, apontados como causa de desestímulo à prática clínica simples, a do médico clínico, primeira linha no “*front*” para defesa da saúde.

A Homeopatia deve hoje ocupar o espaço que lhe cabe: o de uma medicina que escuta a queixa do paciente, deixando-o falar, examinando-o, tratando-o e acompanhando-o. Na visão homeopática não há doenças e sim doentes (argumento que precisa ser entendido no seu profundo significado). Ou seja, o foco dessa especialidade encontra-se no sujeito e em sua individualidade. A Homeopatia oferece aos pacientes uma “escuta atenta e não direcionada, oferecendo um espaço propício para que aflorem as reflexões e necessidades individuais, além dos sintomas da doença” (SALLES, 2008, p. 195).

As minhas conclusões, com os entrevistados, apontam no sentido de que a visão mais amadurecida é a da complementaridade: a Homeopatia, como a Alopatria, não cura tudo. Agindo em conjunto, numa visão de complementaridade e transdisciplinaridade, podem realizar mais. Cada caso é um caso e, da discussão, nasce a luz. Há casos e casos, doenças e doenças, doentes e doentes. Assim, protocolos podem ser acordados e construídos, de parte a parte, para melhor beneficiar os verdadeiros interessados: os pacientes.

Como afirma SALLES (2008), a Homeopatia tem-se mostrado eficaz em situações da prática médica nas quais a Alopatria não tem os mesmos resultados e, ao mesmo tempo, é limitada para os casos em que a Alopatria se sai melhor. A idéia de complementaridade entre ambas, como forma de se estabelecer uma convivência no campo, é uma solução. A aceitação dos limites de competência é a negociação implícita no processo. A Homeopatia se destina à alteração do senso comum, dedicando-se ao tratamento dos quadros agudos e de urgência, para que, pelo cotejamento de resultados, também demonstre o seu valor.

Hoje, mais do que ontem, é preciso trocar a quantidade pela qualidade. Utilizar-se desta para atender àquela. O ideal de formar homeopatas para garantir o sucesso da Homeopatia parece necessitar ser substituído por outro: utilizar no ensino médico o arsenal homeopático, teórico e medicamentoso, direcionando para a boa prática, na formação do

médico de qualidade – homeopata ou alopata. Esse objetivo contempla o contido nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina³⁷.

A luta por espaço (GOODSON, 2003) revelou-se questão de disputa entre o IHB e a UNIRIO. Chegou-se ao caminho judicial, esgotadas todas as possibilidades de diálogo. A doação parcial do espaço do IHB foi feita à EMC e não à UNIRIO. A UNIRIO estava ocupando os espaços utilizados, como dependências de salas de aula, laboratórios, sem honrar o pagamento do empenho acordado, o que fez o IHB se sentir acuado. Fatores internos (SANTOS, 1990) também influenciaram nas tratativas entre o IHB e a UNIRIO.

Posso afirmar que os rumos seguidos pelo ensino de Homeopatia no Rio de Janeiro confirmaram as hipóteses dos estudiosos de história do currículo e das disciplinas, segundo as quais fatores internos, externos e internacionais afetam as escolhas, as continuidades e as mudanças na trajetória de uma disciplina.

Esta pesquisa me sugeriu sempre ter existido um ensino homeopático de qualidade, regular e eficaz, na EMC/UNIRIO. Os graduandos recebem sólidas noções sobre a especialidade com formação focada no indivíduo, visão diferenciada muito útil em sua prática médica, mesmo que não optem por serem homeopatas. Este é um diferencial apontado como positivo na formação médica na EMC/UNIRIO. Esse fato teve desdobramentos no que diz respeito à tradição da Homeopatia na EMC, pois, muitos docentes da universidade, entre eles a maioria dos entrevistados, possuíam noções da especialidade e compreendiam e apoiavam as lutas pelo ensino da Homeopatia na IES, tendo sido alunos da graduação dessa IES.

A Homeopatia, como ciência médica e as atividades homeopáticas na EMC/UNIRIO, por esse fato, gozam de respeito e admiração por parte dos docentes alopatas da instituição, que vêem com bons olhos a sua inclusão no currículo médico. Assim sendo, o foco atual do ensino de Homeopatia na EMC/HUGG já não é mais o de formar homeopatas e sim o de auxiliar na formação do médico, direcionada para uma visão holística e individualizada do paciente, colaborando em equipes multidisciplinares.

Apesar disso, persiste a visão entre os entrevistados de que os homeopatas permanecem separados, sem buscarem juntos soluções válidas para os problemas enfrentados pela especialidade.

³⁷ RESOLUÇÃO CNE/CES N° 4, de 7 de novembro de 2001, que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina, do Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Superior (pesquisa GOOGLE).

A mim me parece claro que nos trâmites ocorridos entre a EMC e o IHB, o segundo perdeu em termos de patrimônio e influência na gestão da EMC, não tendo, hoje, nenhuma autoridade sobre o ensino médico da UNIRIO. O IHB permaneceu com parte do patrimônio inicial e em troca foi criado o Departamento de Homeopatia da EMC/UNIRIO. Embora represente perda de *status*, prestígio e poder, esse fato foi de fundamental importância para o reconhecimento da Homeopatia na IES, a manutenção do ensino da Homeopatia e seus desdobramentos. Some-se a isso a questão do respeito à tradição homeopática nas origens da EMC/UNIRIO.

Os fatos me sugeriram uma ação persistente e eficaz, mesmo que isolada, de docentes ligados ao Departamento de Homeopatia da EMC/HUGG para a recuperação e manutenção do prestígio da especialidade na universidade. É significativo o fato de a Homeopatia estar trabalhando em conjunto com os demais setores da universidade para se beneficiar de decisões tomadas *in blocos* e não em separado. A idéia que permanece é a da complementaridade: Homeopatia mais Alopática. Complementares, não excludentes.

Fato que me surpreendeu, foi a afirmativa de um dos entrevistados de que considerava a passagem do ensino de Homeopatia de opcional para disciplina obrigatória como um dos grandes avanços registrados na UNIRIO em seus 29 anos de prática docente.

Outra citação que destaco é a de que existe um desinteresse pela procura de especialidades clínicas por não prestarem serviços adicionais que possibilitem maiores rendimentos, bem como os baixos honorários auferidos com os planos de saúde e devido ao aumento das despesas operacionais.

A hipótese de GOODSON (2003), que afirma competirem as disciplinas entre si por espaço e poder foi confirmada quando, segundo as informações colhidas nas entrevistas, a Universidade do Brasil, hoje UFRJ, que detinha a hegemonia do ensino médico no país, colocava empecilhos para que uma nova faculdade de medicina, sobretudo homeopática, se apresentasse no cenário nacional. As disciplinas do currículo da graduação médica lutavam por espaço, sendo clara a perda de prestígio da Homeopatia dentro da IES citada, sendo suas disciplinas reduzidas a optativas. Foi verificada a existência de lutas entre a UNIRIO e o IHB por espaço e facilidades no prédio da Frei Caneca, sendo evidenciado que a UNIRIO não vinha fazendo o repasse do empenho devido ao IHB pela utilização de espaço físico desta instituição. Por outro lado, os funcionários e alunos da UNIRIO acreditam-se proprietários do imóvel e há uma cultura de que os homeopatas são beneficiados por privilégios injustificáveis na IES.

A compreensão da existência de lutas internas entre os próprios homeopatas foi interpretada segundo SANTOS (1990). Faltaram esforços e trabalho conjuntos entre eles para promover o estudo da especialidade. A pesquisa permitiu concluir que houve ações solitárias, mas eficazes, de alguns idealistas, que conseguiram êxito graças ao empenho e à postura aceita pelos demais docentes alopatas e pela direção da IES.

Fatores externos como restrições decorrentes de decretos, nomeações e medidas governamentais foram cerceadores do exercício e do ensino da Homeopatia na EMC (SANTOS, 1990). Ao mesmo tempo, o reconhecimento pelo Ministério da Saúde e a inclusão no SUS possibilitaram a inclusão da Homeopatia como especialidade médica no CFM.

Com base na discussão da literatura sobre transferência educacional e história do currículo, MOREIRA (2005) propôs um enfoque triangular para o estudo da emergência e desenvolvimento do campo do currículo no Brasil sob influência norte-americana e de seus rumos posteriores. Com base nessa perspectiva, cabe ressaltar a origem alemã da Homeopatia, a influência das universidades européias na formação do médico no Brasil Colônia, o modelo de ensino médico alemão e do francês nas primeiras faculdades de medicina do país, bem como a influência dos EUA no direcionamento para a super-especialização médica. Destaquei, ainda, as consequências do relatório Flexner, com reflexos que chegam aos dias atuais no ensino e na prática médica.

Com base nas entrevistas e na análise dos documentos, observei um fator muito influente nos rumos do ensino da Homeopatia no país: a força dos fatores institucionais da UNIRIO, de sua cultura e de sua tradição, variável que não constava das hipóteses de trabalho de GOODSON.

Na construção da tradição, é preciso lembrar que a UNIRIO teve sua origem na Faculdade Hahnemanniana surgida em 1912 para formar médicos com ênfase em Homeopatia. Entretanto, seu ensino foi sofrendo uma redução pelos fatores externos já apresentados, tendo permanecido algumas disciplinas homeopáticas, de caráter optativo. Esse saber médico sempre interessou e atraiu os graduandos. Embora com espaço reduzido na grade e mesmo sem espaço, as disciplinas eram ensinadas até na “hora do almoço”, possibilitando-lhes uma formação básica na especialidade.

A maioria dos docentes entrevistados nesse trabalho foram ex-alunos que, apesar de alopatas, tinham uma compreensão dos princípios da Homeopatia e não se opuseram e mesmo aderiram aos esforços pela inclusão no currículo da disciplina obrigatória Matéria Médica em Homeopatia, bem como das atividades hoje realizadas pelo Departamento de Homeopatia da

EMC/UNIRIO. O fator institucional, ilustrado pela tradição, se impôs nesta IES apesar de todas as críticas em contrário e perspectivas, inclusive internacionais, que viam a Homeopatia como não científica e distante dos parâmetros usualmente aceitos.

O estudo evidenciou uma ambigüidade no campo da Homeopatia: ainda que seja reconhecida como um saber profissionalizante, a Homeopatia não é ensinada ou ao menos informada a todos os futuros médicos, mas apenas a uma minoria deles. A Homeopatia não é, hoje, apenas beneficiária da crise da Alopatria. É também responsável por provocar reflexões que questionam paradigmas usualmente aceitos, desafiando o modelo alopático que se vem tornando hegemônico. Pode-se argumentar em defesa da Homeopatia que ela é capaz de recuperar a dimensão humanística da profissão, ao promover uma abordagem integral do indivíduo.

Em resumo, a Homeopatia é muito mais voltada para a terapêutica do que para a diagnose. Se em alguns aspectos essa perspectiva parece diminuí-la, em decorrência da baixa complexidade de suas ações, que envolvem uma tecnologia reduzida, pode também promovê-la, por incrementar sua possibilidade terapêutica em campos nos quais a Alopatria não consegue ser eficaz.

A presente dissertação de mestrado não pretendeu esgotar o assunto pesquisado, mas chama a atenção para a possibilidade de novas pesquisas no campo do ensino da Homeopatia por meio de estudos em outros estados do país e estudos comparados internacionais.

Algumas questões podem ser levantadas para o desenvolvimento de pesquisas a serem realizadas *a posteriori*: (1) Por que só na UNIRIO a Homeopatia é disciplina obrigatória e não nas demais cento e dezoito faculdades de Medicina do país, apesar de ser uma especialidade médica reconhecida pelo Ministério da Saúde, CFM e Conselhos Regionais de Medicina? (2) A tradição de uma disciplina como a Homeopatia por si só justifica a sua inserção no currículo de uma faculdade de Medicina? (3) Como criar e preservar o ensino homeopático em uma IES? (4) Pode o ensino de Homeopatia auxiliar na formação geral do médico que se forma hoje nas universidades com currículos tradicionais? (5) Como a Homeopatia pode auxiliar a formação do médico generalista? (6) Como se dará, em nosso país, a formação de massa crítica para a introdução do ensino *stricto sensu* em Homeopatia, para o crescimento e a valorização da especialidade com foco na pesquisa? (7) Como desenvolver o conhecimento homeopático pela pesquisa e pelo diálogo com a Alopatria? (8) O que pensam os médicos residentes das demais especialidades médicas acerca da possibilidade de redes de cooperação com a Homeopatia, sobre o seu ensino e prática no HUGG/EMC/UNIRIO? (9) Como melhor

estimulá-las e desenvolvê-las? (10) Que resultados foram percebidos pelos graduados de opção alopática da EMC/UNIRIO acerca da influência que o conhecimento em Homeopatia adquirido na graduação teve sobre o seu saber médico e a sua prática?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Maurício Ribeiro. *A História da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
- BRASIL. *Comissão Mista de Especialidades - convênio entre CFM, AMB e CNRM*. Estabelece uma relação única de 50 especialidades médicas reconhecidas no Brasil, 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. *Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina*. Resolução CNE/CES nº 4, 2001.
- BRASIL. DOU, p. 1 a 10. 2006.
- BRASIL. *Resolução CFM Nº 1845/2008*. D.O.U. de 15 Jul 2008, Seção I, p. 72. Republicada com anexo no D.O.U. 16 Jul 2008, Seção I, p.164-168. Brasília: CFM, 2008.
- BRASIL. *Resolução da Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM)*, 2004.
- BRIANI, Maria Cristina. *História e Construção Social do Currículo da Educação Médica: A Trajetória do Curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP*. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Educação). UNICAMP: Campinas, 2003.
- CHALHOUB, Sidney (Org.) *et al. Artes e Ofícios de Curar no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CORNILLOT, Pierre (Org.). *Tratado de Homeopatia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CORRÊA, Sérgio. *Diretrizes Curriculares Nacionais: o Desafio da Articulação no Ensino Médico*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação do CCBS). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006.
- CUNHA, Luiz Antonio. *Ensino Superior e Universidade no Brasil*. In: Lopes, E.M.T. et al. 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FARIA, Fernando Antonio. *Querelas Brasileiras: Homeopatia e Política Imperial*. 8 ed. Rio de Janeiro: Notrya, 1994.
- FERREIRA, Márcia Serra. *Investigando os Rumos da Disciplina Escolar Ciências no Colégio Pedro II (1960-1970)*. Educação em Revista. (45):127-144, jun. 2007.

FONSECA, Maria Verônica Rodrigues da. *Entre Especialistas e docentes: Percursos Históricos dos Currículos de Formação do Pedagogo na FE/UFRJ*. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Educação). UFRJ: Rio de Janeiro, 2008.

FREITAS, Francisco José de. *A Trajetória do Ensino de Homeopatia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*. VIII Congresso Brasileiro de História da Medicina. Salvador, 2003.

GALHARDI, Wania Maria Papile. *A Formação do Médico Homeopata na Faculdade de Medicina de Jundiá: uma prática de ensino no SUS*. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Medicina), UNICAMP. Campinas: 2005.

GALHARDO, José Emygdio Rodrigues. *Iniciação Homeopática*. Rio de Janeiro: Sondermann: 1936.

GALHARDO, José Emygdio Rodrigues. *A Homeopatia se Preocupa com o Doente*. Rio de Janeiro: Sondermann: 1939.

GOODSON, Ivor F. *A Construção Social do Currículo*. Lisboa: Educa, 1997.

_____. *O Currículo em Mudança*. Porto: Ed. Porto, 2001.

_____. *Currículo: Teoria e História*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Currículos e Programas no Brasil*. Campinas: Papirus, 2005.

_____. *As Políticas de Currículo e de Escolarização*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Da História das Disciplinas ao Mundo do Ensino: Entrevista com Ivor Goodson*. Educação em Revista, v.45. p. 121-126, 2007.

_____. *A Importância do Conhecimento Escolar em Propostas Curriculares Alternativas*. Educação em Revista, v. 45. p. 265-290, 2007.

HAHNEMANN, Christian Friedrich Samuel. *Organon da Arte de Curar*. São Paulo: GEHSP, 1985.

<http://pt.wikipedia.org/wiki> - WIKIPÉDIA – A Enciclopédia Livre. Acesso dia 21 de outubro de 2009.

LÜDKE, Menga L. e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARINO, Renan. *Homeopatia em Saúde Coletiva: Contribuição ao Estudo das Epidemias*. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Medicina de S. J. Rio Preto). São José do Rio Preto: FMSJRP, 2006.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e CANDAU, Vera Maria. *Indagações sobre o Currículo*. Caderno 3: Currículo, Conhecimento e Cultura. Ministério da Educação, 2008.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu da. (Orgs.) *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. *O Currículo da Pós-graduação em Educação da UFRJ: Os Dez Primeiros Anos*. CNPq – Processo nº 30 0601 / 92.1.

O GLOBO ON LINE. *Dom João VI e a Medicina no Brasil - A Faculdade de Medicina da Bahia* - oglobo.globo.com/online/default.asp - Acesso às 21h30, do dia 21 de outubro de 2009.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *As barricadas da saúde. Vacina e Protesto Popular no Rio de Janeiro da Primeira República*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

QUIVY, Raymond e VAN CAMPENHOUDT, Luc. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1998.

SALLES, Sandra Abrahão Chain. *Homeopatia, Universidade e SUS – Resistências e Aproximações*. São Paulo: Fapesp, 2008.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas Trincheiras da Cura: as Diferentes Medicinas no Rio de Janeiro Imperial*. Campinas: Unicamp, 2005.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão. *Perspectivas de Análise*. Teoria e Educação, v. 2, p. 21 a 29, 1990.

SILVA, Manoel Vieira da & PEIXOTO, Domingos dos Guimarães. *A Saúde Pública no Rio de Dom João*. Rio de Janeiro: SENAC, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. In GOODSON, I. F. *Currículo: Teoria e História*. Petrópolis: Vozes, 2003.

UNIRIO - *Alterações no currículo pleno do Curso de Medicina do CCBS*. Resolução nº 2059. 1999.

UNIRIO. *A trajetória do Ensino de Homeopatia na UNIRIO*. Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar/EMC/CCBS/UNIRIO. 2008.

UNIRIO. *Alteração na denominação para Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar*. Resolução nº 2218. 2000.

UNIRIO. *Edital do processo seletivo para os Programas de Residência Médica / 2010-UNIRIO – HUGG* (fonte internet Google – acesso dia 8 de dezembro de 2009).

UNIRIO. *Memorando contendo as alterações curriculares do Curso de Medicina da EMC*. 1999.

UNIRIO. *O Programa de Residência Médica em Homeopatia do HUGG*. Credenciamento provisório. Resolução nº 4, de 23 de dezembro de 2003.

UNIRIO. *Pedido de Credenciamento de Programa de Residência*. 2003.

UNIRIO. *Planejamento de Curso contendo a Reforma Curricular do Curso de Medicina no período de 1998 a 1999*.

UNIRIO. *Programa das Disciplinas do Departamento de Homeopatia e Terapêutica Complementar – DHTC*. 1998.

UNIRIO. *Programa de Extensão: Homeopatia: Saúde e Qualidade de Vida*. 2001.

UNIRIO. *Regimento Geral para os Cursos de pós-graduação Lato Sensu*. Resolução nº 2408. 2002.

UNIRIO. *Residência Médica em Homeopatia – solicitação de credenciamento provisório e R3 opcional*. 2003.

UNIRIO. *Solicitação de Credenciamento e Aumento de Vagas de Residência Médica*. 2006.

www.homeopatiaonline.com - *Homeopatia no Brasil: 2008*. Acesso dia 21 de outubro de 2009.

ANEXO

**CONSELHO DE ENTIDADES FORMADORAS 2003–2005 da AMHB
(Associação Médica Homeopática Brasileira)**

=====
Coordenadora: Dr^a. Lúcia Pires Mesquita. E-mail: lupimesquita@hotmail.com
=====

**01. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECICLAGEM E ASSISTÊNCIA EM
HOMEOPATIA - ABRAH**

Rua Castro Alves, 60 - Aclimação - São Paulo.
Rua Dinamarca, 52 - Jardim Bela Vista. Americana/SP - CEP: 13465.000

02. ASSOCIAÇÃO MÉDICA HOMEOPÁTICA DE MINAS GERAIS - AMHMG

Rua Leonídia Leite, 57 - Floresta. Belo Horizonte/MG - CEP: 31015-300
Fone/Fax: (31) 3446-0087 (31) 3446-0269
E-mail: amhmg.bhz@terra.com.br site: www.amhmg.org

03. ASSOCIAÇÃO MÉDICA HOMEOPÁTICA DO MATO GROSSO DO SUL - AMHMS

Rua Frederico Kondorfer, 117 - Jardins dos Estados. Campo Grande /MS -
CEP: 79020-270
Fone/Fax: (67) 725-9408. E-mail: amhms@terra.com.br

04. COLÉGIO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA CONSTANTINE HERING

Rua Albino SILVA, 270 - Bom Retiro. Curitiba/PR - CEP: 80520-210
Fone: (41)338-7920 cheringhomeopatia@bsi.com.br

05. ESCOLA PAULISTA DE HOMEOPATIA - EPH

Rua Estado de Israel, 639. Vila Clementino - São Paulo - SP
Fones: (11) 5571-8583 / 5573-3946 / 5573-9828 Fax: (11) 5570-1291
E-mail: aph.cursos@aph.org.br Site: www.escoladehomeopatia.org.br

06. FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE SÃO PAULO - (FACIS-IBEHE)

Rua Bartolomeu de Gusmão, 86 - Vila Mariana. São Paulo/SP –
CEP: 04111-020

Fone: (11)5084-3141 - Fax: (11)5084-3135 - 50849085. E-mail: ibehe@facis-ibehe.com.br

07. FUNDAÇÃO CENTRO GAÚCHO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM HOMEOPATIA
- CECEPH

Rua Eça de Queiroz, 229 – Petrópolis. Porto Alegre/RS - CEP:
Fone: (51) 3388-4864 / Fax: (51)3333-1929 E-mail: cegeph@ig.com.br

08. FUNDAÇÃO DE ESTUDOS MÉDICOS HOMEOPÁTICOS DO PARANÁ - FEMHPR

Rua Carlos Pioli, 751 - Bom Retiro. Curitiba/PR - CEP: 80520-170
Fone: (41) 338-6316 E-mail: femhpr@femhpr.org.br

09. FUNDAÇÃO HOMEOPÁTICA BENOIT MURE - FHBM

Rua Lauro Müller, 700 - L - Centro. Itajaí /SC - CEP: 88301-401
Email: shgt@matrix.com.br (secretária: Gabriela)

10. INSTITUTO HANHEMANNIANO DO BRASIL - IHB

Rua Frei Caneca, 94 - 2º andar – Centro. Rio de Janeiro/RJ –
CEP: 20211-040 - Fone: (21)221-1831- Fax: (21) 232-6376
E-mail: ensino@ihb.org.br

11. INSTITUTO DE HOMEOPATIA JAMES TYLER KENT - IHJTK

Rua Moura Brasil, 52/1101 – Laranjeiras. Rio de Janeiro/RJ –
CEP: 22231-200
Fone/fax: (21) 553-5566 - 553-3377 E-mail: ihjtkent@alternex.com.br

12. INSTITUTO DE HOMEOPATIA SAMUEL HAHNEMANN - IHSB

Rua Riachuelo, 970 - Centro. Piracicaba/SP - CEP: 13400-510
Fone: (19)422-5052 / (19)3402-4818 E-mail: samuelh@terra.com.br

13. INSTITUTO DE SAUDE INTEGRAL - ISI

STN Cj O ED. Life Center Salas 45/47/49. - Asa Norte. Brasília/DF -
CEP: 70620-000.
Tel: (61) 272-1887 E-mail: isi@persocom.com.br

14. INSTITUTO HOMEOPÁTICO FRANÇOIS LAMASSON - IHFL

Rua Américo Brasiliense, 1418 – Centro. Ribeirão Preto/SP –
CEP: 14015-050
Fone: (16)636-8889 Fax: (16) 636-5065 E-mail: lamasson@netsite.com.br

15. INSTITUTO HOMEOPÁTICO DR. SAMUEL HAHNEMANN

Rua Comendador Leão, 946 - Poço. Maceió/AL - CEP: 57025.000
Fone: (82) 22-3133 E-mail: ihshalagoas@bol.com.br

16. INSTITUTO MINEIRO DE HOMEOPATIA - IMH

Rua Brumadinho, 275 - 2º andar – Prado. Belo Horizonte/MG –
CEP: 30410-120
Fone: (31) 3332-9417 - (31) 3371-3682 E-mail: secretaria@imh.com.br.
imh@imh.com.br

17. SOCIEDADE DE HOMEOPATIA DE PERNAMBUCO - SHP

Rua Dom Bosco 1072/203 - Boa Vista. Recife/PE - CEP: 50070-070
Fone/Fax: (81) 3223-0083 / 3074-0400 E-mail: shp@truenet.com.br

18. SOCIEDADE MÉDICA HOMEOPÁTICA DA BAHIA - SMHB

Av. Antonio Carlos Magalhães, 811 - Sala 602 – Pituba. Salvador/BA -
CEP: 41825-000.
Tel: (71) 4511471 Fax: (71) 452-3052 E-mail: smhb@ig.com.br

19. SOCIEDADE HOMEOPATICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - SOHERJ

Rua Columéia, 60 - Freguesia – Jacarepaguá. Rio de Janeiro/RJ - CEP:
22750-220 - Fone: (21) 447-3317.

20. SOCIEDADE MÉDICA DE UBERLÂNDIA - SMU

Av. Cesário Alvim, 02 – Centro. Uberlândia/MG - CEP: 38400-096
Fone/Fax: (34) 3236-0888 E-mail: smu@triang.com.br

21. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO GAFRÉE E GUINLE – Rua Mariz e Barros, 775, Tijuca
20270-004 - Rio de Janeiro - RJ
Fone: (21) 2264-5844 Site: www.unirio.br

22. CESAHO - CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM HOMEOPATIA -

Av. Carlos Martins Sodero, 269. Piracicaba/SP - CEP 13.418-385.

Fones (19)3435 2514 - 3433 5695

e-mail: cesaho@terra.com.br

Cursos de Formação em Homeopatia para Cirurgiões Dentistas,
Engenheiros Agrônomos, Médicos e Médicos Veterinários Curso de
Iniciação Científica e de Formação de Pesquisadores.